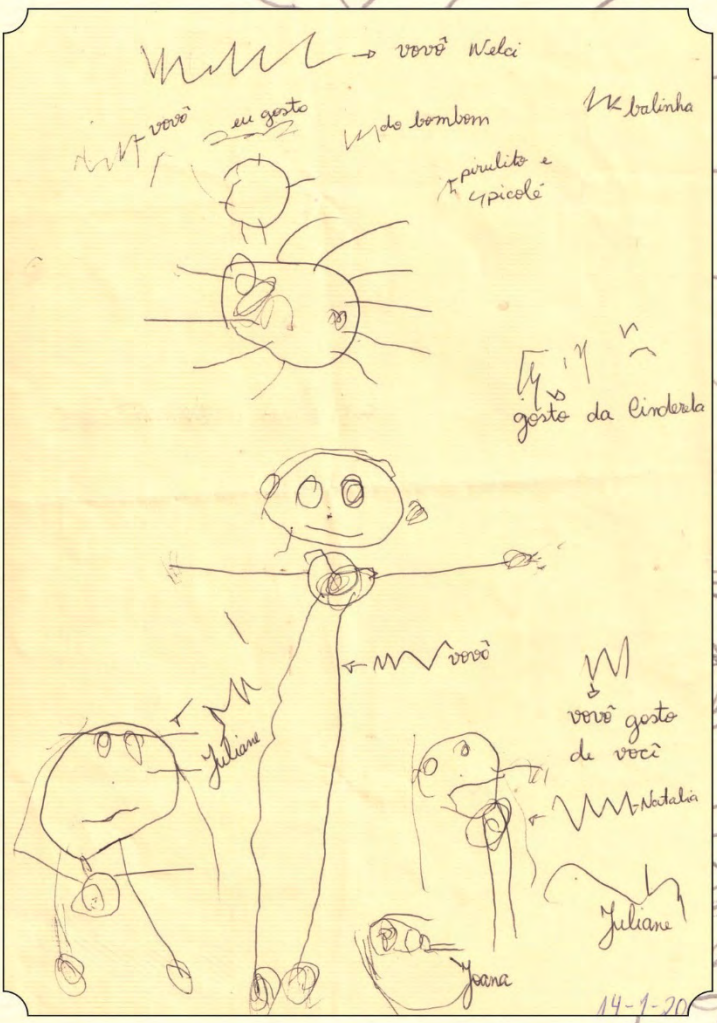
Construindo a Vida



WELCI NASCIMENTO

Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Construindo a Vida, de Welci Nascimento, é muito mais do que um livro: é o testemunho de um humanista. Somente um homem com um sentimento integral da condição humana escreveria o que ele escreveu e da maneira como escreveu.
Ler esta obra, ainda nos originais, é muito mais do que uma honra; é uma bênção.
Você, leitor, tem as suas mãos uma lição de Vida, de Alma, no sentido etimológico do termo.
Obrigado, Confrade Welci Nascimento, por esta grande obra.

Paulo Monteiro - Ex-presidente da Academia Passo-Fundense de Letras.

Welci Nascimento

Construindo a vida

Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2015

Welci Nascimento

Construindo a vida

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2015

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br
e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a autorização do Autor.

Revisado pelo Autor em: 23/04/2015
Capa: Garatuja: Joana Nascimento de Mattos, aos 2 anos de idade em 14/01/2000.

N244c Nascimento, Welci
Construindo a vida / Welci Nascimento. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2015.
106 Kb ; PDF.
ISBN 978-85-8326-123-0

Modo de acesso: World Wide Web: <http://www.projetopassofundo.com.br>.

1. Rio Grande do Sul – História. I. Título.

CDU: 981.65

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

CONSTRUINDO A VIDA são apontamentos e vestígio

que servem de lembranças.

São reminiscências.

Ofereço-as à minha família

“Lembra-te dos dias antigos, considera os anos das gerações passadas. Interroga teu pai e ele contará, teus anos e eles te dirão” (Dt. 32,7).

"Eu sou o caminho, a verdade e a vida"

(Jesus Cristo)

"A vida não é a que a gente viveu e sim a que a gente recorda para conta-la".

(Gabriel Garcia Marquez)

A nossa rua Mostardeiros - Passo Fundo/RS

1.

Eu e a Clair somos naturais de Palmeira das Missões. Nascemos na década de 30 do século passado. Tempo das revoluções e das transformações sociais no Brasil. No entanto, por adoção, somos passofundenses de coração. Há décadas moramos neste chão.

Moramos na rua coronel Mostardeiro, número 213.

Uns dizem que moramos no bairro Nonoai, outros afirmam que é no bairro Operária e a prefeitura diz que moramos no bairro Boqueirão.

O que eu sei, é que moramos, mais ou menos, no lugar onde havia o famoso "mato do barão", que amedrontava as pessoas que por ali passavam, especialmente, à noite. Diziam que o lugar era mal assombrado e que havia muito dinheiro enterrado. Até um livro já foi publicado, contando a história.

O tempo foi passando e as coisas foram mudando.

O "mato do barão" virou um centro médico moderno. Para este lugar convergem, diariamente, centenas de pessoas da cidade e da região norte do Rio Grande do Sul, procurando assistência, médica. Comenta-se que logo será instalada uma faculdade de medicina. As áreas de terra valorizaram muito, por aqui.

A nossa casa de alvenaria é pequena. O suficiente para abrigar nós dois e ainda sobra um pouquinho. O terreno também é pequeno. Cabe uma laranjeira, dois limoeiros, alguns arbustos, flores e folhagens cultivadas pela Clair, com muito gosto.

Na primavera tudo são flores.

Certo dia de verão, do ano 2010, chovia.

Não era uma chuva muito forte, mas o suficiente para molhar as roupas que a Clair colocara no varal. Ela, correndo, saiu; para recolher as roupas, que estavam estendidas no fundo do quintal. Ao se aproximar do pé de laranjeira, que fica ha dois metros da nossa casa, a Clair avistou um ninho de pássaro. Ele se localizava numa forquilha da laranjeira, um pouco acima da sua cabeça. Ela olhou e viu, que era um ninho de sabiá. Pássaro estimado pelo seu canto e encantado pelos poetas.

Ninho, que doçura de nome!

É a habitação dos pássaros, feito por eles mesmos, para a postura dos ovos e para a criação dos filhotes.

Ninho, berço de folhas e folhagens, habilidade, dedicação... é o que nos lembra a delicada morada, cheia de aconchego, onde as aves abrigam seus filhotes.

O ninho era de um sabiá.

O sabiá se assusta, ao pressentir a aproximação da Clair. Parece que ele estava se preparando para voar.

Seria seu primeiro voo?

Talvez.

A aproximação da Clair assusta o pássaro e, este, por sua vez, também assusta a minha esposa. O pássaro, pequenino, acaba caindo do ninho, mas é amparado pelas mãos delicadas de uma mulher.

Eu estava por ali e procurei colocar o pássaro numa gaiola velha que estava perto da nossa casa, sem uso. A gaiola não é o lugar preferido dos pássaros. No outro dia, bem cedo, abri a gaiola e lá se foi o sabiá.

Um sabiá, certamente fêmea, rondava o filhote no beiral da casa do nosso vizinho, próximo da laranjeira. Os filhotes de sabiá ao abrir os olhos, mexem-se, agitam-se, aproximam-se das bordas do ninho e voam, voam...

Ao voar, quantos inimigos terá o sabiá, pelo mundo a fora? No aconchego do ninho, não há o que recear. O difícil é sair, por aí. É preciso que a mãe o ensine a voar. A mãe parece dizer:

- Venha, não tenhas medo!...

- Não custa nada andar!...

Para o pequeno filhote, exige-se um ato de

coragem.

O sabiá, lá de casa, saiu e foi voando, voando... Só ficou o ninho.

Quem já não observou a construção de um ninho?

O pássaro, pouco a pouco, agita-se para esse fim amoroso.

Escolhido o sítio, ele voa e revoa. Ei-lo que vai, ei-lo que volta, trazendo no bico uma terrinha, um raminho de musgo, um fio de linha, uma florzinha... Entra, sorrateiramente, nas capoeiras, nos caponetes dos galhos, nas capoeiras e aproveita as pedras caídas, dão-lhe a devida forma e reveste-o, por fim, de uma almofada fofa, onde os pequenos hão de nascer. Se melhor material não encontra, arranca do próprio peito a penugem mais leve. O aconchego do ninho, tão bem preparado, aguarda o nascimento do filhote.

O ninho

2.

Desde menino, mudando de conversa, eu costumava ouvir a estória de algumas pessoas ingratas. Ela me levava a refletir, profundamente.

A ingratidão é a falta de reconhecimento. Diria que é não ser grato, agradecido. O ser humano, às vezes, não consegue reconhecer o que a outra pessoa realiza em seu favor. Esquece.

Vou contar essa estória para os nossos netos, os mais pequenos, principalmente.

"Como os dedos da mão, um pai tinha cinco filhos. O mais velho fez-se lenhador, o segundo, carregador; o terceiro, lavrador; o quarto, vendedor e o quinto, moleiro, aquele que mói cereais, dono de moinho.

Pois bem, certo dia, o pai vendo-se muito velho e não podendo mais trabalhar, foi bater à porta do filho mais velho e disse-lhe:

- Filho, criei-te e fiz-te gente. Hoje ganhas tua vida e eu já não posso ganhar a minha. Dá-me agasalho em tua casa.

O filho respondeu:

- Não posso meu pai. A casa é pequena e seus netos mal cabem aqui.

O velho foi a procura do segundo filho e disse-lhe a mesma coisa.

O segundo filho respondeu-lhe:

- Não posso meu pai. Ainda não tenho casa. Quando a tiver, há de ser para a família que eu criar.

O velho foi embora, em busca do terceiro filho, que disse a mesma coisa que tinha dito aos primeiros.

- Tem paciência meu pai. A gente que trago para trabalhar no campo, enche-me a casa. Não há lugar para mais ninguém.

E o velho, à saída, encontra-se com o quarto filho, que ia pela estrada a vender. Aproveitou a ocasião e disse-lhe aquilo mesmo.

O filho respondeu-lhe:

- Meu pai, não estás bem da cabeça? Como quer que eu meta em casa, se nunca lá estou? Ao cabo de dois dias, começas a brigar com sua nora, que tem um mau gênio.

E o velho, numa tristeza, saindo da estrada, subiu por um atalho, que ia ao moinho do quinto filho.

O moleiro estava à porta, enquanto o moinho andava. O velho fez àquele filho o mesmo pedido.

- Ainda bem, meu pai, que o senhor se lembrou de mim.Tenho muito gosto em recebê-lo em minha

casa. Deus Nosso Senhor tem me ajudado até hoje, certamente não deixará de me ajudar,daqui por diante.

- Ainda mais te ajudará, meu filho,disse o pai.

Depois, mostrou-lhe a mão aberta e disse:

- Vê; são cinco dedos e nenhum deles é igual ao outro. São cinco, também, os meus filhos, mas só tu saístes diferente.

- "A bênção de Deus te cubra", disse o pai, estendendo-lhe a mão sobre a cabeça do filho.

E, dali a poucos anos, quando o pai conheceu que ia morrer, sentiu uma grande satisfação pensando naquele filho, por ter ouvido os conselhos a respeito dos negócios. Dizem que este filho era um dos mais ricos daquele lugar."

Essa é a história dos filhos ingratos.

Pois bem, a Clair e eu temos cinco filhos, como os dedos da nossa mão. São diferentes nas suas personalidades, mas unidos na fraternidade familiar. Nenhum deles demonstrou, até hoje, uma réstia, sequer, de ingratidão para com os pais.

Todos vós que sois jovens, mal sabem a fortuna que tendes em ser deste tempo. Sabemos que há hoje, como sempre, pessoas com mais bens materiais do que outras. No entanto, convém lembrar que os mais pobres de agora, podem gozar mais comodidades

e conforto do que as pessoas do passado remoto. Houve um tempo em que as pessoas não possuíam roupas adequadas para se agasalharem e nem casa boa para se abrigar. Mas, aos poucos, lentamente, vão aprendendo, as próprias custas, criar comodidades, que, ainda, nem todos podem dispor. Esses benefícios foram transferidos às gerações em diferentes épocas. A geração que vai deixa à geração que vem uma soma significativa de benefícios que, por sua vez, há de passar à geração que virá. É a herança dos séculos. O que recebemos de um, devemo-lo a outros. O que os nossos pais nos deixaram, passaremos aos filhos. É o processo natural da vida.

Nós, a Clair e eu, que já ultrapassamos os 80 anos de vida, diríamos aos filhos e netos: trabalhai, tornai-vos úteis a vós mesmos, ao próximo, aos vossos entes queridos, ou não. A todos, para que a herança que recebemos aumente, ainda mais.

É preciso que tenhamos um olhar bom, como o olhar de Jesus Cristo.

Se voltarmos nossos olhos para o sol, para o seu núcleo, não conseguiremos vê-lo muito bem, porque uma luz muito forte ofusca-os.

"Deus, o criador, seria como essa luz".

Certamenteque não.

É humanamente impossível querer definir o

Criador. “Ele é Aquele que é”.

“Eu Sou”. Diz o Evangelho de João, ao falar sobre Deus, o Criador.

E João continua:

“Ele é a vida, o Caminho, a Luz”.

Mas o mundo parece estar longe da Luz.

Que mundo é esse? Da escuridão, da mentira, da desilusão, do desamor, da morte?

“Eu não sou deste mundo”, disse Jesus Cristo.

“Eu sou a Vida”, disse Ele.

“O homem nascido da mulher vive pouco tempo e é cheio de muitas misérias. É como a flor que germina e logo fenece. É uma sombra que foge sem parar”. São palavras do santo Evangelho.

3.

Até onde sei, minha vida retrocede à guerra do Paraguai. Ela está ligada a essa guerra, que ocorreu entre 1864 a 1870.

Em seu período de 1845 a 1862 o vizinho pais construiu ferrovias, escolas, fábricas, arsenais... contudo, seu presidente Francisco Solano Lopes levou seu país ao desastre.

No final de 1864, o Brasil interfere nas lutas pelo poder no Uruguai, dando ajuda militar, bem como a Argentina, o Paraguai alegara que tais auxílios atentavam contra a independência do Uruguai,

Solano Lopes, presidente do Paraguai, invade o território brasileiro, a despovoada Província do Mato Grosso. Ataca, também a província Argentina de Entre Rios, fazendo mais um inimigo.Para combater o agressor, forma-se a Tríplice Aliança: Brasil, Argentina e Uruguai, sob o comando único do Argentino Bartolomeu Mitre. Solano Lopes dispunha, na época,de um exército permanente de 50 mil homens, muitos canhões, uma esquadra boa, que dominava o Rio Paraguai. O Brasil, com 9 milhões de habitantes, tinha um exército de 18 mil homens.

Para a sua primeira grande guerra contra o inimigo externo, o Império Brasileiro precisou promover uma

grande mobilização nacional. Formaram-se os corpos dos chamados "Voluntários da Pátria". Era em torno de 38 mil homens armados,que lutaram até o fim da guerra. Só no Rio Grande do Sul, a cooperação para a guerra foi de 1.300 homens. Muitos residentes na República Oriental do Uruguai que o antigo general farrapo, Antônio de Souza Neto reuniu na sua Brigada Ligeira.

A Guerra do Paraguai afetou a vida de muitos gaúchos das cidades de Uruguaiana, Cruz Alta, Palmeira das Missões, Passo Fundo,entre outras.

Meus avós maternos foram vítimas dessa guerra. Senão vejamos:

Em 9 de maio de 1865, milhares de soldados paraguaios comandados pelo general Antônio Estigarriba marchavam em direção a São Borja, no Rio Grande do Sul, chegando pela Vila de Santo Tomé, na Argentina. Estigarribia movimentava suas tropas ao longo do Rio Uruguai, saqueando povoações e estâncias.

Em São Borja, a população, apavorada, foge para o campo. Tiros de canhões atingem as casas, a população defende-se de qualquer maneira do ataque feito de surpresa. Os velhos generais farroupilhas voltaram à cena da, guerra, para defender o império brasileiro.

Quando as forças paraguaias invadiram a cidade de São Borja, a família Nascimento residia lá.

João Manoel Nascimento e sua esposa Emília, meus avós, eram jovens. Conseguiram fugir, campo à fora, para não serem mortos pelos paraguaios. Os parentes,que não conseguiram fugir,morreram, dizia a minha mãe, que ouviu das falas da minha avó.

Correndo, se cuidando, João Manoel e Emília conseguiram atingir as barrancas do rio Uruguai, no passo. Já era noite. Avistaram uma pequena embarcação que se encontrava à beira do rio. Um homem estava por ali. Era o barqueiro, meio assustado.

Meus avós desejavam atravessar o rio Uruguai com seus pertences,que conseguiram salvar, enrolados num lençol. Eles queriam chegar no povoado de Santo Tomé, na Argentina. O dito homem se negava atravessar o rio. Meu avô, com uma arma na mão, ameaçou o barqueiro e ele cedeu às ameaças do João Manoel. Assim eles atravessaramo rio Uruguai e atingiram o povoado de Santo Tomé, na Argentina.

Santo Tomé tem sua origem no século XVIII fundada pelos padres Jesuítas e pelos índios guaranis. Pertence à província de Corrientes.

São Borja pertencia aos 7 Povos das Missões Orientais e revela o surgimento da civilização guarani e miscigenação do povo sul-rio-grandense. Foi o jesuíta espanhol Francisco Garcia do Prado que fundou a Redução de São Francisco de Borja. Ela passou ao domínio português, quando Borges do Canto conquistou o território das Missões. A Freguesia de

São Borja esteve subordinada à administração de Rio Pardo, bem como Passo Fundo, que constituíam um só território.

Foi por força da invasão paraguaia, em São Borja,no século XIX, que meus avós maternos foram impelidos a residirem no outro lado do rio Uruguai, na vila de Santo Tomé, na Argentina onde, em outra ocasião, o passofundense Prestes Guimarães, fora, também imigrado.

A casa dos meus avós, em São Borja, ficou abandonada. Eles permaneceram em Santo Tomé, até os primeiros anos do século XX.

4.

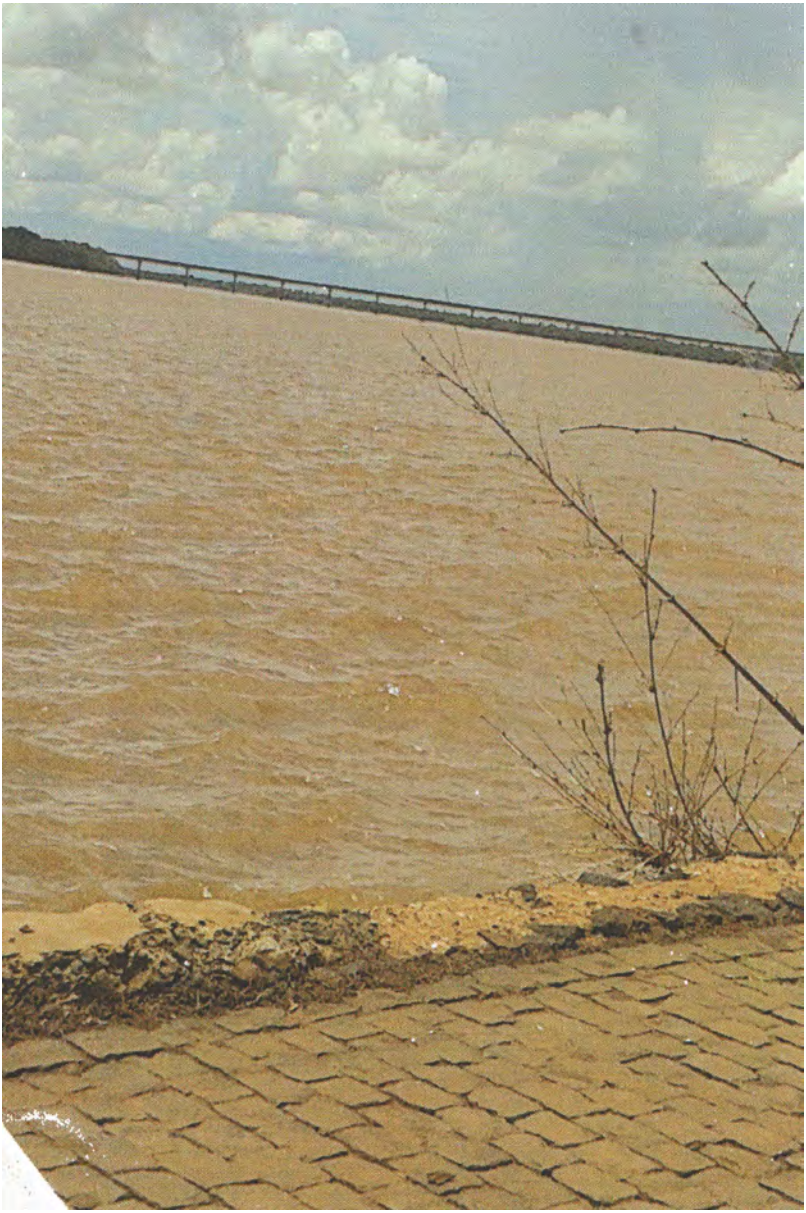
Em Santo Tomé, meus avós tiveram que resolver muitos problemas, como: moradia, vestuário, alimentação, porque só conseguiram levar a roupa de uso pessoal, mesmo assim, poucas. Eles resolveram todos os problemas. Como? Não sei.

Logo minha avó ficou grávida e nasceu um filho, Osvaldo e, logo em seguida, uma filha, que lhe deram o nome de Joana Nascimento.

Era o dia 30 de março de 1900. Ela seria o centro da minha vida.

Em São Borja meu avô exercia profissão de sapateiro. Pela perfeição do seu trabalho, ele era chamado de "mestre". Minha avó, de origem alemã, não sei como ela se encontrou com meu avô. Só sei, pelas fotografias, que parecia ser uma pessoa da classe média. Sozinhos, num ambiente estranho, eles recomeçaram a vida.

A travessia do rio Uruguai foi tensa. Minha avó a rezar pedia a proteção de Deus. Entre uma oração e outra, ela recitava uns versos que, mais tarde, sua filha Joana, recitava para sua primeira neta, Suzana, nossa filha.



Rio Uruguai - divisa São Borja-Santo Tomé

Os versos diziam, mais ou menos assim:

“É noite,

cerração fechada,

pela proa me apanhou,

e, com a bitácula pagada,

nunca ninguém navegou...”

Chegando no povoado de Santo Tomé, na Argentina, meus avós conseguem um rancho para morar. Como conseguiram eu não sei porque minha mãe não me contou. Talvez porque, também, não soubesse.

Como meu avô exercia a profissão de sapateiro, tratou logo, de colocar uma tabuleta na frente do rancho que dizia:

“Faz-se botas”

Não demorou muito, apareceu um correntino desejando encomendar um par de botas.

Correntino é a denominação do morador da Província de Corrientes, na Argentina. Minha mãe, quando menina, era chama da pelos pais de “correntina”, por ter nascida em Santo Tomé, da província de Corrientes.

Meu avô recebeu o correntino, com muito apreço.

-”Parece ter platas”, pensou meu avô, consigo mesmo.

Realmente, disse ele mais tarde para a minha mãe: - O correntino estava bem pilchado: chiripá de seda, chapéu de feltro...

- “Buenos dias”! Saudou meu avô.

De imediato, convidou seu primeiro freguês para entrar no rancho, estendeu-lhe um banco tosco para sentar e foi dizendo:

- Às ordens,amigo!

O correntino respondeu:

- Preciso que o senhor me faça um par de botas!

Sem tratar o preço, João Manoel já foi tratando de tirar as medidas dos pés do seu primeiro freguês. Enquanto isso, eles iam trocando falas sobre a situação política e as dificuldades para se viver.

Tiradas as medidas, meu avô deu uns 15 dias para entregar a encomenda.

Depois de se despedir, o correntino saiu, dizendo que voltaria no prazo marcado. Passadas algumas horas, minha avó disse, com certa indignação:

- Com que material, João Manoel, vais fazer esse par de botas?

- É mesmo, disse ele:

-Não tenho, sequer, um palmo de couro!

No outro dia, bem cedo, João Manoel e Emília conversavam sobre o assunto. Como iriam conseguir a matéria prima para fazer o par de botas?

No final da tarde, os dois resolveram caminhar pelos campos de Santo Tomé. A topografia era a mesma de São Borja. Para surpresa deles, depois de algumas voltas, encontraram uns calçados velhos, retorcidos pela ação do tempo. Meu avô, admirado, olhou para o monte de calçados dizendo:

-Emília, aqui está o couro que eu preciso!! Minha avó não sabia o que dizer.

De volta ao rancho, João Manoel apanhou um saco de linhagem, tecido grosso de linho, uma planta cujas hastes se retiram as fibras que se fabrica o pano. João Manoel colocou os calçados velhos no dito saco de linhagem, levou-os para casa e mergulhou-os numa lata com água. No outro dia, pela manhã, ele começou a desmanchar os calçados velhos, um por um, dando atenção especial aos pares de botas. O couro já estava macio. Fazendo uso de uma madeira roliça, meu avô sovava, com paciência, o couro daqueles calçados velhos. Em seguida, passou um pouco de breu, substância mineral que torna o couro mais macio, com aparência de novo. Com extremo cuidado, João Manoel preparava a sola que seria o pé da bota. Tudo bem costurado, à mão, com a ajuda de um cravador, ferramenta rudimentar dos sapateiros. Com uma faca

bem afiada, ele tira os tentos que iam passando de buraco em buraco, fazendo a amarração final. Esse trabalha artesanal, usando o couro,me faz lembrar o meu neto Luiz Henrique, tirando tentos dos couros, por ele mesmo curtidos, para, trança-los.

João Manoel, pensativo, dizia para consigo mesmo:

- “O trabalho precisa sair bom...”

Pronto o par de botas, João Manoel pintou cada pé, fazendo uso de um corante extraído de vegetais que ele conhecia.

Minha mãe, depois de moça, fazia a mesma coisa colorindo fotografias, reveladas em preto e branco, pelo seu irmão Osvaldo Nascimento.

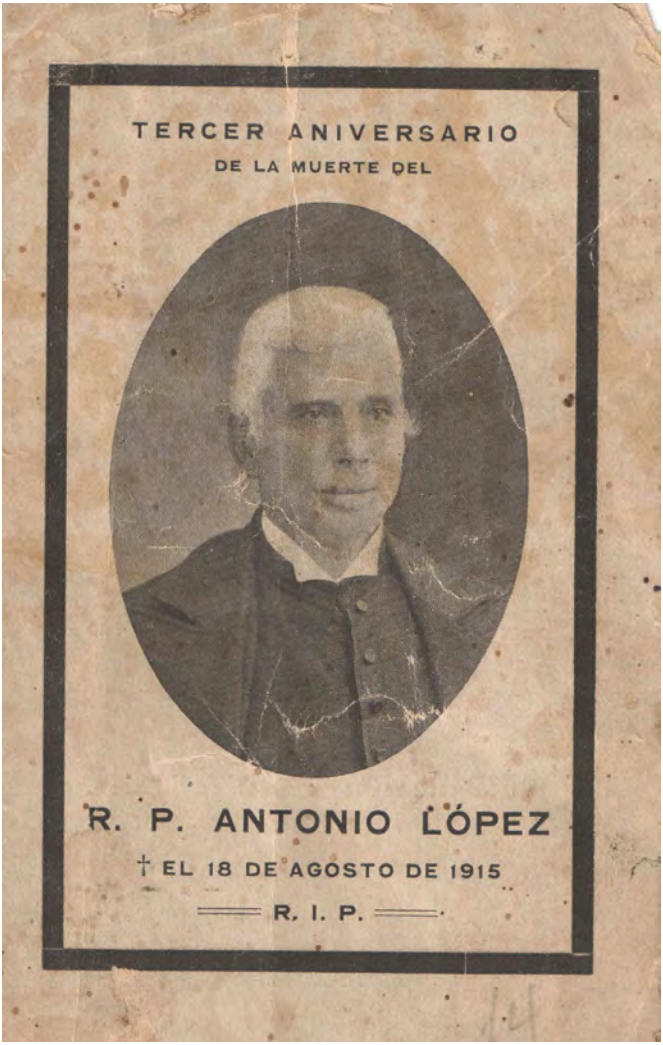
Quando o correntino chegou no rancho do meu avô, para apanhar o par de botas, mais ou menos na data marcada, ele admirado, disse:

- Que belo par de botas, seu João Manoel!!

Mal sabia ele que as botas foram feitas com material reciclado. Assim meu avô se tornou conhecido em Santo Tomé e arredores como o “mestre de sapataria”. A vida toma novos rumos.

Em 30 de março de 1900 nasce a filha do casal João Manoel e Emília Nascimento. Seu nome: Joana Nascimento. Seus primeiros anos de vida foram

difíceis, certamente. O século vinte dava seus primeiros passos, o gramofone dá lugar à vitrola e a fotografia e o avião encantam a todos. A menina Joana passa sua infância em terra estranha. Em Santo Tomé ela é batizada e alfabetizada. Na escola, a língua espanhola, em casa a língua portuguesa.



Padre que celebrou o batismo da minha mãe em Santo Tomé, na Argentina

5.

Serenados os ânimos na fronteira, João Manoel e sua esposa Emília retornam para São Borja. Ao retornar, o casal trazia consigo uma menina, nascida nas barrancas do rio Uruguai, porém do lado de lá. As dificuldades sofridas em terra estrangeira, peleando para poder viver e sobreviver, tornava o casal envelhecido.

Em São Borja foram morar nas imediações da residência, do general João Manoel do Nascimento Vargas, pai de Getúlio Dorneles Vargas mais tarde, presidente do Brasil, por duas oportunidades. Minha mãe costumava nos dizer que, vizinhando com a família Vargas, conheceu o jovem Getúlio Vargas, que nasceu em 15 de abril de 1892, oito anos mais velho que minha mãe.

- "Getúlio era um moço feito, quando o conheci", dizia dona Joana.

Não demorou muito, a família Nascimento deixa São Borja para fixar residência em Palmeira das Missões. Joana, agora menina moça, acompanhava seus pais na difícil viagem de São Borja a Palmeira, nos primórdios do século XX.

Meus avós não tinham condições de permanecer em São Borja. A situação já não era a mesma, quando

de lá saíram, por força da invasão paraguaia.

Meu avô ficou sabendo que os maragatos da Palmeira precisavam do trabalho de um sapateiro. Vai, daí, que o líder político maragato, Dr. Afonso Honório dos Santos, médico homeopata, pediu aos companheiros que ajudassem na transferência da família Nascimento de São Borja para a cidade de Palmeira que, naquela época, ainda não era das Missões. Saiam da região missioneira para morar na região norte do Rio Grande do Sul. Do campo para grandes matas. Os maragatos da Palmeira se preparavam para mais uma disputa política. Era final do ano de 1914.

Duas carroças, atreladas por duas juntas de mulas, cada uma, conduziam a família Nascimento. Levavam mantimentos para durar 15 dias, se tudo corresse bem, entre São Borja e Palmeira. No trajeto, passaram pelas proximidades das ruínas de São Miguel, lugar histórico do Rio Grandedo Sul. Minha mãe costumava nos dizer que, quando por ali passaram, as ruínas estavam cobertas por matas nativas. As árvores e os arbustos cresceram tanto, que tomaram conta das paredes da igreja. As pessoas e o tempo ficaram encarregadas de destruir a monumental catedral missioneira, erguida pelos indígenas e pelos padres jesuítas. Do ambicioso empreendimento restou, somente, a frente e as paredes laterais, quase intactas, com arcos e pórticos que, no passado, competia com qualquer catedral europeia. Diziam que ali havia muito ouro e prata enterrados,

junto às raízes das grandes árvores centenárias. Seria possível, uma vez que os jesuítas e os indígenas tiveram que sair, as pressas, do ataque das milícias portuguesa e espanhola. O mapa nos dá uma visão da existência dos povos das reduções localizadas nas barrancas do rio Uruguai. Lá estão as reduções de Santo Tomé, na Argentina e São Borja, no Brasil. Ali, minha mãe nasceu e se criou.

O sobrenome "Nascimento", segundo sei, tem origem na menção religiosa ao nascimento de Jesus Cristo, Diz-se que, em Portugal, muitos batizavam seus filhos com esse nome, quando eles nasciam no dia de Natal. Com o decorrer do tempo, o nome "Nascimento" passa a ser usado como sobrenome, impulsionando esse vocábulo por diversas famílias, as quais não tinham nenhum laço de parentesco, anteriormente. Brancos e negros levam o sobrenome "Nascimento", neste imenso Brasil.

Os 30 Povos
Paraguai
Argentina
Brasil
Santo Ignácio Guazú
Santa Maria
Santa Rosa
Santiago
San Cosme
Itapuan
Jesús
Trinidad
Corpus
San Ignácio Miní
Loreto
Santa Ana
Candelária
San Carlos
San José
Martires
San Javier
Santa Maria
Concepción
Apostoles
São Nicolau
Santo Tomé
São Luis Gonzaga
São Lourenço
Santo Ângelo
São Borja
São Miguel
São João Batista
Yapeyú
La Cruz

As origens

6.

Nos primeiros anos do século XX, a capital gaúcha ainda parecia uma aldeia. Não contava com os serviços essenciais modernos, a água não era tratada, a iluminação pública era com lampiões a gás, o bonde era puxado com tração animal e a classe mais abastada andava em carruagem nas ruas mal cuidadas e cuja sarjeta eram escoadouros de águas servidas.

Se a capital era assim, o que dizer sobre as cidades do interior gaúcho? Mas o povo esperava os primeiros anos do século com otimismo, como meus avós e minha mãe que chegavam em Palmeira, com esperança de uma vida melhor.

Joana, menina moça, muito bonita, olhos azuis, acabara de completar 15 anos de idade. Dominava, com facilidade, duas línguas: português e espanhol. Nesta ela foi alfabetizada e lia, perfeitamente, a Sagrada Escritura, editada na língua espanhola.

Quando minha mãe nasceu, em 30 de março de 1900, o curso daquele ano revelava que a metade da população gaúcha tinha menos de 15 anos de idade. Éramos uma população jovem. Por outro lado, o índice de analfabetismo era elevado. As estatísticas revelavam que em cada dez gaúchos, sete não sabiam ler. Mas havia no ar um sinal de mudança na virada do século. O povo se encontrava com o futebol, com

o automóvel, com os bondes elétricos, com o cinema. Surge o Grêmio Futebol Porto-Alegrense em 1903 e o Internacional em 1909.

Minha avó e meu avô chegavam em Palmeira no ano de 1915, com grandes esperanças. Havia uma filha para criar.

A família Gonçalves de Palmeira, responsável pela transferência da famílias Nascimento, especialmente Pompílio Gonçalves, comerciante forte na cidade, providenciou e acomodou meus avós e minha mãe numa casa confortável.

Em Palmeira, as eleições se avizinhavam. O governador Borges de Medeiros apoiava a candidatura do engenheiro Frederico Westphalen, tronco da família no Rio Grande do Sul. Por outro lado, os maragatos liderados pelo médico homeopata Afonso Honório dos Santos e Leonel Rocha, lançam a candidatura do prestigioso professor Urbano de Menezes, morador do então distrito de Campo Novo. Venceu o candidato apoiado pelo coronel Valzumiro Dutra, homem de confiança do Governador.

Nos anos vinte do século passado, Palmeira das Missões mostrava uma imagem de Vila. Na sede do município havia em torno de uma centena de casas residenciais e comerciais. Seu imenso território, com onze distritos, tinha uma população em torno de 41 mil habitantes. Mas já havia uma comarca, cujo juiz pertencia ao termo de Santo Ângelo. O Juiz de Paz

era o capitão José Leite do Amaral, descendente da família dos primeiros moradores da Palmeira, então distrito de Cruz Alta. O notário, escrivão público, era o tenente Alfredo Brandão, filho do padre Bernardo, que constituiu família e teve muitos filhos. O responsável pelo Júri e Registro Civil era dividido pelo tenente Pedro Winck e o capitão Aristides Bastos. Este foi meu padrinho da Crisma. As coletorias federal e estadual, órgãos que recolhiam os impostos e taxas obedeciam ao comando administrativo do major Alfredo Westphalen. Por fim, concluindo os cargos públicos, havia o Cartório do Civil e Crime, tendo como escrivão o tenente Antenor Juvenal Vargas, que viria a ser o meu pai.

Esses títulos militares, atribuídos a essas pessoas, eram meramente políticos. Havia, também, o Tiro de Guerra e a Maçonaria, representada pela Loja Estrela da Palmeira. Meu pai era um dos membros dessa Loja. O futebol era praticado pelo Esporte Clube Palmeirense, fundado pelas famílias Gonçalves e Cañellas, entre outras e o comércio se localizava nas tradicionais Villa Velha e Vila Nova, que se degladiavam por ocasião das eleições.

Como a menina Joana já sabia ler e escrever, fluentemente, nas línguas portuguesa e espanhola, ela permanecia em casa, com seus pais, uma vez que, na cidade, não havia escola que ensinasse, além do que ela já sabia.

Meu avô João Manoel, minha mãe Joana (no centro) e minha avó Emília (1925). Foto de Osvaldo Nascimento.

Logo que minha mãe chegou em Palmeira, um moço pertencente a uma família tradicional da cidade, tentou um namoro.

No entanto, ela não correspondeu aos desejos do moço. Seus pais, que sempre souberam as posições da filha, entenderam-na. Ficaram em silêncio, não levando em consideração o pedido do moço. O arrependimento veio depois. Enquanto isso, minha mãe, já adulta, aprendia a costurar, cortar moldes para confeccionar roupas, tanto de homem como para mulher, enfim, se habilitava nos afazeres domésticos. A sua mãe Emília transmitia para a filha Joana, todos os afazeres de um lar.

A família Nascimento residia em casa alugada. O irmão da minha mãe, Osvaldo Nascimento, logo que meus avós faleceram, passou a administrar a casa. Ele foi o primeiro fotógrafo de Palmeira. Era habilidoso na arte de fotografar. Além disso, escrevia muito bem, era cenógrafo, uma vez que fazia a montagem das cenas teatrais para o teatro amador "Pedro Barreiro". Seu filho Cândido Nascimento deu continuidade na arte de fotografar do seu pai. A história da Palmeira ficou registrada sob os olhos desses dois fotógrafos. Eu tive a oportunidade de escrever um pequeno livro com o título: "Viagem no Tempo", um documento fotográfico da Palmeira.

Graciolina Batista de Mattos avó materna da Clair

Meu tio Osvaldo tomou a decisão de construir uma casa, espaçosa, na rua General Osório, divisa entre a Vila Velha e a Vila Nova. Ali ele instalaria seu estúdio de fotografia, a sapataria do meu avô e teria um bom espaço para a família morar. Acasa foi financiada por uma instituição bancária. Não demorou, muito a casa ficou concluída e todos acomodados, tranquilamente. O sonho do velho João Manoel e sua esposa Emília se realiza desde Santo Tomé, na Argentina.

Mas, repentinamente, João Manoel e Emília faleceram. Minha mãe fica só, sem a companhia dos pais. Uma tristeza profunda abateu seu espírito e seu irmão Osvaldo passa a ter dificuldades para saldar o financiamento bancário. A casa estava hipotecada. Meu tio, além de trabalhador, sabia tocar violão e cantava muito bem, gostava de frequentar as rodas de boemia nas noites da pequena Palmeira. Nessas rodas de boemia ele fez amizade com o escrivão do Civil e Crime do Cartório de Palmeira, tenente Antenor Juvenal Vargas. Era, uma pessoa muito conceituada na cidade, pelo cargo que exercia: Titular de um importante cartório judicial. Ele era casado e pai de seis filhos. Mas, à noite, era um boêmio, como meu tio Osvaldo. Os dois se conheceram e fizeram amizade. O titular do cartório Antenor Vargas se aproximou da família Nascimento, vendo a situação difícil que passava, pela morte do João Manoel e sua esposa e pela impossibilidade de saldar a dívida contraída, resolveu ajudar. A dívida foi paga por Antenor Vargas

e meu tio Osvaldo levantou a hipoteca. Antenor passa a frequentar, assiduamente a casa, se aproxima de Joana e a seduz. Embora Joana fosse maior de idade, ela era ingênua, criada "no rabo da saia da mãe". Foi fácil para Antenor levar a Joana para morar consigo em outra casa. Foi o que aconteceu. Em 14 de janeiro de 1933, eu nasci, fruto de um amor proibido. Logo nasceu meu irmão Wilson, que hoje mora na cidade de Horizontina, que, pelo seu conceito e respeitabilidade perante aquela comunidade, deu seu nome ao estádio de futebol escolhido que foi pela Câmara de Vereadores: Estádio "Wilson Nascimento".

Naquele tempo, era muito difícil para uma mulher solteira, seduzida por um homem importante da cidade, viver. Para Joana, minha mãe, que foi criada com todo o carinho, religiosa, que passou por dificuldades nas terras de Santo Tomé, na Argentina, sofreu muito com o que se passava. No entanto, embora reconhecesse o erro cometido, fruto da fraqueza humana, soube se comportar com dignidade. Minha mãe não saía do aconchego de casa, nem para ir à igreja.

Tanto eu como meu irmão, praticamente, não convivemos como nosso pai, principalmente o Wilson. Dona Joana exercia o duplo papel da maternidade e da paternidade. Nosso pai faleceu em 27 de abril de 1941. Ficamos, totalmente, desamparado, sem eira nem beira, como diz o ditado popular, quando alguém não tem nada na vida. Os filhos que ele deixou, não os registrou.

Nossa mãe foi à luta e eu comecei a trabalhar. O que a minha mãe fazia em casa, fruto dos ensinamentos da minha avó Emília, eu saía pelas ruas da Palmeira a vender. Vendia pão, vendia doces, vendia pastel, vendia galinha, vendia ovos, vendia frutas. Estas três últimas mercadorias eu comprava dos negociantes da cidade e as revendia, obtendo um pequeno lucro. Eu estudava pela manhã e saia a vender no turno da tarde. Além disso, minha mãe costurava e reformava roupas, fazendo uso de uma máquina manual, emprestada, de propriedade da esposa do pastor da Igreja Pentecostal Assembleia de Deus.

Fui alfabetizado com cinco anos de idade. Meu pai pagou uma professora para me ensinar a ler e escrever. Na verdade eu tinha, além do Wilson, mais seis irmãos, sendo duas mulheres e quatro homens, estes fruto do casamento legítimo do meu pai. Eles residiam numa confortável casa no centro da cidade de Palmeira. Eu não os conhecia, quando menino. Uma das irmãs por parte de pai era casada com um farmacêutico e a outra com um advogado que, mais tarde foi deputado federal e candidato ao Senado na chapa eleitoral do general Teixeira Lotte, candidato à presidência da República. Os outros irmãos por parte de pai um era escrivão do cartório do civil e crime herdado do meu pai, e os demais eram funcionários públicos estadual e federal, com altos cargos. O deputado federal anteriormente citado, era o Dr. Hermes Pereira de Souza.

João ManoelNascimento, meu avô, à direita, chegando em Palmeira das Missões (1915), com sua família, Rua Júlio Pereira. Foto de Osvaldo Nascimento.

Com 8 para 9 anos de idade eu já era uma criança vivida, com experiência. Andava pela rua, a vender, ia no presídio, na zona do meretrício, nos lugares de construção civil, na estação rodoviária, para vender doces, pastéis, quadros, feitos pela minha mãe, entre tantas outras coisas.

No ano em que completei sete anos, meu pai me ofereceu um livro. Na primeira página ele fez uma dedicatória:

"Ofereço ao meu filho Welci Vargas. Lembrança do seu pai". E assina: Antenor Juvenal Vargas. Data: 4 de abril de 1940. Um ano depois ele veio a falecer. Foi a única coisa que ele me deixou. Guardo até hoje o livro. É a prova que possuo da paternidade. Na vida, o sobrenome Vargas não me fez falta.

Minha mãe era hábil na pintura. Traços da sua neta Suzana.

7.

Quando a segunda guerra mundial acabou, eu era um adolescente. O povo saiu às ruas, gritando e cantando, num pranto de alegria. Empunhavam tochas de fogo, para demonstrar a eterna gratidão aos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira–FEB. No final da fila, como uma expressão cívica, ali ia eu, empunhando, também, uma pequena tocha.

A guerra, para quem ficou no Brasil e era pobre, foi tremendamente cruel. Quem não tinha dinheiro, passava fome. O café da manhã, que não era café, mas, isto sim, uma espécie de batata torrada, era engrossado com farinha de mandioca, em substituição do pão. Farinha de trigo e açúcar, não havia. Quem tinha dinheiro, buscava fora da cidade. A banha era substituída pela graxa de gado, e assim por diante.

O que estava acontecendo no mundo eu ficava sabendo, através das notícias dos jornais que eu vendia,pelas ruas da cidade. Uma dessas foi a notícia em 18 de agosto de 1942, quando aconteceu vários quebra-quebras e saques em Porto Alegre. A população antinazista atacou as empresas de propriedade teuto-gaúcha, exigindo a declaração de guerra aos países do "eixo" (Alemanha, Itália e Japão). Essa declaração de guerra seria anunciada no dia 22, pela Voz do Brasil. Na capital, Rio de Janeiro, os estudantes ocuparam

Igreja N. S, do Rosário de Palmeira das Missões (Vila Velha)
onde fomos batizados(foto de Cândido Nascimento)

o prédio da Sociedade Germânica, transformando-a em sede da União Nacional de Estudantes-UNE. Manifestações populares pediam,nas ruas, a declaração de guerra contra o nazismo. O presidente Getúlio Vargas, que estava indeciso, teve que ceder.

Nessa época, eu estudava no Grupo Escolar de Palmeira. Numa demonstração de amor à Pátria, tínhamos que cantar os hinos nacional e da bandeira, todos os dias. Foi criada a Força Expedicionária Brasileira-FEB, em 1943 e os primeiros pracinhas embarcaram em navio, rumo à Europa.

A vitória dos países aliados, com a participação do Brasil, teria repercussões políticas por aqui. A resistência ao governo Vargas crescia. Ele foi obrigado a deixar o Palácio do Catete, sede do governo, no Rio de Janeiro, sob pressão. Era o fim do "Estado Novo", comandado por Getúlio Vargas.

O Brasil se preparava para viver um regime de democracia, sob a égide de uma constituição moderna: a de 1946. Realizada as eleições, o povo elegeu o general Eurico Gaspar Dutra, ex-ministro da guerra de Getúlio, que ficou no exílio voluntário, no Rio Grande do Sul. De longe, ele lidera a criação de dois partidos políticos: O Partido Trabalhista Brasileiro e o Partido Social Democrático. Por meio deles, com votos no meio urbano e no meio rural, Getúlio Vargas prepara a sua volta ao poder, pelo voto popular, em 1950.

Em 1947, eu sigo para Porto Alegre, com 13 anos

de idade, para estudar num colégio interno, atendendo um pedido do meu pai, antes de falecer, segundo relatou meu irmão por parte de pai, Romeu Vargas.

Uma das preocupações da nossa mãe, era a formação religiosa. Todos os domingos, pela manhã, eu deveria participar da celebração da Santa Missa. Nada eu poderia fazer, sem antes participar da Missa na Igreja do Rosário, na Vila Velha. Eu ia sozinho, porque a mãe não saia de casa. Ficava a rezar o Rosário e lendo trechos da Bíblia, que ela trouxe, lá de Santo Tomé, na Argentina. Pela manhã, às 7h eu colocava minha roupa domingueira e ia à Igreja, rezar. "Vá meu filho rezar, para que Deus Pai nos ajude" - dizia ela. Naquele tempo, e eu me lembro muito bem, as Missas por ocasião do Natal e do sábado de aleluia, eram celebradas à meia noite. A vela da vigília pascal era acesa numa grande fogueira, em frente à igreja, no meio da rua e a cerimônia era rezada e cantada na língua latina. O povo nada entendia, mas costumava escutar, em silêncio, numa atitude de fé. Lá em casa, minha mãe, já na madrugada do outro dia, estava a minha espera. Eu recebia um abraço, um pequeno ovo de chocolate e umas bolachas enfeitadas com açúcar cristal colorido.

Dona Joana rezava duas vezes ao dia. Eu a surpreendia, rezando ou lendo trechos da Bíblia no aconchego do seu quarto, até os últimos instantes de sua vida. Deus ouvia o seu clamor, porque fomos abençoados. Com 7 anos de idade eu recebi a primeira

Comunhão Eucarística. Ganhei um corte de fazenda branca da minha madrinha que era dona de uma casa comercial. Minha mãe confeccionou a minha roupa, numa máquina de costura manual.

Quando eu era guri, minha mãe não tinha, sequer, um fogão para preparar os alimentos. Ela fazia uso do fogão da sua cunhada. No entanto, havia na cidade uma senhora muito bondosa, que fornecia almoço sob encomenda. Era uma "pensão familiar". Seu nome: Maria Lütz. Ela nos dava uma panelinha de ferro com alimento, todos os dias. Wilson, meu irmão, às doze horas ia até a pensão da dona Maria buscar o alimento. Em troca, minha mãe efetuava algumas reformas de roupa. A vida era assim mesmo: roupas velhas eram reformadas e tingidas. O Wilson, por ter que sair todos os dias com uma panelinha para apanhar- o alimento, foi apelidado pelos coleguinhas de "panelinha".

À noite, cedo, eu saía pelas ruas a vender jornais. A minha freguesia era certa! Os alemães. Eu chegava, cedo da noite e, silenciosamente, batia à porta e anunciava o meu nome - "É o Welci, do jornal..." Os alemães entreabriam a porta ou a janela para espiar. Eles tinham medo de repressão do delegado de polícia. Ele tachava as pessoas, de origem alemã de "quinta coluna". Para o delegado, os alemães eram uma espécie de espiões nazistas. Coisas do regime Vargas, cujo chefe de polícia era o temível coronel Filinto Müller, na capital federal.

Nós, o Leônidas (a direita), e eu, à esquerda, vendendo quadros para as prostitutas de Palmeira (foto autor desconhecido) -1944

É bom saber que, em 1937, foi instituído, no Brasil, o chamado "Estado Novo", cujo ditador era Getúlio Vargas. Ele decretou uma Constituição Nacional, suspendeu as eleições, proibiu a existência de partido políticos, fechou o Congresso Nacional,amordaçou a imprensa brasileira, nomeou os governadores dos estados, passando a chamá-los de intendentes, bem como os prefeitos municipais. As ideologias nazista e fascista aproximaram-se da ideologia integralista criada por Plínio Salgado que faziam grandes passeatas pelas ruas da cidade. Homens e mulheres vestiam uma camisa verde e estampavam, no braço, uma letra grega.

Eu que estudava e trabalhava, consegui completar o curso Primário. Era o que estava disponível na cidade de Palmeira das Missões, às crianças e aos jovens. Todos estudavam no Grupo Escolar Valzumiro Dutra, intendente que mandou construir o educandário, ao lado da sua residência. Os pais que possuíam recursos, mandavam seus filhos estudar nas cidades de Cruz Alta, Passo Fundo ou Santa Maria, para cursarem o Ginásio, Clássico ou Científico e o curso superior, em Porto Alegre. Meninos e meninas, filhos de famílias pobres,ou remediadas ficavam em casa. Mercado de trabalho para os jovens, era pouco e, para meninas, não existia, porque mulher não podia trabalhar fora de casa. "Era feio". Eu trabalhava, não como empregado, mas como vendedor ambulante, das coisas que a minha mãe fazia para serem vendidas nas casas da

cidade e nas ruas. Dava para sobreviver. Estávamos, o Wilson e eu, sendo educados sob os olhos da nossa mãe, na decência, no respeito e na dignidade. Com a cabeça alta. Talvez, por ela ter sido enganada, seduzida, sempre nos dizia: -"Filho, respeite e trate bem as pessoas". O senso de trabalho nós adquirimos, trabalhando. Vivíamos só o presente, mas tínhamos sonhos.

Grupo Escolar Palmeira das Missões, onde realizamos o Curso Primário (foto de Cândido Nascimento) 1942

8.

Consegui concluir o Curso Primário, com muitas dificuldades. Ao longo do curso, fui reprovado duas vezes, por não ter a frequência mínima exigida. A necessidade de arranjar dinheiro para o sustento da casa, fazia com que eu fosse obrigadoa faltar, às aulas. No ano seguinte, marcava a volta do regime democrático no Brasil. O vizinho da minha mãe, Getúlio Vargas, voltava para a sua terra natal: São Borja. O Intendente da era Vargas em Palmeira era o coronel Filício Augusto de Almeida. Eu o conheci, uma vez que entregava, diariamente, o jornal Correio do Povo na sua residência. Ele morava nas imediações da casa do meu colega de internato em Porto Alegre e Viamão, Antônio Ardenghi Cañellas.

Certo dia, quase no final do ano de 1947, apareceu, de repente, na casa onde nós morávamos de favor, aquela construída pelo meu tio Osvaldo, financiada pela instituição bancaria, na rua General Osório, sem número, em Palmeira, um irmão meu, por parte de pai, Romeu Vargas. Ele era titular do cartório do Civil e Crime Cartório, herdado do pai. Esse irmão, que eu não conhecia, era o filho mais velho, se não me falha a memória, do casamento com dona Eulina Nogueira Vargas.

Mod. n. 91

MEU BOLETIM

Estou no Grupo Escolar de Tabuaço
(nome da Escola)

Chamo-me Valdir Vargas

Frequento o 5º ano – Supletivo –

Assinatura do Professor

Vanna Escobar

Assinatura do Diretor

Jorci de Campos Vargas

1947

Meu Curso Primário em 1947.

O que estaria ele querendo? Ninguém da família do meu pai nos procurou para nos ajudar. Era como se não existíssemos Eu estava, ali, por perto, olhando para ele. Notei que a minha mãe olhava firme nos olhos dele. Dona Joana, um pouco assustada, o convidou para entrar.

- Sente-se, disse minha mãe, oferecendo-lhe uma cadeira estilo colonial, com acento de palha, já furado.

O Romeu, meio constrangido, sentou.

- "Dona Joana, eu vim aqui para comunicar a última vontade do nosso pai"...

Quando ele invocou o nome da minha mãe, chamando-a de Dona Joana, senhora... ele estava reconhecendo, certamente, a dignidade de uma mulher de respeito, tendo uma conduta irrepreensível. E ele completou o que queria dizer:

- "Vim para dizê-la que o menino Welci, deverá seguir para Porto Alegre, e continuar seus estudos, num internato público".

Ele usou o termo "menino", ao invés do termo "irmão".

- "Foi a última vontade do pai"; enfatizou.

Dona Joana não sabia de nada, uma vez que meu pai tinha ficado muito enfermo, em Porto Alegre, vindo falecer, meses depois, na sua residência, em Palmeira.

Quando minha mãe ficou sabendo que me pai faleceu, ela me chamou e disse:

"- Seu pai faleceu, meu filho. Vá na casa dele, onde está sendo velado e acompanhe o enterro". Eu, de cabeça baixa, saí. Troquei de roupa, coloquei um sapato velho e fui sozinho no velório. A residência da família do meu pai, onde ele estava sendo velado, ficava no centro da cidade, distante dez quadras.

Lá chegando, procurei uma cadeira para sentar, mais, ou menos, perto da mesa onde estava o caixão. Naquele tempo, velava-se o morto colocando o caixão em cima de uma mesa. A casa estava cheia de gente da alta sociedade, segundo me foi possível perceber pelo traje dos homens e das mulheres. E eu, ali, no meio de tanta gente, que eu não conhecia.

De vez em quando, eu ouvia murmúrios das senhoras que estavam sentadas ao redor do corpo do meu pai. Elas murmuravam em voz baixa:

- "Aquele menino, é o filho dele", apontando o dedo para mim.

Eu tinha, apenas, 8 anos de idade, mas já era vivido, esperto.

Acompanhei o enterro, a pé, até o cemitério, que ficava, e ainda fica, uns quilômetros do centro da cidade.

Alguns anos depois, ali estava o Romeu Vargas,

meu irmão por parte de pai, frente a frente com minha mãe, para comunicar a última vontade do seu pai.

- “Meu pai deixou um recado, para nós”, disse o Romeu Vargas.

Dona Joana, espantada, foi logo dizendo, em voz alta:

-Vocês querem levar o meu filho para longe de mim?

- Não vou permitir, respondeu.

E sem que o Romeu falasse, minha mãe argumentava:

- Quem vai ajudar a criar seu irmão Wilson? Quem?

- O Welci já completou o curso primário e seu irmão Wilson que vocês não o conhecem, ainda nem começou a estudar. Quem vai nos ajudar a sustentar a casa? E mais, dizia minha mãe: O Welci não tem roupa para sair e nem possui certidão de idade. Seu pai não os registrou.

O Romeu insiste: - “O Welci precisa continuar os estudos. Foi a última vontade do pai”.

Minha mãe ficou em silêncio e o Romeu saiu, prometendo retornar.

Passaram-se os dias, minha mãe, em conversa

com sua amiga Morena Albuquerque, mãe de um amigo meu, da minha idade, Leônidas Maia Albuquerque, que, também costumava andar pelas ruas a vender doces e outras coisas mais, como eu, revelava que seu filho deveria seguir viajem a Porto Alegre, para a mesma escola onde o Romeu afirmara que eu iria estudar em situação de interno. O dr. Mozart Pereira Soares é que está nos orientando e nos ajudando", disse dona Morena.

- Quem sabe, Morena, o meu filho Welci poderá acompanhar o seu? Os dois são amigos e da mesma idade, disse minha mãe.

Dona Joana começava a aceitar a ideia de que eu poderia estudar em Porto Alegre.

Quando o Romeu Vargas retornou, para saber da decisão da dona Joana, ela, virando-se para mim, que estava chegando, perguntou, um pouco indecisa:

-"Bem, você é quem sabe, meu filho, se vai ou não vai sair de casa para estudar".

A decisão estava, comigo.

Eu pensava:

-Como assegurar melhores dias de vida para minha mãe e para meu irmão que ainda era pequeno? Só estudando, respondi para mim mesmo. Meu irmão deverá crescer e poderá ajudar em casa.

A razão superou a emoção e respondi com firmeza:

- Quero sair para estudar.

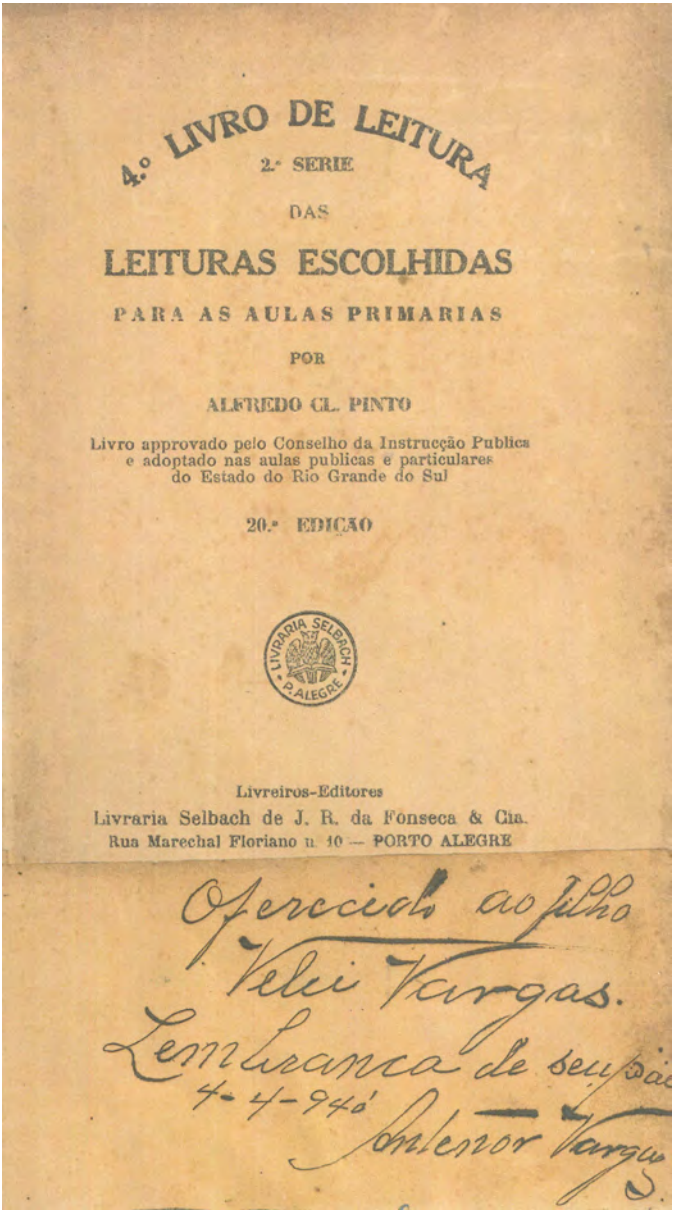
Minha mãe, meio assustada, disse-me:

-”Seja o que Deus quiser, meu filho”. . . !

O Romeu, diante da minha decisão e da bênção da minha mãe, pediu, que eu trocasse de roupa, colocasse um calçado, para acompanhá-lo ao Cartório de Registro Civil e lavrar a competente certidão de nascimento, indispensável para efetuar a inscrição ao exame de admissão ao ginásio na escola, em Porto Alegre. Eu deveria completar 12 anos de idade. De imediato, troquei de roupa, coloquei um calçado velho nos pés e acompanhei o Romeu Vargas até o Cartório. Chegando lá, a titular do Cartório,em conversa com o Romeu, que também era escrivão, argumentava- que eu não poderia levar na certidão o sobrenome “Vargas”, porque meu pai já era falecido. O Romeu não questionou e eu saí, dali, sem pai na certidão. Frente aos argumentos de duas autoridades judiciais a um inocente, desconhecedor das leis, aceitei, passivamente. Apanhei a certidão e a entreguei para a minha mãe, que ficou indignada, dizendo:

- “Filho sem pai!”

Eu fiquei quieto.



4.º LIVRO DE LEITURA

2.ª SERIE

DAS

LEITURAS ESCOLHIDAS

PARA AS AULAS PRIMARIAS

POR

ALFREDO CL. PINTO

Livro approvado pelo Conselho da Instrucção Publica
e adoptado nas aulas publicas e particulares
do Estado do Rio Grande do Sul

20.ª EDIÇÃO

LIVRARIA SELBACH P. ALEGRE

Livreiros-Editores
Livraria Selbach de J. R. da Fonseca & Cia.
Rua Marechal Floriano n. 10 — PORTO ALEGRE

Offerecido ao filho
Velci Vargas.
Lembrança de seu pai
4-4-940
Getulio Vargas

A declaração

Até parece, conclui mais tarde, que eles queriam que não fosse envolvido o nome da família Vargas na certidão. Como Antenor Juvenal Vargas me chamou de Welci Vargas, ao fazer uma dedicatória, em um livro que ele me oferece?. Ele declarou e assinou: -"Ao meu filho, Welci Vargas, ofereço este livro". Eu fui matriculado na escola pública com o nome de Welci Nascimento Vargas.

Diz a sabedoria popular que "Deus escreve certo, por linhas tortas". A escrivã do Cartório do Registro Civil que não permitiu que eu levasse o sobrenome "Vargas" na certidão, com alegações infundadas e com a aquescência do Romeu Vargas, anos depois eu casaria com uma prima dessa escrivã. Na adolescência, e mesmo depois de adulto, eu ficava constrangido, quando me perguntavam o nome do meu pai. Eu respondia:

- Não tenho pai.

É difícil para as pessoas entenderem uma situação dessas. Com o passar do tempo, eu fui dizendo quem era o meu pai. Mas, graças a Deus, e ao meu esforço para vencer na vida, eu nunca precisei do sobrenome "Vargas".

A escola onde eu deveria estudar se localizava no bairro Agronomia, em Porto Alegre. Mais precisamente, no alto do Morro Santana, histórico, por sinal, construído pelo governador Borges de Medeiros. Era a única escola, pública de grau ginasial,

em regime de internato do Rio brande do Sul. Não era fácil conseguir vaga para estudar nesse educandário. Os candidatos às vagas eram selecionados por meio de um exame rigoroso de conhecimento e de saúde. Por fim, seguimos viagem. Eu e o Leônidas, amigo de lazer e de "negócios", nas ruas de Palmeira. Íamos sob os cuidados do Romeu Vargas, meu irmão por parte de pai. Ele parecia estar me aceitando como seu irmão. Tanto eu como o Leônidas, nunca tínhamos saídos da cidade. Nem viajado de ônibus e, muito menos,de trem. Embarcamos no ônibus na estação rodoviária de Palmeira. Esse transporte vinha da cidade de Iraí em direção a Santa Bárbara do Sul que, antigamente,se chamava "Blau Nunes". O ônibus fazia conexão com o trem que vinha de Passo Fundo ou de São Paulo. Apanhamos o trem em Santa Bárbara do Sul, às 10 horas e só chegamos em Porto Alegre, no outro dia, às 7 horas.

No vagão de primeira classe, ia o Romeu. No de segunda classe, eu e o Leônidas. Neste, os bancos eram de madeira e os vagões ficavam próximos da máquina a vapor. Nas curvas, que eram muitas, os passageiros recebiam a fumaça expelida pela máquina. Em seguida vinham os vagões de primeira classe, com assentos macios, revestidos de couro e próximos ao restaurante. Na saída de Palmeira, minha mãe chorou muito, ao nos despedir. Eu, já curtido pelos rigores da vida, fiquei firme. Minha mãe me alcançou uns troquinhos para comprar alguma coisa na viagem. Ela

e o meu irmão Wilson, ficaram em casa, abandonados à própria sorte.

Minha mãe era uma mulher guerreira. Correntina de Santo Tomé, não se abateu. Foi à luta, para criar seus filhos. Com o tempo, meu irmão assumiu o meu posto de vendedor na rua. Ele era esperto, com um bom vigor físico e com saúde. Ao contrário, eu sofria de asma e, continuamente estava gripado. A minha sorte é que meu padrinho era um médico humanitário, Dr. Dorvalino Luciano de Souza, tio do ex-governador Amaral de Souza. O Dr. Dorvalino dava atendimento médico a todos nós, sem cobrar nada.

9.

Quando eu nasci, pelas mãos de uma parteira castelhana, dona Francisca, meu avô João Manoel estava, por ali, para assistir o parto da sua filha. Logo que eu saltei para o mundo,meu avô percebeu que meu pé direito estava com a sola virada para cima. Quando minha mãe se refez do trabalho de parto e a parteira providenciava meu primeiro banho numa bacia alouçada, meu avô disse, se dirigindo a dona Francisca:

- Enrole um pano em volta do pé direito do menino. Bem firme, acentuou. Enquanto isso, disse ele, vou até a oficina de sapataria para fazer um molde do pé do bebê. Vou fazer uma botinha para endireitar seu pé".

E lá se foi o velho João Manoel, que um dia fez um belo par de botas ao correntino de Santo Tomé, na Argentina. Agora ele estava - fazendo um pé de botas, para endireitar o pé torto do seu primeiro neto.

Um ano depois, eu caminhava, normalmente, com a sola do pé tocando no chão. Minha mãe deu graças a Deus e fez logo - uma promessa de agradecimento: - Quando eu completasse sete anos de idade eu deveria ir, com ela, a pé, até a capela de São Bom Jesus, distante, mais ou menos oito quilômetros, da cidade de Palmeira das Missões, para ágradecer. Fiz o trajeto a pé, acompanhado da minha mãe e da minha tia Clara.

Eu com um ano de idade (1934) (foto de Osvaldo Nascimento)

Convém lembrar que dona Francisca Chaves Pias, parteira que atendeu minha mãe e a maioria das mães parturientes de Palmeira, naquela época era, progenitora de Ovídio Chaves Pias um grande professor em Palmeira e na região de Redentora. Também trouxe à luz a inúmeros juristas.

Cinco anos depois, eu seguia para estudar em Porto Alegre, levando comigo uma pequena malinha de papelão, contendo minhas roupas e "outras cositas mas", no dizer do castelhano. Antes, porém, eu deveria realizar uma prova de seleção no ginásio agrícola, onde deveria ficar interno. Ia comigo o menino Leônidas que mais tarde desempenhou importantes cargos no Banco do Brasil, na qualidade de advogado. Há mais de sessenta anos não o vejo.

Chegando em Porto Alegre, tudo parecia muito grande para mim. Dormi em Palmeira e me acordei em Porto Alegre. Era demais para uma cabeça interiorana. Para o Leônidas, também. Da estação ferroviária, que ficava nas imediações da atual estação rodoviária, o Romeu nos levou para uma casa onde deveríamos permanecer por alguns dias. Era um sobrado onde morava outro irmão por parte de pai, que eu não o conhecia. Seu nome: Telmo Vargas. Ele residia nesse sobrado com sua esposa, há três quadras da Av. Borges de Medeiros, mais precisamente na rua Lima e Silva, no coração de Porto Alegre.

- "Esse irmão não é pobre, não, conclui, com

meus botões". A morada ficava, também, há poucas quadras do Colégio Parobé, onde faríamos a inscrição ao exame de admissão. Depois de acomodar nossas coisas na casa da rua Lima e Silva, fomos, a pé, até ao colégio Parobé. Lá íamos: o Leônidas e eu, encantados com a altura dos edifícios.

Feita a inscrição ao exame de admissão no Colégio Parobé na rua Sarmento Leite, retornamos e entramos na Av. João Pessoa. Ali o Romeu, parou e nos perguntou: Vocês são capazes de seguirem sozinhos, até a casa onde estão parando? Nós, ainda um pouco tontos da viagem e deslumbrados com a grandiosidade da cidade, respondemos que sim. Nem bem atravessamos a Av. João Pessoa, em direção a rua Lima e Silva, andamos um pouco mais e nos perdemos. Ficamos em torno de uma hora, andando de um lado para o outro, sem nos afastar muito do lugar. Até que identificamos o sobrado da Lima e Silva. Foi um alívio para nós, porque já começava a chover e estávamos com fome, pois já passava do meio dia.

Dois dias depois realizamos os exames no Colégio Parobé.

Eu me sentia como um vestibulando, sentado numa cadeira, naquela imensa sala. O Colégio Parobé era a maior escola técnica pública do Rio Grande ao Sul. Realizei as provas com muita dificuldade. Eu não estava suficientemente preparado. Resultado: Fui reprovado. Meu amigo Leônidas foi aprovado. Voltei

abatido com uma tristeza. Passou pela minha cabeça a ideia de ficar em Porto Alegre. Dúvidas revoavam pela minha mente. Expressei ao Romeu a vontade de ficar. Ele concordou. No entanto outro irmão por parte de pai que se chamava Silvestre Vargas, que residia em Porto Alegre, médico veterinário, ex colega de Leonel Brizola, no tempo em que estudou na Escola Técnica Agrícola de Viamão, contrariou a minha vontade.

- "O Welci", disse ele, deve retornar para Palmeira. E concluiu: Deve trabalhar, estudar e se preparar melhor, para enfrentar, novamente, os exames no ano que vem.

Foi o que aconteceu. Voltei sozinho para Palmeira das Missões. Lá chegando, minha mãe nos recebeu com um misto de dor e alegria.

Em Palmeira das Missões, ao completar 13 anos de idade, procurei emprego, mas não encontrei. A convite de um amigo cujo nome não me recordo, ingressei num grupo de escoteiros. Esse grupo se chamava "Guirás". O chefe do grupo era um senhor de origem austríaca, jogava bem futebol, proprietário de uma tipografia e livraria, a única da cidade. Ele se chamava Luiz Hostyn. No grupo, eu sempre procurei cumprir com os meus deveres de escoteiro. A pedagogia do escotismo ajudou muito plasmar minha personalidade.

Em pouco tempo, fui convidado para trabalhar na tipografia de propriedade do chefe do grupo de

escoteiros. Comecei como aprendiz e, em poucos dias, eu já era impressor e elaborava textos no componitor. Passo a receber cem mil reis por mês. Foi o meu primeiro emprego. O dinheiro que recebia eu repassava à minha mãe, para ajudar nas despesas da casa, onde morávamos de favor. No cinema, um dos poucos lugares de lazer, eu não pagava para assistir os filmes, porque, depois que terminava a sessão, eu ajudava a varrer a sala. Além de assistir o filme, ainda, recebia uns trocados. No grupo de escoteiro eu era um dos tamboreiros da banda. O grupo costumava desfilar por ocasião da Semana da Pátria. Naquele ano de 1948, os escoteiros não iriam desfilar, porque o grupo estava reduzido.

Ao se aproximar o mês de setembro, o diretor da Escola Adventista da cidade, João Corrêa Franco, fez uma visita ao chefe do grupo de escoteiros, Luiz Hostyn. O professor solicitava, por empréstimo, os tambores da banda, uma vez que ele soubera que os escoteiros não iriam desfilar naquele ano. Nosso chefe respondeu que emprestaria, desde que os tamboreiros fossem do grupo de escoteiros, que desfilariam com seus fardamentos. O professor aceitou. O desfile foi realizado, no dia 7 de setembro e a Escola Adventista conseguiu o primeiro lugar.

Logo em seguida, o diretor da escola foi fazer uma visita de agradecimento ao grupo de tamboreiros. Um deles que tocava ao meu lado, era Josino Rodrigues da Silva, também tipógrafo, e hoje funcionário

aposentado da Cia. Brahma de Passo Fundo. Josino reside na Vila Vera Cruz, já beirando os 82 anos de idade, como eu. O professor João Corrêa Franco desejava recompensar, de alguma forma. Ele indagava, a cada um dos escoteiros, o que desejava receber em troca. Quando chegou a minha vez, eu disse: Se o senhor quer me ajudar, eu gostaria de estudar na sua escola, pelo menos, até o fim do ano, especialmente matemática. Preciso enfrentar, novamente, os exames de admissão ao ginásio em Porto Alegre. O professor aceitou o meu pedido e eu iniciei os estudos durante os meses que ainda restavam, naquele ano.

Em janeiro do ano seguinte, eu segui para Porto Alegre, agora sozinho, para enfrentar os exames para ingressar na Escola de Mestria Agrícola no Morro Santana, em Porto Alegre. Bem preparado em matemática pelo professor João Corrêa Franco, fui aprovado. Comigo foi aprovado, um grupo de jovens de Palmeira das Missões, entre eles meu amigo Antônio Ardenghi Cañellas.

Em março de 1949 eu arrumei a minha mala e fui para a escola, interno, localizada no Morro Santana, no bairro Agronomia. Em janeiro e fevereiro eu permaneci na casa de Diva Vargas Becker também minha irmã por parte de pai, casada com um farmacêutico proprietário de uma farmácia localizada na Av. João Pessoa, esquina com a Rua Venâncio Aires. Esta era bondosa, educada. Havia também, outra irmã, esposa do dr. Hermes Pereira de Souza, Deputado Federal que morava numa

Escola Adventista dirigida pelo professor João Corrêa Franco onde eu preparei meu exame de admissão ao ginásio. 1947. (foto de Osvaldo Nascimento)

mansão no bairro Petrópolis. Portanto, irmãos e irmãs rebuscados não me faltavam, com exceção de um, Jofre Vargas, que era guarda fio dos correios e telégrafos.

Para chegar na escola, onde eu deveria estudar, no Morro Santana, havia duas maneiras: contornar o morro por uma estrada estreita, em forma de caracol, ou fazer uso de um atalho, em linha reta, morro acima. Como eu não conhecia o atalho, subi, a pé, pela estrada, conduzindo meus pertences.

Lá chagando, deparei-me com um prédio, grande, dois pisos, de alvenaria, em formato da letra "U". Mais parecia um presídio. O que não deixava de ser, porque dali ninguém podia sair sem uma licença expressa do inspetor do internato. Ao galgar o último degrau da escadaria, que dava acesso ao prédio da escola, fui recebido por um senhor, relativamente moço, cara "amarrada". Era o inspetor da escola, segundo fiquei sabendo depois.

Ele perguntou:

- Como é o teu nome e de onde vens?

- Sou Welci Nascimento e venho de Palmeira das Missões.

- Vem de longe, menino! Mais um bugre, retrucou.

Os alunos vindos de Palmeira eram chamados de "bugres".

Minha turma do colégio interno em Porto Alegre (1949) - assinalados: eu e o Leônidas.

Não me interessou o saber porquê. O inspetor mandou que eu me apresentasse na secretaria da escola para efetuar a matrícula e receber as instruções de conduta no internato. Na escola havia alunos dos mais variados pontos do Rio Grande do Sul. Quase todos de origem familiar pobre ou, no máximo, remediada. Eu era um dos mais pobres, certamente. O regime escolar era rígido. Havia horário para tudo. Muito estudo e trabalho. As horas de lazer eram poucas, a não ser aos domingos. Mesmo assim, havia plantão de trabalho. Tínhamos estudos, roupa lavada e passada, alimentação quatro vezes ao dia, assistência médico-odontológica. Durante os quatro anos que ali permaneci, não recebi nenhuma visita dos meus irmãos que residiam em Porto Alegre. Irmãos por parte de pai. Dinheiro eu só via quando minha mãe me enviava, por carta. Com esse dinheiro, que não era muito, eu comprava coisas para revender, obtendo um certo lucro, roupas que eu ganhava da minha irmã Diva Vargas, eram usadas. Umas eu as vendia ao funcionário da escola e outras eu pedia à roupeira e costureira da escola para dar uma "ajeitada" em cada peça do vestuário. E, assim eu ia levando. Saúde eu sempre tive, graças a Deus.

Enquanto isso, lá na Palmeira, minha mãe e meu irmão, este ainda pequeno, trabalhavam como podiam, para sustentar a vida que levavam. Certa feita dona Joana encontrou-se com uma senhora, viúva, fazendeira rica, proprietária de muitas quadras de campo, forrada de gado de corte, nos fundões da

Palmeira. Seus filhos, já adultos eram analfabetos. A viúva sofria muito com essa situação.

Vai, daí, que essa mulher, mais conhecida pelo nome de dona Chica pediu para a minha mãe que ela fosse morar na sua fazenda, com o Wilson, para ensinar seus filhos a ler e escrever, pelo menos o nome. Dona Joana, de uma hora para outra, passa a ser professora e foi residir na estância da dona Chica, cujo nome era, Francisca. O Wilson que já sabia um pouco de aritmética, ensinava a tabuada. A vida deles melhorou bastante e, ainda, minha mãe recebia um bom dinheiro, pelo trabalho.

10.

Durante o período de férias escolares, nem eu, nem o meu amigo e colega Leônidas tínhamos dinheiro para custear as despesas de passagem, se desejássemos visitar a família, como muitos faziam. Eram 30 dias de férias no inverno e 60 no verão. Quem permanecesse a no internato, teria que trabalhar para custear as despesas de alimentação. Um pulinho na terra natal se fazia necessário. Mas como? Conversamos sobre o assunto, eu e o Leônidas, e nos veio uma ideia, que deu certo.

Resolvemos ir até ao Palácio Piratini para solicitar duas passagens, ida e volta de Porto Alegre a Palmeira. Procuramos o inspetor da escola e solicitamos licença para ir a cidade de Porto Alegre, a fim de efetuarmos algumas compras. Como era período de férias, fomos atendidos. Ao invés das compras, fomos ao Palácio Piratini. Ao chegarmos, fomos interrogados por um senhor, bem trajado, que nos perguntou:

- O que vocês desejam?

- Somos estudantes, futuros engenheiros agrônomos, respondemos. Estudamos na escola agrícola do Morro Santana, no bairro Agronomia. Estamos aqui para pedir duas passagens, ida e volta, até Palmeira das Missões. Estamos no período de férias e não temos dinheiro para comprar as passagens.

O senhor nos ouviu, atentamente, e disse:

- Vocês devem ir até aquele prédio, apontando com o dedo, que alguém deverá recebê-los.

O prédio que ele apontava para nós era o da Delegacia Central de Polícia de Porto Alegre. Ele ficava situado nas proximidades do viaduto Borges de Medeiros, na rua Duque de Caxias.

Agradecemos a informação, nos despedimos e nos dirigimos ao lugar indicado. Eram dois meninos, um de 12 outro de 13 anos de idade. Chegando lá, ficamos detidos por mais de duas horas. Não sabíamos que estávamos numa delegacia de polícia e, muito menos, que estávamos detidos. O delegado de polícia nos ouviu e deduziu que estávamos fugindo da escola. Só depois do contato do delegado com o diretor da escola, por telefone, é que fomos liberados, quase de noite.

Saímos de lá com a ordem de expedição das passagens, ida e volta, pelo tempo que estivéssemos estudando. O delegado expedia uma ordem para o agente da estação ferroviária para nos conceder as passagens. Para nossa surpresa, o delegado nos revelou que era palmeirense, residente em Porto Alegre. Ele conhecia nossos pais. Ao retornarmos à escola, já de noite, fomos, severamente, repreendidos pelo Diretor. Valeu a pena.

Nessa época governava o Rio Grande do Sul o

Dr. Walter Jobim, eleito em janeiro de 1946. Ao lado do Palácio Piratini, havia a Assembleia Legislativa onde, de vez, por vez, íamos assistir os discursos dos grandes tribunos gaúchos, como Rui Ramos, Alberto Pasqualini, Mende Sá, Raul Pila... A capital gaúcha tinha uma população em torno de 350 mil habitantes.

O quarto ano do meu curso Agrícola foi realizado na Escola Técnica Agrícola de Viamão. A escola era considerada modelo, pela qualidade de ensino que oferecia. Em 17 de dezembro de 1951 eu conclui o Curso de Mestre Agrícola, de nível ginasial. O ato solene de formatura foi realizado no salão nobre da escola e a celebração do ato religioso na Igreja Nossa Senhora da Conceição de Viamão. Na ocasião, eu vestia a primeira roupa confeccionada num alfaiate, sob medida. Foi um presente da minha irmã Diva Vargas Becke. Pela primeira vez eu colocava uma gravata. Veja só, eu de roupa nova, sapato novo e gravata de tope. Concluir o curso ginasial, naquela época, era uma façanha.

Paraninfou a turma o Dr. Damaceno Ferreira, Filho e o nosso lema; “Na agricultura repousa o futuro do Brasil”. Estávamos acertados porque a partir da década de 50 se desenvolveu a lavoura mecanizada no Rio Grande ao Sul, os cursos agronômicos se multiplicaram e as escolas agrícolas surgiram no interior. Novos técnicos agrícolas, novas tecnologias. O agro negócio começa a despontar.

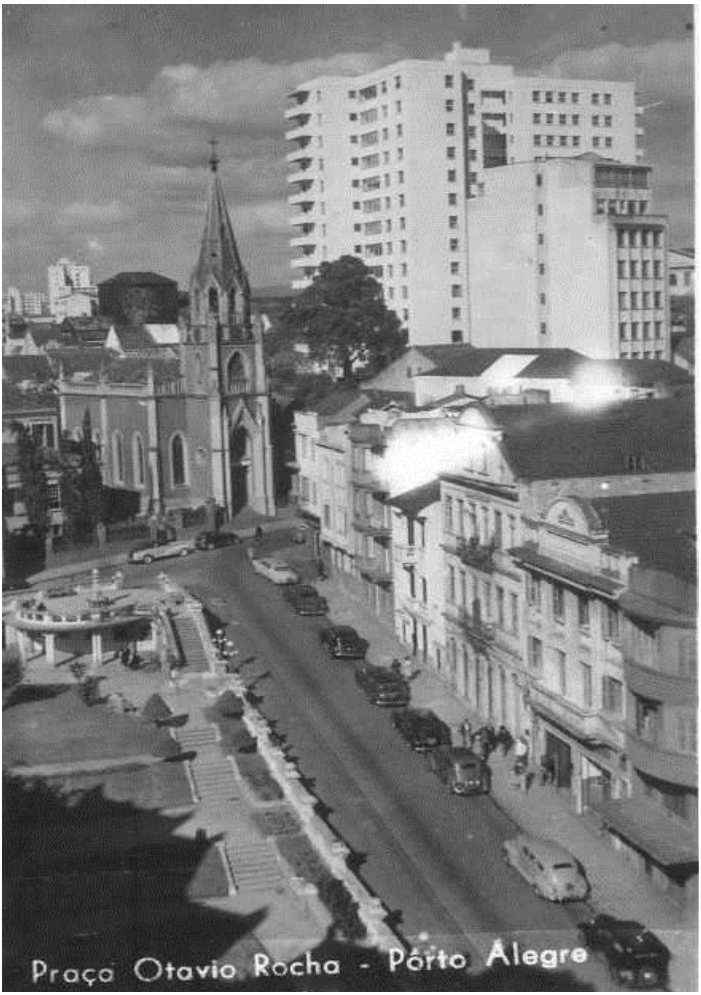
11.

Porto Alegre da minha vida estudantil era, muito diferente. O conjunto habitacional do centro da cidade era formado por casarios antigos, à moda portuguesa. Ainda hoje, há vestígios desses sobrados, como o do Passo Assoriano da Prefeitura Municipal, as cerâmicas da rua Duque de Caxias, o Quiosque da Praça XVI... A zona norte da cidade, também chamada de Navegantes tinha múltiplas funções: O porto bem movimentado, a viação férrea, as indústrias, com destaque para as indústrias Renner, com seu simpático clube de futebol.

A zona sul oferecia à população belas praias do rio Guaíba, como as do Lemi, Ipanema... Era só embarcar nos ônibus ou nos bondes elétricos na Av. Borges de Medeiros. Eles levavam os banhistas, até as proximidades das límpidas praias do Rio Guaíba.

A Av. Ipiranga não existia, ainda, e o Arroio Dilúvio não era canalizado.

Porto Alegre do meu tempo de estudante era recortado por trilhos de ferro que conduziam os bondes elétricos, de norte a sul e de leste ao oeste da cidade. Eles transitavam, alegremente, descendo e subindo ladeiras. Nos domingos de futebol, especialtente por ocasião da realização dos grenais, disputados no estádio dos Eucaliptos, no Menino Deus, do Internacional ou no velho Estádio da Baixada do Grêmio, tanto num,



Porto Alegre da minha juventude (1950)

como no outro, os torcedores se deslocavam de bonde ou à pé. Era uma festa.

Na rua Riachuelo, no centro da cidade, havia a casa do Estudante. Nos finais de semana, grandes bailes estudantis. Na rua da Praia, mais de dez casas de cinema. Grandes salas passavam filmes com sessões contínuas, das 14 às 22 horas.

De 1949 a 1950, começa a movimentação política. Prepara-se a volta de Getúlio Vargas ao poder. Ele já afinava seu discurso, garantindo um governo nacionalista, preparando uma democracia econômica, como: "O Petróleo é Nosso". "Do Itu para o Catete", diziam os cartazes nas ruas de Porto Alegre. O povo costumava chamar Getúlio Vargas de GEGE. Pois até uma carteira de cigarro levava a marca "GEGE". Fumar, naquele tempo, era coisa "chique".

Os anos dourados de 1940/50 do século XX, do meu tempo de estudante na capital do Estado, vai ficando para trás. Eu possuía um projeto: Ingressar no curso técnico agrícola de Viamão e finalizar os estudos na faculdade de Agronomia, que ficava no mesmo caminho. Os governos estadual e federal me oportunizavam gratuitamente. Para ingressar nesses cursos, bastava passar por uma pequena prova de conhecimentos gerais. Era mera formalidade.

Não foi possível.

Ao retornar para Palmeira das Missões, no

período de férias, em dezembro de 1951, encontrei a minha mãe com sérios problemas de saúde e com muitas dificuldades para sustentar a vida, que levava com seu filho Wilson. Cheguei à conclusão que eu deveria desistir do meu projeto pessoal e tratar de encontrar um trabalho, imediatamente. Eu completaria 19 anos de idade.

Tive a oportunidade de encontrar o Dr. Mozart Pereira Soares, Superintendente do Ensino Técnico da Secretaria de Educação do Governo Estadual. Mozart era palmeirense. Foi um desses meninos pobres que saiu da sua terra natal para estudar. Relatei minha situação, ao me encontrar com ele, e solicitei, ajuda. Inteligente que era, ele me respondeu com uma pergunta:

- Welci, porque você não se inscreve nos cursos de formação de professores do ensino primário rural, que deverá funcionar, logo, no período de férias na Escola Técnica de Viamão? E completou: - O governo está precisando de professores para atender uma grande demanda no meio rural. A contratação do professor, disse ele, é imediata, desde que você complete a primeira etapa de uma série de quatro. O governo está oferecendo moradia, anexa a escola, mobiliada, para facilitar a permanência do professor no meio onde deverá atuar. E, por aí, Mozart foi explicando outras vantagens.

Agradeci a sugestão, achei boa a ideia e formalizei

minha inscrição no referido curso. Fui submetido a um teste de conhecimentos gerais e aprovado. Não deu tempo de gozar as férias. Arrumei um dinheiro emprestado, não me lembro com quem, e viajei para Porto Alegre e, de lá, para Viamão. O terreno eu já conhecia muito bem. O curso era gratuito e o governo oferecia cama e alimentação, além de uma pequena quantia em dinheiro para as despesas com material escolar.

Concluída a primeira etapa na Escola Técnica Agrícola de Viamão, eu estava em condições de iniciar as atividades de magistério. Viajei até Cruz Alta, sede da 9ª Delegacia de Ensino, cujo delegado era o professor João Aloyso Braun, pai do poeta Jaime Caetano Braun. Ali, tomei posse no cargo de professor do ensino rural, para servir na Escola Rural Isolada de Lageado Quebrado, no município de Palmeira das Missões. Recebi um contrato fechado, pelo prazo de um ano letivo. Para renová-lo e continuar lecionando, teria de concluir todas as quatro etapas do curso de formação de professores. Assim eu fiz, estudando nas escolas normais rurais de Ijuí e Santa Cruz do Sul. Nesta eu recebi o diploma de Professor do Ensino Primário Rural.

Eu não fazia a menor ideia do lugar onde eu deveria trabalhar: Lageado Quebrado, em Palmeira das Missões. Fui solicitar informações na Estação Rodoviária. O agente da estação, Sr. João Martin informou que eu deveria embarcar no ônibus que

viria da cidade de Iraí, em direção a Passo Fundo. - "O ônibus é da Empresa Helios", disse o gerente. E completou: - "Você deve desembarcar no armazém de propriedade de Santo Borella, à beira do Lageado Quebrado". Prestei atenção e saí.

Às 11 horas embarquei no dito transporte e disse ao motorista que eu deveria desembarcar no armazém de Santo Borella. O local era uma parada obrigatória. Depois de mais ou menos uma hora de viagem o motorista, lá na frente, gritou, bem alto:

- Santo Borella! Quem a vai desembarcar?

Apanhei minha mala pequena. A mesma que usei, quando fui estudar em Porto Alegre. Esperei que o ônibus seguisse o seu caminho a Passo Fundo, atravessei a estrada e adentrei no dito armazém do Sr. Santo Borella. No lado de fora do balcão, havia muita gente. Uns conversando, outros fazendo compras e um ou dois tomando um trago. Do lado de dentro, havia um senhor, gordo, que eu deduzi ser o tal de Santo Borella. Senti que era uma pessoa simpática. Quando me viu entrar, eu que olhava de um lado para o outro, perguntou:

- O que o senhor deseja?

- Procuro uma escola. Sou o professor que deverá assumir a direção e a regência da Escola Rural Isolada de Lageado Quebrado.

- O senhor poderia me informar onde fica a residência da família Tolloti, que deverá nos levar até a escola?

Em Palmeira, na cidade, eu recebi a informação que eu deveria procurar essa família ou a família Gomes Lisboa.

Santo Borella, apontando com o dedo, disse-me:

- Fica logo ali, depois daquela ponte de madeira.

Mais tarde fiquei sabendo que na localidade havia uma séria discordância política entre os simpatizantes do Partido Social Democrático, PSD e do Partido Trabalhista Brasileiro, PTB. O Prefeito do município era do PTB, o advogado Josino Assis, revolucionário de 23 e amigo pessoal ao dr. Borges de Medeiros e Getúlio Vargas. No município, especialmente no interior, havia uma razoável maioria do PSD e do PL, este de origem parlamentaria. Santo Borella, o proprietário do armazém era um dos líderes do PTB, adversário político das famílias que eu estava procurando. Eu não sabia, que estava no meio do fogo cruzado.

Santo Borella continuou dando explicações:

- O senhor anda, mais ou menos, um quilômetro pega à direita, e vai encontrar a casa de propriedade do senhor Tolotti.

Olhei para o lugar apontado, agradeci e segui em

frente. Atravessei a dita ponte de madeira, segui a pé. Chegando nas terras do senhor Tolloti, avistei uma casa de madeira, estilo colonial, à moda italiana. Na entrada havia uma porteira, entreaberta. Não entrei. Vi um senhor, com os pés descalços, chapéu de palha, tratando uns animais. Bati palmas, dizendo:

- "Oh de casa!"

O senhor, voltou-se e veio nos atender.

Perguntou: -"Quem é o senhor?"

Respondi:

- Sou o professor que irá lecionar na escola rural.

Ele sorriu e disse:

- Espere um pouco, por favor. Vou atrelar uma junta de bois na carroça para levar o senhor até a residência do compadre José Gomes. Eu pensei, comigo mesmo; - "Parece que estou no rumo certo".

- Eu sou chefe da família Tolotti, disse-me ele, enquanto ajeitava a junta de bois na carroça. Logo ele encostou a viatura ao meu lado e pediu que eu subisse com ele, na frente.

Saímos, lentamente, atravessamos a estrada geral que levava a Passo Fundo, adentramos numa pequena mata cerrada, tomamos uma estrada estreita, no alto de uma coxilha e, logo, avistamos um grande prédio de alvenaria, isolado.

O meu condutor, sorrindo, disse:

- Lá está a sua escola!

Andamos mais uns quatro quilômetros numa estrada estreita e cheia de curvas, atravessamos pequenos arroios, matas por todos os lados e paramos a frente da escola. Nenhuma casa, até onde a vista pudesse alcançar. A escola fazia jus ao nome; Escola Rural Isolada. Paramos. Eu fiquei uns segundos, olhando, sem nada dizer. Quero vê-la por dentro, disse ao senhor Tolotti. Não posso, professor. A chave da porta está com meu compadre José Gomes. José era o líder político da localidade, agricultor que, também receitava, medicamentos no ramo veterinário.

- Professor, disse o senhor Tolotti, a escola está fechada há mais de um ano. Há muitos alunos, por aqui, mas não tem professor.

Tocamos em frente na direção da residência do Senhor José Gomes. A carroça rodava lentamente. Andamos mais uns dois quilômetros e deixamos a estrada que levaria à localidade de Barreiro, hoje município de Novo Barreiro, e entramos na propriedade da família do senhor José Gomes Lisboa.

Eu saí da carroça, para abrir uma grande porteira. Logo avistei uma casa grande, de madeira. À frente, havia um potreiro, com boa pastagem.

A Escola Rural, local do meu primeiro trabalho em Palmeira das Missões. Na foto: da direita para a esquerda: Eu, minha mãe, meu irmão Wilson e meu primo Walter. 1953

- Ali está o compadre José, disse Tolotti.

Paramos e descemos da carroça. José Gomes nos recebeu. Ele estava pilchado à moda gaúcho, como estivesse pronto para sair. Seu cavalo, bem aperado, estava ao seu lado.

Os compadres conversavam e eu me apresentei ao Sr. José Gomes.

- Sou Welci Nascimento, o novo professor da escola rural.

- Já estávamos esperando o senhor. - disse José Gomes. Deves ficar alguns dias parando na minha casa, enquanto preparamos a escola para o senhor receber os alunos, que estão sem estudar, há quase dois anos.

A tarde já ia caindo e eu sem me alimentar, até aquela hora. Nisso apareceu a esposa do senhor José, dona Sila. Fui conduzido até ao quarto coletivo dos filhos do casal. Eram seis filhos homens, se não me falha a memória e três filhas mulheres, que, também, ocupavam um quarto grande. Havia um menino, recém-nascido.

Acomodei minhas coisas no quarto dos jovens e fui tomar um banho num banheiro localizado fora da casa. Era preciso tirar um balde d'água do poço e colocá-la numa grande lata, dependurada no forro do banheiro. Puxava-se uma cordinha colocada num dispositivo da lata e, esta, derramava a água, passando

O Esporte Clube Serrano. O Wilson à esquerda e eu no centro, com a bola. À direita, em, pé, o presidente Amiltom Lisboa. 1954. (foto de Osvaldo Nascimento Filho)

por um chuveirinho. Era o sistema adotado, nas residências do interior.

No jantar, cedo da noite, foi servida uma alimentação farta e boa. Eu estava com muita fome, uma vez que só um cafezinho, fraco, me alimentava, desde às sete horas da manhã. No final do jantar como sobremesa, foi servido, para cada um, um prato fundo, com leite e batata doce. Todos se serviram. Já estavam acostumados.

Depois de conversarmos um pouco, o senhor Jose Gomes nos convidou para escutarmos as notícias do dia transmitidas pela Rádio Farroupilha. Era o "Repórter Esso". Havia, ali um potente aparelho marca Telefunk, ligado numa bateria, por falta de energia elétrica.

Terminado o noticiário, o aparelho de rádio foi desligado pelo senhor José Gomes, e com toda a autoridade, ele anunciou:

- Bem, vamos dormir, porque amanhã temos que levantar cedo.

O relógio de parede marcava 20 horas e 30 minutos. Todos, levando o seu lampião à querosene, foram para seus aposentos.

Eu, muito cansado, peguei no sono, rapidamente.

Lá pela madrugada, eu acordo com muitas dores no estômago.

Meu pai com sua sobrinha Dalila, Rua da Praia em Porto Alegre.1940

Dei uns gemidos, para ver se conseguia acordar alguém. Os rapazes dormiam profundamente. Logo, com um lampião na mão, apareceu o Sr. JoséGomes. Olhei e vi que ele estava encostado na porta do quarto.

- O que há professor? Disse.

- Estou com muita dor no estômago, respondi.

- É coisa na barriga, diagnosticou logo.

- Sila - chamando a sua esposa - providencie beladona, acônito... Éra uma fórmula homeopática. Em seguida chegou dona Sila com um copo d'água e uma colher de sopa. Eu deveria tomar uma colher de hora em hora. Não dormi mais. No clarear do dia eu já estava bom.

No dia 15 de abril de 1952 eu tomei posse na escola rural. Começava a minha caminhada no magistério estadual que duraria, ininterruptamente, 35 anos. Antes disso comandei um grande mutirão para limpar a escola. As meninas do Senhor Jose Gomes, Beti, a Janda e a Maria, ajudadas pelas filhas do seu Joaquim, um pai de alunos, lavaram toda a escola e a ala residencial. Os meninos, com enxadas e foices, faziam a limpeza do pátio da escola. A área de terra da escola somava 4 hectares.

O prédio estava abandonado. Dois professores passaram por ali mas, nenhum permaneceu mais do que um ano, face o isolamento, certamente.Três dias

foram suficientes para colocar a escola em pleno funcionamento. Fiz a minha mudança para aescola. Levei a minha malinha com roupas e alguns livros. Poucos, por sinal. Fui morar sozinho. A moradia para o professor tinha dois quartos, uma sala, uma cozinha e um banheiro. A água era encana. Era água da chuva captada por dois reservatórios, um aéreo e outro no subsolo do terreno próximo do prédio da escola. A água não recebia nenhum tratamento e, por incrível que possa parecer, durante sete anos, que ali permanecemos, tomamos essa água e nunca ficamos doentes.

Abri as matrículas, usando a comunicação de boca em boca. Matriculei 40 alunos de ambos os sexos. Apliquei um pequeno teste para avaliar o índice de conhecimento dos alunos. Constatei que havia grupos heterogêneos de conhecimento. Desde os analfabetos, aos que sabiam ler e escrever e alguns, de origem alemã, que não sabiam falar a língua portuguesa.

13.

Em 1951, quando eu saí de Porto Alegre para trabalhar em Palmeira das Missões, o Presidente Getúlio Vargas envia ao Congresso Nacional o projeto de lei criando a Petrobrás. Nele não estava previsto o monopólio estatal. No entanto, em 1953, em 3 de outubro, com redação final do senador Alberto Pasqualini, é aprovada a lei criando a Petrobrás e garantindo o monopólio estatal, exceto a distribuição. Quando em 1953, Getúlio Vargas se preparava para mais uma eleição presidencial, ele dizia: "Somos uma nação de economia ainda onerada por condições semicoloniais, em que a riqueza de possibilidades naturais contrasta com a pobreza do povo brasileiro". Parece que as coisas, depois de mais de sessenta anos, continuam as mesmas, acrescidas de escândalos, de toda a ordem.

Nos oito anos em que permaneci lecionando na Escola Rural Isolada de Lageado Quebrado, eu procurei fazer de tudo um pouco, para ajudar a desenvolver o padrão de vida das famílias isoladas do processo do desenvolvimento. Alfabetizei centenas de crianças e adultos, encaminhei jovens para prosseguir nos estudos, ingressando no ensino ginasial e técnico, preparei dezenas de crianças e jovens para realizarem sua primeira comunhão eucarística, introduzi a cultura da soja no meio do pequeno agricultor, organizei o

Na Escola Rural de Lageado Quebrado, fazendo as colheitas de trigo e cuidando a lavoura de milho. (1956). Minha esposa Clair, minha mãe Joana e meu irmão Wilson.

lazer entre os jovens e adultos por meio do esporte, de festas folclóricas, procurei organizar o círculo de Pais, incentivando-os para viverem a vida escolar dos seus filhos...

Logo que eu, com a ajuda dos alunos e pais, colocamos a escola em ordem, pensei em trazer minha mãe e meu irmão para morarem comigo. Eu me sentia sozinho, quando os alunos se ausentavam da escola. Há cinco ou seis quilômetros da escola, havia dois armazéns que vendiam produtos variados. Um era o armazém do senhor Santo Borella, a quem eu já me referi. O outro era do senhor Amilton Martins Lisboa, filho do senhor José Gomes. Este se localizava, no outro extremo do armazém de Santo Borella, numa encosta de mato, junto a uma indústria moageira.

Como eu ainda não tinha dinheiro, abri uma conta para compar e pagar quando fosse receber os vencimentos pagos pelo governo do Estado. Demorou seis meses para que isso acontecesse. Antes disso, eu vivia de dinheiro emprestado. Resolvi, num fim de semana, aproveitando a "carona" de um caminhão de propriedade de um alemão chamado WiIli Adman, para visitar minha mãe e meu irmão e marcar uma data para buscá-los. Minha mãe, emocionada, foi logo perguntando "Quando poderemos ir"? Era o que ela mais queria na vida: Ter uma casa para voltar a viver com os dois filhos.

No dia 21 de abril, feriado nacional, eles

chegaram na escola, no caminhão do alemão Willi. Eles só traziam suas roupas, dois quadros com as imagens do Coração de Jesus e do Coração de Maria, a Bíblia escrita em espanhol, vinda de Santo Tomé, na Argentina e algumas lembranças pertencentes a história da família, que minha mãe guardava consigo.

Todos em casa. Numa casa simples, mas bem confortável. Móveis na cozinha, na sala, nos quartos, banheiro, quatro hectares de terra para o cultivo de cereais e hortaliças, ferramentas agrícolas. A terra não era cercada. As divisas eram em comum, mas todos sabiam onde iam suas posses.

Cedo da manhã eu começava a receber os alunos que chegavam, uns a cavalo, outros a pé. A tarde eu e o Wilson meu irmão, realizávamos trabalho na terra. Plantávamos um pouco de cada coisa: milho, trigo, arroz, feijão, hortaliças...Organizei um pomar com ajuda do Wilson e do Juarez, irmão da Clair que viria a ser minha esposa. O Juarez passou a morar comigo para estudar. Desistiu logo. Ele, como o Wilson, não se davam bem com os livros.

Eu tive a oportunidade de introduzir o plantio da soja na localidade. A semente era desconhecida. Por ocasião dos meus estudos na cidade de Santa Cruz do Sul, através da ASCAR, hoje EMATER, eu consegui sessenta quilos da semente, que distribui, aos agricultores da região, na base de dois quilos para cada um.

À noite, sob a luz de dois lampiões eu preparava minhas aulas, meu irmão estudava e minha mãe realizava atividades domésticas. Nos fins de semana, eu e o Wilson íamos jogar futebol. Organizamos um clube com o nome de Esporte Clube Serrano, com as cores vermelho e branco, sob a presidência do proprietário do Armazém, Amilton Martins Lisboa, primo da Clair, com quem casei em 1955. A prática do futebol, no meio do mato, socializou muitos jovens e estabeleceu laços de amizade entre muita gente. Não foi fácil introduzir a botina nos pés dos homens acostumados a arar a terra, descalços.

Certa noite, escura, muito escura, estávamos reunidos na sala ouvindo um programa de rádio. Era um dia de domingo e o programa chamava-se "Brim Coringa". Era um programa gauchesco na Rádio Farroupilha, muito ouvido por todo o Rio Grande do Sul. O movimento tradicionalista gaúcho estava despontando. De repente, ouvimos um barulho na frente da escola. Um cavalo escarvava a terra, sem parar... Apagamos a luz do lampião e ficamos quietos a escutar.

Lá fora,uma voz, na escuridão da noite ecoou:

- "Sou eu, o Alfredo"!!

Eu reconheci a voz. Era ele mesmo, pai de um aluno.

- Professor, por favor! Gritava ele.

Na foto: Jairo, irmão da Clair, eu e meu sogro Cleto Gomes Lisboa (no colo: Vera Borella, sobrinha da Clair). Local: Capela do Lageado Quebrado em Palmeira.

Abri a janela e tive a certeza de que era, realmente o Alfredo.

Nervoso, ele disse em voz alta:

- Matei o meu irmão. Matei-o, ali, na lavoura, apontando como dedo, onde ele estava preparando um carijo para sapecar folhas de erva-mate.

Em seguida, deu de rédea no cavalo, dizendo:

- Professor! Cuide da minha família, porque eu vou botar o pé no mundo. E lá se foi ele a galope, pela escuridão da noite.

Alfredo e sua mulher tinham cinco filhos menores. Não demorou muito tempo, foi preso e condenado. Cumpriu pena e voltou para sua casa, continuando no trabalho da lavoura. O crime foi motivado por divisas de terras devolutas. Este foi um dos poucos sustos que levei na localidade de Lageado Quebrado.

O outro, foi por ocasião da realização de um pleito eleitoral para a escolha do governador do Estado. A escola era lugar de uma sessão eleitoral. Por sinal, uma das mais perigosas do interior de Palmeira, ao ponto do Juiz Eleitoral enviar para lá uma dupla de brigadianos. A dupla me acompanhava, um dia antes da votação, e pernoitavam na escola. Comigo vinham da cidade dois mesários.

Dez horas da manhã e a fila de votação era grande. Havia, na sessão, muita gente que votava em separado,

isto é, eram eleitores de outras sessões, porém da mesma zona eleitoral. Na época, a legislação permitia. A toda a hora, chegava um caminhão transportando eleitores. Também era permitido, oferecer, ao meio dia, um suculento churrasco aos eleitores, por conta dos partidos políticos.

Mesmo assim, tudo ia transcorrendo com normalidade, até quando apareceu um homem alto, trajado à moda gaúcho, com um revolver exposto na cintura. O homem chegou, se colocou na frente do primeiro eleitor que estava na fila de espera para votar. O homem parou na minha frente, e disse:

- Quero votar!

Isso ele disse em voz alta, com o título eleitoral na mão.

Eu olhei para ele e mandei que se dirigisse ao local onde deveria escolher as cédulas de votação, colocar num envelope da justiça eleitoral e depositar na urna que estava na minha frente e dos mesários. Feito isso e tendo assinado lista de votação, saiu, ordenadamente, montou no seu cavalo e foi embora.

Um dos fiscais dos partidos políticos, admirado, disse, perguntando:

- O senhor foi corajoso ou ficou com medo?

- Aquele homem é um bandido perigoso, concluiu o outro fiscal.

Fiquei quieto. Confesso que fiz tudo por intuição. Eu tinha 20 anos de idade. O resultado da sessão só foi apurada no outro dia. Votaram mais de 400 eleitores.

A Escola Rural de Lageado Quebrado, pelos resultados alcançados perante as famílias, passa a ser considerada uma boa escola. Dos 40 alunos matriculados em 1953, saltou para 75 alunos em 1954/55. Não havia mais espaço para abrigar todos os alunos, uma vez que só existia uma sala de aula. Foi, então, que eu resolvi dividir minhas atividades docentes em dois turnos. No entanto, o governo estadual não nos pagou pela dupla jornada. Mesmo assim, continuei trabalhando em dois turnos.

No aspecto religioso, a maioria, para não dizer a totalidade das crianças e jovens não receberam ainda a primeira Eucaristia. Havia, num raio de 20 quilômetros, uma única capela da igreja católica. O padre costumava celebrar uma missa por ano. Foi, então, que eu resolvi dar aulas de catecismo a todos que desejassem receber a primeira comunhão.

Um padre da congregação de São Francisco de Salles, cujo primeiro nome se chamava Guilherme, alemão de nascimento, foi até a escola rural para ministrar a primeira comunhão às crianças e aos jovens. Ele chegou embarcado numa carroça, pela tarde, e pernoitou na escola. Na manhã seguinte, sabatinou, aluno por aluno, para ver se eles conheciam a doutrina da igreja e os princípios básicos do cristianismo.

Foi celebrada a Santa Missa na sala de aula, com a participação dos pais e dos padrinhos das crianças e dos jovens. Essa prática se tornou hábito, nos anos seguintes.

A Clair e eu, na frente do altar. 1955. Padrinhos: Dr.João Baptista Winck e esposa Dr. Nassib Nassif e esposa. Local: Igreja Santo Antônio em Palmeira das Missões.

14.

Certo dia, eu recebi uma correspondência enviada pela 9ª Delegacia Regional de Ensino de Cruz Alta. Éramos subordinados a essa regional. A correspondência dizia que eu deveria me apresentar naquela repartição, o mais breve possível, para tratar de assuntos do meu interesse. Confesso que a correspondência chegou a me assustar. Será que andei cometendo algum erro grave, que não é do agrado das autoridades educacionais? Era o que eu pensava.

Falei com a minha mãe que eu deveria viajar. Ficaria fora da escola pelo prazo de 3 dias, mais ou menos. No outro dia, comuniquei aos alunos a minha decisão de viajar. Dispensei-os das aulas. Para ir a Cruz Alta, eu deveria pernoitar em Palmeira, embarcar num ônibus que vinha da cidade de Iraí em direção a Cruz Alta. De volta, deveria pernoitar em Palmeira, novamente, e pela manhã, embarcar no ônibus que fazia o trajeto a Passo Fundo. Para chegar na minha escola, ainda, deveria fazer um trajeto a pé, num trecho de cinco quilômetros. Veja só, o isolamento do lugar onde eu trabalhava.

Chegando em Cruz Alta, me dirigi à Delegacia de Ensino e fui bem recebido pela senhora Delegada. Ela me sabatinava de todas as formas. Eu, quieto, só respondia às perguntas, por ela formuladas. Às vezes,

eu me soltava um pouco, para relatar os avanços conseguidos no trabalho com alunos e os pais. No final da conversa, a Delegada teceu elogios ao meu trabalho e formulou a pergunta derradeira:

- O senhor não gostaria de trabalhar na 9ª Delegacia de Ensino, em Cruz Alta para exercer a função deSupervisor do Ensino Rural?

Estava, aí, a oportunidade para sair daquele lugar solitário.

Agradeci o convite e respondi que iria pensar.

A Delegada, ainda, nos levou pelo interior da repartição para conhecê-la. Ela aceitou a minha ponderação.

Chegando em casa, relatei o fato para a minha mãe. Ela ficou temerosa, porque teríamos que transferir a residência. Teríamos despesas com aluguel, água, luz etc... Valeria a pena? Pensei os prós e contras e decidi permanecer onde estava.

Segui o rumo do meu coração.

De volta à realidade, tratei de pôr em prática muitos projetos como: organizar o Círculo de Pais e Professores, um clube de futebol, festas folclóricas. O Wilson, meu irmão gostou e me ajudou a criar um time de futebol. Ele possuía um bom domínio de bola. Com seus dribles rápidos, fazia com que seus adversários fossem ao chão. Uma ocasião, durante

uma partida de futebol contra um clube que existia na vizinhança do Lageado Quebrado, um torcedor, de revolver em ponho, saiu atrás do Wilson, porque seu filho, que estava jogando, caiu estatelado no gramado, em decorrência do drible que o Wilson lhe deu. Foi uma correria dos infernos, para conter o pai do jogador de futebol.

O mundo do meu irmão era o mundo do futebol. Ele costumava irradiar jogos de futebol na sua imaginação. Sabia, de cor o nome dos jogadores do Internacional, do Grêmio, do Vasco da Gama... Sua voz era uma voz de microfone. Ao microfone, o Wilson dedicou quase toda a sua vida, trabalhando como radialista na cidade de Horizontina, depois de ter percorrido outras cidades da região, seu nome está gravado no Estádio de Futebol de Horizontina.

Sem vaidade nem orgulho, devo dizer que nós fomos educados pela dona Joana num "padrão de seriedade". O que venha ser "padrão de seriedade"?

Eis um pequeno exemplo:

Certa feita meu irmão foi efetuar umas comprinhas na loja de secos e molhados, a pedido da nossa mãe. Para quem não sabe a expressão "secos e molhados" era a loja que vendia tecidos, calçado e alimentos. Tudo atrás de um balcão. O vendedor de lá e o comprador de cá. A loja, ou armazém, era de propriedade da família Félix.

Recém casados num baile doClube Comercial de Palmeira das Missões.1956(foto de Cândido Nascimento)

Enquanto o comerciante pesava as mercadorias que constavam numa lista e enrolava, cada uma, num papel, o Wilson, meu irmão avistou um pequeno brinquedo, que despertou a sua curiosidade. Desejava adquiri-lo, mas não tinha dinheiro. Foi, então, que, sorrateiramente, se aproximou do lugar onde estava o brinquedo e, sem que o comerciante percebesse, colocou o brinquedo no seu bolso. Disfarçou, recebeu as encomendas, pagou-as, e foi embora.

Em casa, depois de ter feito a entrega das mercadorias para a minha mãe, começou a brincar com o objeto que apanhou sem pagar. Minha mãe, vendo a cena perguntou:

- Wilson, onde você encontrou isso?

- Achou? Comprou? Se comprou, com que dinheiro?

Com tantas perguntas objetivos, o Wilson teve que dizer a verdade.

Minha mãe o advertiu e mandou que ele fosse, imediatamente, entregar o brinquedo na loja do senhor Félix, dizendo:

- Nunca mais faça isso!

- Quando eu tiver dinheiro, sobrando, você irá comprá-lo.

Isabela, Joana, Romeu, Suzana, Clair e Welci.1975

O Wilson, de cabeça baixa, foi entregar o objeto na loja.

Esse fato, foi lembrado por ele mesmo, aqui em Passo Fundo, passados mais de 60 anos. Depois disso, disse meu irmão, nunca tomei posse, de coisa alguma, que não fosse minha.

15.

Antigamente, no meio rural, quando uma família, por iniciativa de um filho emancipado, solteiro, com a ordem dos pais,tinha a inciativa de realizar um baile em casa, retirava uma ou duas paredes internas e a pequena sala se transformava num salão.

Convidava-se os compadres, as comadres, os parentes, os vizinhos, para bailarem. Às vezes vinha gente, até, da cidade. Os músicos: um gaiteiro e um pandeirista.

Foi num desses bailes familiares, realizado nas redondezas da Escola Rural que eu conheci a Clair, minha esposa, com quem convivo,há mais de sessenta anos.

O baile, segundo me lembro, era na casa da família do senhor Liverinho. Não tenho lembrança do nome completo. Fui a convite de um primo da Clair, filho do senhor José Gomes. Esse primo da Clair chamava-se Didi, já falecido.

Os pais da Clair, Cleto Gomes Lisboa e Edelmira Lisboa estavam presentes no baile. Os donos da casa era gente amiga da família Lisboa, residiam bem distante uma das outras, mas, numa ocasião como essa, se reuniam alegremente. Cavalos, carroças traziam os convidados do baile, que começava, geralmente, na

entrada da noite e ia, até o dia clarear.

O baile estava animado. As pessoas dançavam e conversavam, animadamente. No salão, na companhia dos pais, estava uma moça loira, cabelo comprido, ondulado, esbelta. Ela conversava com seus pais. Quando deu uma oportunidade, nos olhamos. Eu estava no outro lado da sala, de olho na moça. No olhar, senti que ela me correspondeu. Eu me ajeitei, abotoei o casaco, atravessei a sala, me aproximei dos pais da Clair, e pedi licença para dançar. O pedido foi concedido. Peguei na sua mão, levei-a ao centro da sala, e começamos a dança. Dançando, conversávamos, dançando começávamos a nos conhecer. E, aí foi, até o dia amanhecer. E os pais da Clair, de olho em nós.

Passados alguns dias, não muitos, eu me enchi de coragem e pedi licença aos pais da Clair para visitá-la. A ponte era seu primo, filho do Sr. José Gomes. Recebi a notícia que eu poderia visitá-la. A residência da Clair se localizava há uns 12 quilômetros da escola onde eu lecionava e morava. Eu deveria fazer um trajeto de, mais ou menos, 5 quilômetros, a pé, para apanhar um ônibus que vinha de Passo Fundo.

Assim, todos os fins de semana eu ia namorar, à moda antiga, com a Clair. Ia sábado e retornava segunda-feira, pela manhã. O namoro, naquela época, era muito sério, vigiado pela Alair, irmã da Clair. A irmã da Clair só saia da sala, onde estávamos namorando, quando eu lhe pedia um copo d'água. De

vez em quando, saíamos a caminhar, num gramado, na frente da casa, sob os olhares, de longe, da Alair.

Um dia, os pais da Clair nos convidaram para acompanhar a família num baile na Fazenda da Ramada. Deveríamos sair, bem cedo da tarde, porque o lugar era distante. A tal de Fazenda da Ramada, realmente existiu, quando o famoso e saudoso José Mendes compôs seus versos. A fazenda ficava localizada nos fundos dos campos da Palmeira na estrada que levava para Santa Barbara do Sul.

Numa carroça, toldada, com quatro lugares, íamos nós. Na frente, guiando os cavalos, os pais da Clair. Atrás, os namorados de mãos dadas. De vez em quando, eles davam uma olhada para trás. Nós íamos firmes e faceiros. Depois de andarmos, mais ou menos duas léguas, cortando estradas carreteiras, chegamos na tal de Fazenda da Ramada. Os cavalos eram bons, marchadores e as estradas estavam macias, sem buracos.

Chegamos no entardecer.

A fazenda era muito bonita. A casa grande ficava localizada no alto de uma coxilha. De lá, era possível ver as pessoas que se aproximavam. Era um modo, talvez, de se prevenir dos piquetes de maragatos ou chimangos que costumavam pedir auxílio para suas tropas.

A Clair com sua mãe e irmãos: Juarez, João,Jairo,Alair e Vicente.
Local: Palmeira das Missões.

À frente da casa grande, havia uns pés de cinamomos, cujos galhos se estendiam por cima do telhado. A cachorrada atada, latia.

Nem bem colocamos os pés na terra, fomos recebidos pelos donos da fazenda, compadres dos pais da Clair. Gente de casa.

No entrar do sol, iam chegando os outros convidados do baile. A cavalo, de carroça, a pé, todos chegavam, bem pilchados. Desencilhavam os animais, largavam num potreiro, com boa pastagem, e se dirigiam para a casa grande. O chimarrão corria solto. Nem bem as pessoas iam chegando, o baile ia começando. Ao redor da sala,sentados, todos conversavam. O gaiteiro começa a tocar e, em seguida o casal dono da casa abre o baile, dançando valsa. O chote laranjeira, toda hora, era repetido. Lá pelas tantas, chegou outro gaiteiro, não sei da onde e o baile ficou mais animado. Já era quase madrugada, quando o dono da casa fez um convite: -"Vamos passar para a cozinha e tomar um bom café com leite, acompanhado de bolo frito." A cozinha era de chão batido.

No clarear do dia,nos despedimos dos donos da casa e regressamos. Era um dia de domingo.

Meses depois, eu pealei os pais da Clair, solicitando permissão para levá-la num baile que se realizaria do Clube Comercial da cidade. Era clube da elite social. Os pais da Clair só permitiriam se fôssemos acompanhados por um casal conhecido. Foi escolhido

o casal Wilmar Winck de Souza, mais conhecido como o "Provisório" no meio dos tradicionalistas. Wilmar foi um dos membros fundadores do Movimento Tradicionalista Gaúcho, no final da década de 40. Naquele tempo era assim mesmo. Moça não podia sair na companhia do namorado, sozinha.

Namoramos durante um ano, no outro noivamos e em seguida casamos.

A cerimônia de casamento aconteceu na Igreja Santo Antônio. Antes, porém, houve o casamento civil no interior do Forum.

Os pais da Clair ofereceram um gostoso almoço na sua residência para os familiares, padrinhos e alguns convidados mais chegados. Clair é a terceira filha do casal Cleto e Edelmira Lisboa. Os demais: João e Jairo, já falecidos, Alair e Juarez que hoje residem em Porto Alegre e em Capão da Canoa.

A família Lisboa, da qual eu começava a fazer parte é originária de São Gabriel e Rosário do Sul. Eles ajudaram a desenvolver o Rio Grande do Sul, conduzindo gado de corte e tropas de mulas para o mercado sorocabano, em São Paulo, nos primeiros anos do século XX. São Gabriel é a terra dos carreteiros com suas aguilhadas de três metros à mão direita, conduzindo as juntas de bois, tracionando suas carretas por estradas barrentas, de São Gabriel, na fronteira oeste, após muitos dias de viagem. Os Lisboa conduziam gados e invernavam na Palmeira

das Missões. Um dia, por ali ficaram e criaram raízes. O pai da Clair, era um tropeiro que desafiava o clima quente ou frio, traiçoeiro, bem como desafiava a precariedade dos diversos rios que era obrigado a atravessar orientando seus peões. Ele como tantos outros tropeiros deste Rio Grande do Sul, deixaram como rastros a fundação de povoados que, mais tarde se transformaram em prósperas cidades. No Rio Grande há muitas cidades nascidas, tendo por marca a pousada dos tropeiros. A trilha antiga, que começava na região de Passo Fundo, seguindo para Lagoa Vermelha, Vacaria, era a trilha que meu sogro Cleto Gomes Lisboa conduzia as tropas, em direção a Sorocaba, no Estado de São Paulo. "De lá, eu retornava com a bruaca cheia de dinheiro, produto da venda da tropa. Comigo vinham os peões que me davam costado", dizia meu sogro, sentado numa cadeira, em frente ao "CTG 35" de Palmeira das Missões.

De volta ao passado, lá pelos anos 40, eu um pré adolescente de calça curta, costumava frequentar os bailes dos morenos. Os brancos costumavam chamar os negros de morenos. Não sabia eu porquê. O que eu sei é que os negros sempre tiveram orgulho da sua cor, como assim deve ser. Na Palmeira, naquela época, havia dois clubes sociais organizados e dirigidos pelas comunidades negras: O Clube 13 de Maio, lembrando a abolição da escravatura no Brasil e o Clube 12

Lançando um livro no CTG Lalau Miranda. Na foto: Antônio Gaspareto, Patrão do CTG Meireles Duarte - Presidente da Academia Passofundense de Letras. Dra. Leila Pandolfo, Juiz de Direito e Dr. Aires Rampazzo, advogado. Foto: Czamanski

de Outubro homenageando a Virgem negra Nossa Senhora Aparecida. Não podemos esquecer, que as famílias negras, após a assinatura da lei que aboliu a escravidão no Brasil, em 1888, ficaram, totalmente, abandonadas pelo governo do Império Brasileiro. Uns morando nas estâncias, no meio rural e grande parte foi morar nos povoados e nas grandes cidades, sem rumo. Ao contrário dos colonos alemães e italianos que receberam apoio do Imperador. As comunidades negras começaram a se organizarem, fundando clubes sociais. Em Palmeira, eu costumava frequentar esses clubes. Foi num desses clubes que eu aprendi a dançar. Minha relação com a comunidade negra era muito boa.

Na Palmeira havia uma senhora negra que, aos domingos costumava vender sopa de mocotó feita na sua casa. Ela conduzia uma panela vendendo, de casa em casa, a sopa muito saborosa, que só ela mesmo sabia fazer. As duas últimas medidas ela não as vendia. Levava para a minha mãe, sua amiga, dizendo: -"Dona Joana, este prato é para o meu fio Werci". Havia, também, uma preta velha, que depois de idosa foi cozinheira na Escola Agrícola Celeste Gobbato de Palmeira era amiga nossa. Chamava-se Jesus Corrêa do Amaral. Ela foi madrinha do nosso segundo filho, Roque.

Eu sempre me identifiquei com o povo negro, desde menino. Mais tarde, quando eu exercia Coordenadoria de Educação em Passo Fundo, em 1987/88, convidei uma professora do quadro

do magistério estadual, negra, para elaborar, com outras colegas, um projeto educacional, resgatando a importância do trabalho do negro em Passo Fundo.

16.

Um tiro e termina a terceira etapa da era Vargas na política brasileira. Corria o ano de 1954.

Com o tiro, uma carta, que dizia, entre outras coisas:

"... Deixo a sanha dos meus inimigos o legado da minha, vida..." 24 de agosto, fim de uma tentativa que deveria, tirar o Brasil do controle econômico estrangeiro e formar um governo sob uma filosofia trabalhista, para os trabalhadores. Não deu certo. Naquela, manhã, a morte trágica de Getúlio Vargas consternou a nação brasileira.

Nesse dia, eu lecionava, tranquilamente, na Escola Rural Isolada de Lageado Quebrado, em Palmeira das Missões. Lá não chegava notícia. Só dias depois. O Senhor José Gomes, adversário político de Getúlio Vargas, porém respeitoso, foi até a escola para dar a notícia da morte de líder político, Eu, costumava acompanhar os acontecimentos por meio da revista de circulação nacional, "O Cruzeiro". Mas a revista chegava na escola, com uma semana, ou mais de atraso. Era preciso ir até a cidade, para retirar a revista dos Correios e Telégrafos. Fui, então, à cidade para apanhar a revista e ver como estava a agitação política. Não estava boa, a cidade estava vazia. Não se via pessoas pelas ruas. Diziam que tinha havido muito

tiroteio e quebra-quebra, balas perdidas, pessoas feridas...

A campanha feita pelo jornalista Carlos Lacerda, um dos líderes do Partido União Democrática Nacional, UDN, era muito violenta. Ele pedia, diariamente, na capital da república, Rio de Janeiro, a renúncia de Vargas. O próprio Vice-Presidente Café Filho, propunha a renúncia do Presidente. Não era o feitio de Vargas fazer isso. Ele estava, praticamente, só.

A saída, foi o suicídio.

No outro ano, em 1955, Jucelino foi eleito, pelo voto democrático. Eu já exercia o direito do voto e continuava trabalhando na Escola Rural Isolada de Lageado Quebrado. Eu desejava sair de lá, mas não sabia como, nem para onde poderia ir.

Corria o ano de 1958 e o Rio Grande do Sul se movimentava para a realização de mais uma campanha eleitoral. Governando o Rio Grande do Sul o Engenheiro Ildo Menegheti, patrono do Esporte Clube Internacional. Ele foi eleito pelo Partido Social Democrático, PSD, apoiado por uma coligação. Nesse ano a escola rural foi contemplada com a designação de uma professora. Eu via, com esse fato, uma oportunidade de sair da localidade.

No ano de 1958, os pais da Clair, já doentes, principalmente o meu sogro, transferem residência do

meio rural para a cidade. Vendem as terras na colônia e foram morar na cidade. Parece ser o destino das pessoas do meio rural, quando são idosos. Vão a procura de melhor qualidade de vida. Naquela ocasião, no final do ano fui visitar o meu sogro, acompanhado da Clair. O que eu iria lá fazer, não tenho a mínima lembrança. O fato é que nós fomos. Na Escola Rural ficaram a minha mãe e meu irmão Wilson. Chegando na casa do meu sogro, em torno de duas ou três horas da tarde, dois senhores estavam conversando, animadamente. Um deles era seu vizinho, Pery Ardenghi. O outro era o professor Ary Caldeira, que o reconheci, de imediato, por ter sido meu professor na Escola Técnica de Agricultura de Viamão.

- O que estaria ele fazendo aqui, pensei comigo mesmo. Conversando e tomando um bom chimarrão, o professor Ary Caldeira dizia:

- Estou aqui, na Palmeira, a procura de gente para me ajudar a concluir a escola agrícola, iniciada pelo governo anterior. Já encontrei dois professores: Antônio Cañellas e Fábio Ardenghi. Oprimeiro é um técnico rural e o segundo é professor do ensino rural. Também já contratei pessoal para os serviços gerais. Ainda está faltando mais, concluiu o professor.

Eu estava sentado ao lado deles, ouvindo atentamente. Entrei na conversa, perguntando:

A família Nascimento/Lisboa Na frente: Jairo, Ricardo,Antônio, Roque, Salete,Suzana, Arlete e Rosinha. No centro: Cândido,Claudete(colo), Edelmira, Izabela(colo), Cleto,João Manoel(colo) e Herta. Atrás: Rolinha,Bernadete,Cleto,Arlete, Dileta,João, Clair, Joana e Welci. Local: Palmeira das Missões - 1967. Foto: Cláudio Nascimento.

- Se o senhor necessita de mais gente, aqui estou! Fui seu aluno na ETA de Viamão. ETA, é a Escola TécnicaAgrícola.

O professor Ary disse:

- Você e casado ou solteiro?

Respondi:

- Sou casado.

- Tem filhos?

- Não, respondi.

Em seguida eu continuei minha fala, para melhor esclarecer:

- Sou professor estadual concursado e nomeado para lecionai numa escola rural do interior de Palmeira. O governo, completei, só precisa efetivar a minha transferência de uma escola para outra.

O professor Ary Caldeira satisfeito com a minha argumentação, respondeu:

- O senhor está transferido, podes vir comigo. Farei a comunicação ao Secretário Estadual de Educação. A partir de hoje, o senhor é professor da Escola Agrícola "Celeste Gobbato" de Palmeira das Missões.

O professor Ary Caldeira vinha de Porto Alegre com a incumbência de concluir a construção de

uma importante escola técnica de agricultura para atender a demanda estudantil da região. A escola estava localizada, numa área de terra significativa, nas imediações da cidade, ao lado de um posto agropecuário, distante a 3 quilômetros da estrada que liga a Santa Bárbara do Sul. A construção do prédio teve início no governo do general Ernesto Dorneles, sucedido que foi pelo engenheiro Ildo Menegheti. O professor Ary Caldeira, pessoa de confiança do governo, pertencente ao Partido Social Democrático, administrava uma expressiva verba para concluir a obra. O dinheiro estava depositado no Banco do Brasil, há pouco instalado na cidade de Palmeira das Missões.

Não demorou muito, o tempo suficiente para a mudança das minhas coisas da Escola Rural do Lageado Quebrado, uma vez que eu não possuía móveis, a não ser um rádio, e utensílios de cozinha e roupas de cama e mesa. A Clair foi residir, provisoriamente, com seus pais; e minha mãe e meu irmão passariam a morar, também, provisoriamente, na casa de parentes. Eu fui morar na Escola Agrícola meio acampado. O Antônio, o Fábio e eu fazíamos de tudo. Planejávamos o internato que abrigaria 40 alunos inicialmente, fazíamos cerca de arame farpado e liso, colocávamos vidros nas janelas e portas da escola, que não eram poucas. O Antônio planejava um aviário, ele que era técnico em zootecnia, o Fábio planejava a Secretaria da Escola, documentação etc... e eu organizava o setor

de disciplina e orientação educacional do internato.

O governador Ildo Menegheti planejava concluir o educandário até o final do seu governo, que seria em março de 1959, ano que deveria tomar posse o novo governador eleito. O governador pretendia eleger o sucessor do seu Partido político, o PSD.

O professor Ary Caldeira tocava a obra, a todo vapor.

Correm as eleições e o vencedor foi o engenheiro Leonel de Moura Brizola, adversário de Ildo Menegheti. As eleições ocorreram em outubro de 1958 e a posse do novo governador ocorreria no mês de março de 1959. A escola estaria, praticamente pronta, em março de 1959.

O novo governo toma posse e, com ele, o novo diretor da Escola Agrícola. Seu nome: Telmo Dariva, oriundo da Escola Técnica Agrícola de Viamão. Com ela foram contratados os técnicos agrícolas Fernando Franz, Arilo Marques, Joel Soares, entre outros. Para ministrar as disciplinas de cultura geral foram contratados professores residente na cidade: Dalvo Fiad, Moisés Nassif, advogados, Odilon Gonçalves, contabilista, Pedro Cañellas, entre outros, Antônio Cañelas, Fábio Ardenghi e eu, permanecemos trabalhando. O diretor necessitava da nossa experiência.

No mês de junho de 1959 foi realizado a seleção

dos alunos que ingressariam no internato. Eu passei a fixar residência, com a Clair, na Escola. Ocupávamos um quarto no segundo piso da escola, até que fosse construída uma casa de madeira. A Clair foi contratada para dirigir a rouparia dos alunos, todos, ou quase todos, originários da zona rural e do interior do Estado. Um desses alunos era o jovem Milton Roos, de Não-Me-Toque, hoje renomado médico de Passo Fundo. Minha função era a de controlar e manter, harmoniosamente, o regime disciplinar. A tarefa não era fácil. Eu saia de casa às 5 horas e só retornava às 22 horas. Mesmo assim, eu organizei um curso de alfabetização de crianças e adultos que residiam nos fundos dos campos, lindeiros às terras da escola. Alguns deles, mais tarde, concluíram o curso superior. Outra coisa que gostaria de salientar é sobre o ensino religioso na Escola Agrícola. Tomei a iniciativa de organizar um conteúdo básico de ensino religioso para desenvolver com os alunos que frequentavam o internato. Eu ministrava um período de aula para cada turma. Certo dia o pároco da Paróquia Santo Antônio de Palmeira das Missões realizou uma visita na escola para verificar os conteúdos e o método que eu adotava. O padre gostou e aprovou a minha iniciativa.

O Bispo Diocesano, João Hoffmam, de Frederico Westphalen esteve em visita pastoral no município de Palmeira. A Diocese, há pouco tempo havia sido instalada. O prelado, sabendo do meu trabalho na área de ensino religioso, não só na escola onde eu

trabalhava como na cidade, junto à igreja, solicitou que eu o acompanhasse na visita pastoral, pelo interior do município. A minha missão consistia em trabalhar com os jovens rurais. Enquanto isso depois da celebração eucarística, D. João abordava com os homens e mulheres, no salão paroquial, assuntos relacionados com a vida da localidade, especialmente a luta que eles deveriam empreender para obter energia elétrica, boas estradas, organização da cooperativa, entre outros assuntos. Foram 15 dias, indo e vindo da cidade para o interior do município de Palmeira das Missões.

Em 1962 fui contratado para lecionar no Ginásio Estadual "Três Mártires" de Palmeira das Missões. Antes, porém, fui submetido a um exame rigoroso, perante uma banca examinadora da Universidade Federal de Santa Maria. Logrei aprovação e recebi do Ministério da Educação e Cultura a credencial de Professor do Ensino Médio I, isto é, apto para lecionar no curso ginasial.

No ano seguinte fui convidado pela titular da 20ª Delegacia Regional de Ensino para realizar o Curso de Supervisão Escolar, em Porto Alegre. Conclui o curso e fui aprovado. Com isso, passo a exercer a função de Supervisor de Educação, na área de abrangência da 20ª Delegacia Regional de Ensino. Eu deveria atuar em 15 municípios. Assumi a tarefa acumulando com a função de professor no Ginásio Estadual "Três Mártires". Não era produtivo nem pedagógico esse acumulo

de serviço. A delegada de ensino determinou que eu desempenhasse somente as funções de supervisor, trabalhando em tempo integral.

Os laços que me vinculavam à Escola Agrícola Celeste Gobbato e ao Ginásio Estadual Três Mártires foram interrompidos. A experiência de trabalho, especialmente na Escola Agrícola Celeste Gobbato, enriqueceu o meu currículo e a minha vida de magistério. As experiências vividas nesses dois educandários de ensino médio, somados as experiências pedagógicas no ensino primário, no meio rural, favoreceram a minha tarefa para supervisionar as escolas, tanto do nível primário quanto do nível ginasial em toda a região de abrangência da 20ª Delegacia Regional de Ensino.

17.

Tem início a década de 60. O Brasil elege um novo presidente da república e seu vice. São eles, Jânio Quadros e João Goulart. O primeiro de um partido político e o outro do partido oposto. Deu problema. Um renunciou ao cargo de presidente, por vaidade pessoal e o outro, que deveria assumir, naturalmente, por ter sido eleito democraticamente, foi impedido, naquele momento, porque estava fora dos pais, em visita aos países socialistas para estabelecer negociações comerciais. Mais tarde assumiu gerando uma crise institucional, que desembocou na chama da revolução de 1964.

No entanto, para mim, o grande acontecimento, não só para mim, como para a Clair, foi o nascimento da nossa primeira filha: Suzana, que levou o nome completo de Suzana De Fátima Lisboa Nascimento. Aquele diretor da Escola Agrícola Celeste Gobbato de Palmeira das Missões, que só me levaria para trabalhar na sua escola, se eu não tivesse filho, como ter filho fosse um mal que atrapalha, se deu mal. Um ano depois a Clair ficou grávida e nasceu, com muita saúde, uma menina. O diretor, agora outro, construiu uma boa casa para nós, nas cercanias da escola.

A Suzana nasceu com saúde, no Hospital de Caridade de Palmeira das Missões no dia 20 de

novembro de 1960. Dia dedicado a consciência negra. No ano seguinte o governador Leonel de Moura Brizola lidera o movimento da legalidade para forçar a posse legítima do vice-presidente João Goulart no cargo de presidente. Foram 15 dias de tensão,especialmente no Rio Grande do Sul. A pressão era forte nas ruas da capital gaúcha, como no interior.

Eu, por outro lado, nem ligava para os acontecimentos políticos. Eu era pai. Fui logo ao cartório de registro civil registrar o nome da menina: Suzana de Fátima. Nome, duplamente, Bíblico. Seus padrinhos de batismo: Fábio e Tereza Ardenghi, nossos vizinhos, amigos e torcedores do Internacional, além de serem, espiritualmente, religiosos.

Um ano depois, nasceu o segundo filho, que foi batizado pelo nome de Roque Gonzales, em homenagem ao mártir do Rio Grande do Sul, padre dos Sete Povos das Missões. Logo veio outro menino que colocamos o nome João Manoel, em homenagem ao velho são-borjense. A segunda filha mulher, Izabela, lembra a prima de Maria, mãe de Jesus. Magda, nascida em 1968, ano de AI 5, ruim para todos nós, homenageia a mulher para quem Jesus Cristo apareceu, por primeiro no dia da Ressurreição; Magdalena. Assim a família ficou constituída por nove pessoas, incluindo minha mãe e meu irmão. O Wilson, logo ficou independente, dando início a sua vida profissional, como radialista, fixando residência na cidade de Horizontina, onde contraiu matrimônio com

Filomena Nascimento, já falecida. Do casamento do Wilson com Filomena, professora muito estimada na cidade de Horizontina, nasceram os filhos Claudinei, Cristiane e Vanessa, todos muito bem encaminhados na vida.

Nossos filhos nasceram em Palmeira das Missões, mas se criaram, e concluíram seus estudos em Passo Fundo. A educação eles receberam no lar e a instrução na escola. Suzana a filha primeira, é titulada em Pedagogia, tendo exercido o magistério por 30 anos. Foi e ainda é, uma ótima alfabetizadora, tarefa rara nos dias de hoje. O Roque, primeiro filho homem, nasceu com a ajuda de uma querida negra velha, carinhosamente chamada. Nasceu numa madrugada gelada, quando a Clair se preparava para realizar o exame pré-natal, no consultório do Dr Plínio Cavalheiro. Não deu tempo da Clair sair. Quando o médico chegou, o Roque já tinha nascido com a ajuda da minha mãe e da dona Juza, a negra velha, cozinheira na Escola Agrícola Celeste Gobbato. A levamos para madrinha do Roque.

A Suzana e o Roque se criaram nos campos da Escola Agrícola, lá na Palmeira, em contato com a natureza, tomando leite de apojo e se alimentando de carne com rigor zootécnico.

O terceiro filho foi o João Manuel. Homenageamos o velho seamborjense que foi obrigado, com sua esposa Emília, a residir no povoado de Santo Tomé,

na Argentina, por alguns anos. A gestação do João Manoel foi difícil, porque a Clair tinha que se deslocar, diariamente, da cidade de Palmeira para a Escola Agrícola, voltando no final da tarde. Essas viagens causaram-lhe problemas na hora do parto, que foi natural, como os demais.

Um ano depois nasceu a segunda filha mulher, que recebeu o nome de Izabela. João Manoel e Izabela se criaram, praticamente, juntos. Minha mãe e a Suzana ajudaram a cria-los, uma vez que durante o dia, cedo da manhã, a Clair e eu, saíamos para trabalhar na Escola Agrícola, distante uns 10 quilômetros da nossa residência e só voltávamos no final da tarde e, às vezes, já à noite, especialmente nos dias de inverno.

Nesse tempo já morávamos numa casa de nossa propriedade. Adquiri um terreno situado na Vila Seis de Maio, em Palmeira das Missões. A casa eu a comprei do senhor Aristeu Zandoná e a reconstruí com as mesmas medidas. A casa ficava situada ao lado da Sociedade Recreativa 10 de julho onde o menino Ivaldino Tasca ajudava seu pai, que era ecônomo da entidade. Nessa época foi criado pelo governo federal o Movimento Brasileiro de Alfabetização de Adultos. Era ministro de Educação o professor e antropólogo, Darcy Ribeiro. Convidou o professor Paulo Freire mentor do método de alfabetização de adultos, para coordenar o projeto. O processo era descentralizado na ação. Os municípios brasileiros, por meio de uma comissão municipal,procuravam os adultos analfabetos,

formavam núcleos, treinavam os alfabetizadores, fosse professores ou não e motivava a comunidade para se engajar no Movimento de Alfabetização de Adultos do município. O governo federal, por meio das secretarias estaduais e das secretarias municipais de educação exerciam o controle, forneciam o material básico, bem como pagavam uma certa quantia aos alfabetizadores. Centenas de adultos conseguiram sair da escuridão do analfabetismo. O método criado pelo professor e sociólogo Paulo Freire era prático e atraente. Em seis meses, na média, os grupos eram alfabetizados. Faziam leituras, descreviam e faziam cálculo matemáticos básicos. A Comissão Municipal do MOBRAL prestava um serviço voluntário.Em Palmeira, a Comissão realizava campanhas de todas as maneiras, como a aquisição de óculos, doação de alimentos, roupas para os alunos, procurando atraí-los para a sala de alfabetização que funcionava, onde houvesse um espaço adequado e disponível, próximo às residências dos alunos.

18.

A situação econômica da nossa família começa a ficar comprometida. Agora residíamos na cidade. Na Escola Agrícola tínhamos, sem despesa, casa, luz, água e algumas facilidades para adquirir a preço módico, leite, carne... Os filhos começam a frequentar a escola, eram quatro em idade escolar, minha mãe começa a ficar fragilizada, em virtude da idade. Não só pela idade, como também pelos sofrimentos que a vida lhe impôs.

Para aliviar a situação, eu consegui um contrato para lecionar no Ginásio Estadual "Três Mártires" de Palmeira das Missões.

Enquanto as crianças cresciam, o Brasil passava por transformações políticas e sociais. Em 1962 os trabalhistas do Rio Grande do Sul, que eram fortes, enfrentaram uma eleição divididos. Surge a liderança de Fernando Ferrari, no próprio PTB e enfrenta Leonel Brizola e seu candidato. São derrotados nas urnas, por uma aliança, conservadora que elegeu o engenheiro Ildo Menegheti, pela segunda vez para governar o Rio Grande do Sul. Em âmbito nacional, há uma conspiração para afastar João Goulart da chefia da nação. Ele lidera um grande comício no Rio de Janeiro em março de 1964, defendendo as chamadas reformas de base no Brasil. Já se passaram mais de 50 anos

e as tais de “reformas de base”, até hoje não foram efetivadas no congresso nacional.

A capital riograndense fica agitada e Ildo Menegheti instala seu governo na cidade de Passo Fundo. O Presidente João Goulart, eleito democraticamente é deposto e obrigado a solicitar asilo no vizinho país Uruguai. Inicia-se a ditadura militar, com a extinção dos tradicionais partidos políticos, fechamento dos sindicatos é instituída a eleição indireta para os cargos executivos. A Constituição de 1946 foi alterada.

Eu acompanhava todos esses acontecimentos pelos meios de comunicação. Não me atraia a política partidária. Tratava de cuidar do meu trabalho e da educação dos filhos.

Até que um dia, eu conclui que deveria também participar na ação política. Escolhi um grupo da pastoral social de Igreja. A partir daí, a Clair e eu nos engajamos nos grupos que realizavam trabalhos sociais. Nossos filhos cresciam num regime político que reprimia, torturava, censurava e convivendo com a euforia do campeonato mundial de futebol no ano de 1970.

Um fato interessante ocorreu na minha vida de professor. Corria a década de sessenta, lá pelo seu final. A venda de produtos pelo chamado “crediário”, não existia, pelo menos lá na Palmeira. Havia, isto sim, a venda “fiado”. Assinava-se uma nota promissória no

comércio, por ocasião da compra de uma mercadoria. Era uma dívida líquida e certa. Essa nota comercial, geralmente, era descontada ou posta em cobrança numa casa bancária.

Certa feita. fui no Banco Nacional do Comércio de Palmeira das Missões para saldar uma dívida. Era uma nota promissória descontada contra mim. Um funcionário solicitou que eu me dirigisse ao caixa para saldar a divida. Assim eu fiz. Recebi o documento coloquei-o no bolso do casaco, sem olhar, e fui embora. Chegando em casa, guardei a nota promissória. Dois dias depois, procurando outra coisa, dei de frente com a nota promissória. Olhei-a e achei estranho, porque a quantia expressa no documento era muito alta e a pessoa sacada não era eu. O funcionário do banco ao invés de quitar a minha divida, quitou a divida de uma empresa. A minha, de pequeno valor, ficou retida no banco. A confusão foi tão grande que eu não saberia explicar.

Dirigi-me ao gerente do Banco Nacional do Comércio para explicar o engano. O gerente era o senhor Victório Hoenisch, avô materno do Dr. André H. Medeiros, cirurgião plástico renomado em Passo Fundo. Narrei ao gerente o acontecido e ele agradeceu, porque o conceito da casa bancária estaria posto em jogo. Anos depois eu tive o prazer de reecontrar o Sr. Victório, já aposentado, na cidade de Santa Maria. Era o ano de 1968, do AI-5. Nos abraçamos, mais uma vez.

Na Câmara de Vereadores lançando um livro sobre a históriade Passo Fundo. Na foto Dr. Meireles Duarte,Presidente da Academia Passofundense de Letras.1992. (foto Czamanski)

- “Não fiques com aquilo que não é teu”, dizia nossa, mãe.

A Magda, a filha mais nova, foi a única que não acompanhei seu desenvolvimento intrauterino. Eu me afastei da Clair pelo espaço de seis meses, para realizar um curso na Universidade de Santa Maria. Corria o ano de 1968. De 15 em 15 dias, eu me deslocava de Santa Maria a Palmeira para visitar a família. A Clair ficava em casa na companhia de minha mãe e dos quatro filhos. A Suzana a mais velha, tinha 8 anos de idade.

No dia em que a Magda nasceu, 15 de setembro de 1968, eu assistia aula na Universidade de Santa Maria. No outro dia, viajei bem cedo para vê-la. Magda cresceu com saúde e completou todos os cursos, sendo diplomada em Educação Física, trabalhou por muitos anos no Instituto de Educação de Passo Fundo e contraiu matrimônio com o jovem Evandro Argenta. Diz ela que foi seu primeiro namorado. Acredito. O filho Gabriel é motivo de muitas alegrias para o casal e todos nós.

Por falta de vagas nas escolas públicas da cidade, quando aqui chegamos em Passo Fundo, no ano de 1972 fomos forçados a fazer a matrícula no Colégio Notre Dame. Foi muito difícil pagar as mensalidades para três filhos. A Suzana cursava as últimas séries do ensino de 1° grau, a Izabela e o João Manoel o primeiro ano. Para o Roque nós conseguimos

Fazendo entrega do cargo de Coordenador da 7ª Coordenadoriade Educação de Passo Fundo. À frente: Deputado Guaracy Barroso Marinho, Dr.João Carlos Bona Garcia, a Clair minha esposa e a profª Selma Costamilan.

matrícula no Grupo Escolar Fagundes dos Reis. No ano seguinte, o João Manoel e a Izabela foram estudar na escola pública, onde completaram o primeiro e segundo graus, ingressando no ensino universitário.

Nossos filhos são todos casados.

A Suzana contraiu núpcias com Roberth Bernath Böhme. Roberth, mais conhecido na família como "Beto" é natural de Nova Prata.

O Roque casou com a jovem Ana Cristina Boscato. Ana é natural de Passo Fundo.

João Manoel casou com Prícila Azevedo e ambos residem na cidade de Tramandaí, onde desempenham suas atividades profissionais.

A Magda contraiu matrimônio com o jovem Evandro Argenta, natural de Lagoa Vermelha, mas desde muitos anos, aqui reside.

Por fim, nossa filha Izabela, casou com João Francisco de Mattos Filho, passofundense da gema.

Essa é a nossa família, construída com muito amor e carinho, formada por cinco filhos, cinco genros e noras e oito netos maravilhosos. Diante das grandes transformações sociais, a família se renova, modifica-se, as suas funções tornam-se complexas. Antes era extensa, agora se reduz ao casal e eu ou dois filhos. Vive em cidade, mora em apartamentos. Cada um depende do seu rendimento econômico. Vive-se

em função do salário e a sua estabilidade depende do mercado de trabalho. A mulher é chamada a assumir encargos fora do lar, porque a sociedade de consumo cria necessidades sucessivas.

Em 1960, quando nasceu nossa primeira filha, a Suzana, o governo de Jucelino Kubistchek de Oliveira estava no seu final. Ele recebia uma chave: A chave da cidade de Brasília. Para uns, um grande sonho, para outros, uma loucura. Naquela época eu lecionava na Escola Agrícola "Celeste Gobbato". Éramos em 20 professores trabalhando. Nenhum de nós possuíamos automóvel. Hoje, é difícil viver sem automóvel. Em Brasília, capital federal, era lançado um automóvel pequeno. Foi um espanto! Ninguém tinha visto coisa igual. Era a Romiseta, o primeiro automóvel brasileiro. A partir daí, as empresas estrangeiras se obrigaram a montar fábricas de automóveis no Brasil, para garantir o mercado interno. Começam a circular, nas estradas lamacentas do Brasil, Jeep, Kombi, Rural Wils... Surgem as estradas asfaltadas e são extintas as estradas de ferro e as redes ferroviárias estaduais.

- É, o tempo muda...

- Não, meu filho, nós é que mudamos... retrucava a minha mãe.

É verdade.

20.

Nossos filhos e filhas sempre foram pessoas especiais para a Clair e para mim. Criados na "barra da saia" da mãe, com responsabilidades e liberdade, nunca nos decepcionaram. Foram pacientes nos momentos de dificuldades e educados na linha da pobreza.

Eles, hoje, procuram, também, educar seus filhos, com naturalidade, obedientes e tementes a Deus. Genros e noras, para nós, são como filhos. Sempre demonstram carinho com tudo o que fazem. Eles nos completam.

Nossos filhos nasceram na década de sessenta. Foi um decênio muito tumultuado no Brasil. De 1961 até 1964 aconteceram pressões populares pelas ruas. Renúncia do presidente do Brasil, impedimento da posse do Vice-Presidente, movimento "legalidade", liderada pelo líder Leonel Brizola, o golpe militar, cassações... Nesse clima de incertezas, nós criamos nossos filhos.

Voltemos ao tempo:

Quando eu completei seis anos de idade, meu tio Osvaldo Nascimento, pessoa inteligente, autodidata, cenógrafo, artesão, fotógrafo, me dizia, ao escrever uma pequena cartinha, que eu a conservo, junto às

minhas recordações:

- “Welci, tudo na vida se mostra cor-de-rosa. É a infância e a adolescência. Duas fases diferentes. Na primeira, os folguedos, as alegrias. A segunda, o culto à inteligência, respeito aos professores, veneração aos pais.

Nunca te deixes seguir pelo caminho dos vícios, evitando, dessa forma, a corrupção. Limita-te, sempre a medida de tuas forças, não excedendo-te ao impossível”...

Essa cartinha era um presente, imaterial. De vez em quando, faço uma leitura. Foi escrita com lápis e já está um pouco apegada.

Certa, vez, eu conversando com meu confrade vicentino, Marcos Mattos, ele lembrava seu professor do ensino primário, no Grupo Escolar de Campo Novo, ou Redentora. Não tenho bem lembrança. Esse professor chamava-se Ovídio Pias, pessoa bondosa e inteligente, que eu o conheci muito bem. Eu disse ao Marcos: Pois é, a mãe do professor Pias foi a parteira que me trouxe ao mundo. Ela se chamava Francisca, castelhana que atendia as mulheres grávidas da região da Palmeira. Grande parteira!

Em 1946, eu contava com 12 anos de idade. Estávamos saindo do governo de Getúlio Vargas, ditador desde 1937, para entrarmos num governo democrático. Assumia a presidência da república o

general Eurico Gaspar Dutra, ex-ministro da guerra do governo Vargas.

No grupo escolar eu recebia o meu primeiro boletim escolar. Ele estava assinado pela diretora da escola, cujo prédio foi construído pelo Cel.Valzumiro Dutra, Intendente da cidade. Meu nome estava ali, estampado: Welci Nascimento Vargas. A diretora era a professora Ercy de Campos Vargas, esposa do Romeu Vargas, meu irmão por parte de pai, que nos levou para Porto Alegre, um ano depois. No final da sua vida o Romeu costumava passar uns dias conosco, em Passo Fundo. Ele se sentia muito bem aqui.

Um dos fatos que marcou a minha vida no magistério, foi por ocasião da visita que fez o governador do Estado, Leonel Brizola, na Escola Agrícola "Celeste Gobbato" de Palmeira das Missões, em 1959, ou 1960, não tenho bem lembrança. Mas foi assim:

O governador estava de passagem pela cidade, em campanha política. Havia eleições para o cargo de prefeito. Era um dia de domingo.

Como o governador deveria pernoitar na cidade, ele resolveu fazer uma visita, segunda-feira, pela manhã, na escola, que fora mandada construir pelo governador Ernesto Dorneles, seu companheiro de partido.

O diretor da Escola Agrícola Celeste Gobbato,

foi informado, domingo mesmo, da visita ilustre e tratou de convocar o corpo docente, funcionário e os alunos, para receberem o governador, que deveria estar na escola, nas primeiras horas da manhã.

Segunda-feira, cedo, no seu gabinete o diretor mandou me chamar, dizendo:

- Professor Welci, fique na frente da escola, para receber o governador. Conduza-o até a minha sala, onde estarão, também os professores. Os alunos, disse o diretor, permanecerão em suas respectivas salas de aulas.

Recebidas as ordens, fiquei postado na frente da escola, a espera do governador. O educandário se localiza no alto de uma coxilha. Dali, tínhamos uma visão clara da estrada que liga Palmeira das Missões ao município de Santa Bárbara do Sul e da estrada vicinal que leva até a Escola Agrícola.

Não demorou muito, avistei a comitiva do governador. Uns oito ou dez automóveis levantavam a poeira vermelha, original daquela região.

O carro do governador, que vinha na frente da comitiva, pára em frente da escola. Seguem os outros carros, que traziam os membros da comitiva.

Eu me aproximo do carro de Leonel Brizola, abro a porta, e o convido para entrar.

Leonel Brizola, olhando firme nos meus olhos,

pergunta:

- Onde ficam os banheiros dos alunos?

Eu, num milésimo de segundos, pensei:

“Ele deve estar apertado!”...

- Acompanhe-me, senhor, respondi.

Os banheiros ficavam localizados, há poucos metros dali.

Logo, atrás, chegam os membros da comitiva e dezenas de pessoas ocupam o pequeno espaço de entrada. À frente, o governador e eu. Não tive tempo de avisar o diretor que estava na sala dele. A confusão era grande.

Leonel Brizola, viu de perto, os banheiros, deu uma olhada, por cima, e disse:

- Está bem.

E arrematou:

-Quando os banheiros estão em ordem, certamente as demais dependências, também estão.

- Onde estão, os alunos? - perguntou.

- Em sala de aula, respondi.

Acompanhei o governador até as salas, onde os alunos o esperavam, em pé.

Enquanto isso, naquela confusão toda, que durou poucos minutos, o diretor da escola apareceu, acompanhado pelos professores.

O diretor se apresentou ao governador e, no mesmo instante, recebeu uma advertência do Brizola. Olhando para uma área de terra próxima do prédio da escola, onde havia uma quadra de basquete,com muita terra vermelha, disse:

- Precisamos plantar grama nessa área de terra e transferir a quadra de basquete para outro lugar.

Nasce, ali, nesse instante, um belo jardim com um chafariz no centro.

Depois disso, o governador deu meia volta, agradeceu e se despediu dizendo:

- Já sei o que a escola está precisando. Estou às ordens de vocês, em Palácio, concluiu.

E, lá se foi a comitiva do governador, rumo à Palmeira das Missões.

No outro dia, o diretor da escola convocou os professores para, uma reunião,a fim de organizar uma pauta de reivindicação ao governador. Elaborada a pauta, o professor Dr. Dalvo Fiad, membro ativo do Partido Trabalhista Brasileiro de Palmeira das Missões, foi escolhido para levar os pedidos da escola, pessoalmente, ao governador Leonel Brizola.

O professor Dalvo Fiad foi a Porto Alegre e, fez entrega das reivindicações. Em síntese, depois de um embasamento técnico, solicitávamos mais professores, implementos agropecuários, matrizes de gado leiteiro...

O governador, segundo o professor Dalvo nos contou, leu a minuta, assinada por todos os professores, e despachou diretamente ao Secretário Estadual de Educação e Cultura, Justino Quintana. Depois, tenho a impressão, que este, despachou ao Subsecretário de Educação, Dr. Bruza Netto. Bruza leu o documento e mandou chamar o professor Superintendente do Ensino Técnico da Secretaria de Educação. Este, por sua vez, mandou chamar o diretor da Escola Agrícola "Celeste Gobbato" de Palmeira das Missões, para ter uma conversa. Disse o Superintendente: Sr. Diretor, os transmites legais não foram obedecidos, etc, etc...

Resultado: o diretor da escola foi transferido e os professores foram advertidos. Eu não sei se o governador ficou sabendo do acontecido. O que eu sei, é que, logo a Secretaria de Educação tratou de atender o pedido.

O governador Brizola teria "baixado a lenha", no seus burocratas? Não sei.

O que sei é que Leonel Brizola era um homem objetivo e prático. Não era de meias palavras.

Transferido o diretor, injustamente, mas do

agrado dele, segundo fiquei sabendo depois, veio para substituí-lo o Técnico Agrícola, Henrique Muxfeldt, das hostes do PTB, profissional competente, que trabalhava na Estação Experimental do Trigo, em Bagé. Com ele a escola deu um salto de qualidade.

Durante o governo de Leonel Brizola, tem início no Rio Grande do Sul a fase de estatização dos serviços de energia elétrica e de comunicação e o Rio Grande consegue recursos norte-americanos, através do Programa Aliança para o Progresso. O traçado da chamada "Estrada da Produção", unia o norte do Rio Grande com sua capital. Em homenagem aos norte-americanos, a estrada foi denominada "Presidente Kennedy". Além disso, foram iniciativas do governador Brizola o projeto da Refinaria Alberto Pasqualini e Aços Finos Piratini. No entanto, a obra mais emblemática do seu governo foi a construção das escolinhas primárias, chamadas, mais tarde, pelo povo de "Brizoletas". Com isso, o Rio Grande do Sul passa a ter a mais alta taxa de escolaridade do Brasil.

21.

Ao longo da minha vida, eu passei estudando e trabalhando. Só parei de estudar, formalmente, quando parei de trabalhar, profissionalmente, com setenta anos de idade. Sustentar a família composta de oito pessoas, estudando e trabalhando, não foi fácil, mas foi prazeroso. É claro que a obra não foi somente minha. Foi da Clair, foi da minha mãe, foi dos filhos, foi de Deus, nosso criador, que nos sustentou com sua graça. As amizades que conquistei, em nome de todas elas, eu destaco a amizade do Pe. Nélson Tonello, que nos ajudou a refletir, pensar e agir, segundo o Evangelho.

Uma das experiências agradáveis que tive na vida foi a de poder preparar os dois primeiros filhos para receberem a primeira comunhão eucarística. Eles formaram um pequeno grupo de amiguinhos do bairro e se reuniram em nossa casa para receberem os ensinamentos catequéticos da igreja católica. O vigário da Paróquia, Pe. Eugênio Catanzarro, aprovou a iniciativa e as crianças receberam a primeira Comunhão durante a Santa Missa celebrada nas dependências da escola onde elas estudavam, na Vila Seis de Maio, em Palmeira das Missões. Ao longo dos anos, tivemos o privilégio de preparar muitas crianças e jovens para receberem a Eucaristia e o Crisma, pais e padrinhos dos batizados e noivos para receberem o Sacramento do Matrimônio. A Clair e eu refletíamos

com inúmeros casais de noivos acerca do casamento e do relacionamento pais e filhos, na Paróquia São Judas Tadeu da Vila Luiza, em Passo Fundo. Foram mais de vinte anos. Minha grande experiência no trabalho do ensino religioso nas escolas, teve como ponto de partida a minha participação no II Encontro Catequético sobre a Juventude, realizado em março de 1968, sob a coordenação do Ir. Antônio Cecchin. Ele anunciava um método de educação se jovens: "Ver, julgar e agir".

A Clair e eu, numa tarde de chimarrão conversávamos: - "Os filhos estão crescendo. Como darmos continuidade nos estudos, se em Palmeira não há curso superior? Recursos para sustentar, um filho, fora da nossa casa, não possuíamos".

- "A solução, disse Clair, seria a de transferir residência para uma cidade, onde há curso superior".

- "Passo Fundo"? - disse eu.

- "Quem sabe" - respondeu a Clair.

Foi o que fiz, porque no final do ano de 1970 fui aprovado no concurso vestibular para ingressar na Faculdade de Direito de Passo Fundo. No início de 1971 solicitei a minha transferência da função que exercia na 20ª Delegacia Regional de Educação para a 7ª Delegacia sediada em Passo Fundo. Foi concedida, a minha transferência. No início do mês de janeiro de 1972 eu recebi um ofício assinado pela Delegada de

Educação de Passo Fundo, dizendo que eu deveria me apresentar naquela repartição, para assumir a função de Supervisor de Educação no meio rural.

Tem início uma nova etapa na minha vida. Minha e da minha família.

22.

No dia 22 de março de 1972, chegamos em Passo Fundo.

No dia anterior iniciamos a mudança, colocando nossos pertences num caminhão de propriedade de um vizinho chamado José. Empresa organizada para fazer mudança, não havia, pelo menos em Palmeira das Missões. Fomos acomodando os móveis, que não eram muitos, bem firmes no caminhão, uma vez que a estrada de chão, empedrada, balançava, muito o meio de transporte. A Suzana, a primeira filha, tinha apenas, 12 anos. Havia mais quatro filhos, a Clair, minha mãe e um primo, que morava conosco porque não tinha onde morar. Ele chamava-se Walter.

Antes de partir, procurei saldar todas as minhas dívidas que existiam no comércio, nos despedimos dos amigos e familiares e, lá pelas 22 horas do dia 21, partimos. A casa, nossa propriedade, ficou fechada.

À frente, ia o caminhão com a mudança, o Walter e o Roque. Atrás, na caminhonete marca Wemaguette ia eu na direção, a Clair, minha mãe e os outros quatro filhos. A Magda, como ainda era pequena, ia no colo da Clair, ao meu lado. Todos bem comportados. As crianças, já iam dormindo.

A estrada era péssima. Muitas pedras, graúdas e

miúdas. Eu, firme na direção da Wemaghete. Era um DKW Wemag, nosso segundo automóvel. O primeiro foi um Ford, ano 1950, comprado numa revenda de Ijuí, à vista, por um milhão de cruzeiros. Esse valor foi fruto de uma lambreta, financiada pela Caixa Econômica Federal que eu a vendi por setecentos mil cruzeiros. O que faltou eu completei com dinheiro dos meus vencimentos de professor. Naquele tempo não havia as facilidades, como existe hoje, para adquirir um automóvel. Não havia garantia na compra e, muito menos, seguro do automóvel. Também não havia acidentes, como hoje.

A viagem transcorreu normalmente. No clarear do dia, chegamos na cidade de Passo Fundo. Era o dia 23 de março de 1972. A entrada na cidade, para quem vinha de Carazinho, era pela Vila Vera Cruz. Ali paramos um pouco, porque ainda estava escuro. Comemos alguma coisa, e a Magda clamava por uma mamadeira, que a Clair estava providenciando. A viagem durou 8 horas de Palmeira das Missões a Passo Fundo. Os acessos à cidade de Passo Fundo estavam recebendo a camada asfáltica. Trabalhava nas estradas o Batalhão Ferroviário do Exército Nacional. A RS Passo Fundo/Ernestina, também estava em construção. Havia também o asfaltamento da estrada Passo Fundo/Getúlio Vargas/Erechim, fazendo conexão com Santa Catarina. A estrada chamada Transbrasiliana que faria a ligação com São Paulo, foi sendo abandonada, gradativamente. Logo Passo Fundo se ligou, por

estrada asfaltada com os municípios de Carazinho, Sarandi, Palmeira das Missões, Seberi, Frederico Westphalen, Iraí, passando a se interligar com toda a região norte do Rio Grande.

Estávamos chegando em Passo Fundo. Paramos um pouco para descansar, esperar o dia clarear e a Magda saborear sua gostosa mamadeira. Seguimos em frente. O sol desponta e já podíamos avistar os campos do bairro Petrópolis. O emaranhado de edifícios, ainda não existia. Na entrada da cidade era possível ter uma visão ampla da cidade. Pela rua Teixeira Soares, passamos em frente ao Hospital São Vicente de Paulo. A rua era em mão dupla, poucos carros circulando, casas antigas, terrenos baldios e a igreja Nossa Senhora da Conceição em destaque, frente à Praça Tamandaré. Nenhum edifício, a não ser dois sobrados localizados nas esquinas da praça. Íamos em frente pela rua Teixeira Soares. O DKW puxando a fila em direção a rua Marcelino Ramos, nas proximidades do presídio e do corpo de bombeiros. Íamos residir na rua Independência em uma casa de propriedade do irmão da Clair, já falecido, Vicente dos Santos. Ele serviu no corpo de bombeiros, por muitos anos.

Depois de acomodarmos todos os móveis na casa alugada, fui providenciar a ligação dos sistemas de água e luz. Eu estava muito cansado, depois de carregar e descarregar a mudança, sem dormir um minuto, sequer. Mesmo assim, me dirigi à Sétima Delegacia de Educação, situada na rua Coronel

Chicuta, nos fundos da igreja catedral, onde eu deveria exercer minha função como Supervisor de Educação. Fui designado para atender as escolas dos municípios de Carazinho, Não-Me-Toque e Victor Graeff. Terças, quartas e quintas-feiras eu viajava para aqueles municípios, visitando as escolas, segundo um cronograma. Ao chegar na cidade, os prefeitos dos respectivos municípios nos colocavam um carro com motorista, para visitarmos as escolas localizadas no interior. De lá, retornávamos, à tarde, para Passo Fundo. Na Delegacia de Educação formávamos uma equipe de supervisores e de inspetores. Segunda-feira nós planejávamos as viagens e sexta-feira realizávamos a avaliação do trabalho efetuados nos municípios. Esse trabalho de supervisão e inspeção nas escolas estaduais se desenrolava o ano inteiro. Em 23 de setembro de 1972 recebi a Portaria da Secretaria Estadual de Educação, assinada pelo secretário Mauro da Costa Rodrigues, coronel do exército. A citada Portaria, efetiva minha lotação na escola Estadual Protásio Alves de Passo Fundo, para exercer a função de Supervisor de Educação na 7ª Delegacia de Ensino.

O Brasil passava por uma reforma radical no setor educacional. A lei n° 5692/71 fez com que houvesse uma profunda mudança no sistema educacional, tais como: tipologia de escola, currículo, quadro de carreira dos professores, universalidade do ensino fundamental, obrigatoriedade escolar. Enfim, o sistema mudou.

O problema era: Como aplicar a lei em todo o Brasil? Os cursos ginasiais foram extintos, sua metodologia, também. O ensino médio passa a ser chamado de ensino profissionalizante, com ramificações em várias áreas de trabalho, sustentado por conteúdos de cultura geral, o currículo mudou. No lugar de língua portuguesa, a denominação é Comunicação e Expressão. A história e a geografia passam a serem englobados com a denominação de Estudos Sociais. Havia dois eixos básicos: Cultura Geral e Educação Especial.

Para implantar essa mudança, a lei 5692 centralizou o controle e descentralizou as ações. Os grandes veículos de comunicação eram as secretarias estaduais de educação e as secretarias municipais, sob a orientação dos conselhos estaduais, das delegacias de educação e das instituições de ensino superior, ligados a educação.

Consumia-se toneladas de papéis, para multiplicar os textos legais e as interpretações do Ministério e do Conselho Federal de Educação. Toda essa parafernália ia desembocar nas delegacias regionais de educação e nas secretarias municipais de educação.

Chegando em Passo Fundo, logo fui designado para coordenar a reforma de ensino nos municípios de Carazinho, Não-Me-Toque e Victor Graeff. Eu, como todos os supervisores e inspetores de ensino, fomos treinados para "reciclar" os professores, de

todas as escolas. Reciclar era a palavra de ordem. A reciclagem era de cima para baixo. Era vertical. O regime implantado no Brasil, facilitava a implantação da reforma educacional. O resultado, alguns anos depois, foi um desastre. Ainda estamos colhendo os frutos. Apesar de tudo, conseguimos alguns avanços, como a implantação do plano de carreira do magistério no Rio Grande do Sul.

23.

Logo que chegamos em Passo Fundo, tratamos de matricular os filhos nas escolas públicas, eram quatro em idade escolar.

Não encontramos vagas. Somente o Roque conseguiu vaga para estudar no grupo escolar Joaquim Fagundes dos Reis. Os demais foram estudar no colégio Notre Dame, que se localizava próximo à nossa casa. A mensalidade era, demasiadamente, alta. No ano seguinte, somente a Suzana permaneceu na escola das irmãs de Notre Dame. O João Manoel e a Izabela foram estudar na EENAV. A Suzana permaneceu estudando no Colégio Notre Dame, até completar o segundo grau. Depois de titulada na Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo, foi convidada para lecionar naquele educandário. Fomos eleitos a Clair e eu, casal presidente do Círculo de Pais e Professores do colégio e nossa neta, Natália estudou nesse mesmo educandário até completar o segundo ano do segundo grau. Mesmo assim, não tenho boas lembranças do Colégio Notre Dame.

Em 4 de julho de 1973 fui designado para gerenciar o projeto "Centro Rural de Educação", no município de Carazinho. Nas proximidades da cidade, numa área de terra significativa. Seria instalada uma importante escola, moderna. O prefeito da cidade

nos disponibilizou uma sala, ampla para o trabalho, junto ao seu gabinete. Durante três meses a minha equipe de trabalho se deslocava de Passo Fundo a Carazinho. Era Secretária de Educação de Carazinho a professora Helena Rota de Camargo. Com ela e sua equipe de trabalho, implantamos a reforma do ensino no município de Carazinho.

Nas décadas de 70/80, havia um novo olhar sobre a cidade de Passo Fundo. Um olhar de desenvolvimento. Casas, condomínios, edifícios modernos, surgem, do dia para a noite. Um fluxo intenso de automóveis pelas ruas e avenidas. Automóveis novos, casas comerciais estilo moderno, especialmente nas ruas Moron, Gal. Netto, Avenida Brasil se torna, especialmente nas quadras centrais, um ponto de instalação de grandes lojas comerciais. As empresas familiares, que sustentavam o comércio, começam a se fragilizar. As áreas de saúde e educação em Passo Fundo se desenvolvem e proporcionam novos rumos no seu desenvolvimento.

A música gaúcha do imortal Teixeirinha, toma conta das emissoras de rádio e os centros de tradições gaúchas da cidade são destaques nos festivais e nos rodeios tradicionalistas.

Conjuntos gaúchos, como "Os Fronteirisos", sob a coordenação do saudoso Algacir Costa, fazem sucesso nos fandangos dos CTGs. As fotografias em preto e branco do Tamagnoni e do Czamanski dão lugar às

fotografias coloridas. Os antigos moradores da cidade sentem saudades dos prédios históricos, que dia-a-dia, vão sendo demolidos para dar lugar aos edifícios de apartamentos. Saudade do Burlamaque, fazendo história com a revenda de automóveis Chevrolet, do Salão do Comércio na rua General Netto, dos carnavais dos clubes, dos blocos de rua e dos jogos de futebol entre Gaúcho e 14 de julho. A cidade perdia sua alma de boêmia. Não mais existem os Café Amarelinho, o Maracanã, os cinemas da praça... E os mais antigos, ainda diziam: "Quanta saudades do Teatro "Delorges Caminha", das companhias de teatros de Paulo Outran, Procópio Ferreira, que passavam por aqui... Saudades do Dino Rosa, Meireles Duarte, narradores de futebol...

Passo Fundo saía de um tempo para entrar noutro.

Em conversa com o médico passofundense Osvandré Lech, ao limiar do século XXI, ele nos dizia: Precisamos evoluir muito, sob o ponto de vista tecnológico e investir em material de última geração..." Foi o que aconteceu com a instalação do Instituto de Ortopedia e Traumatologia - IOT, de Passo Fundo com os hospitais São Vicente de Paulo e com o Hospital da Cidade.

Na década de 70 cursei duas faculdades: Direito e Pedagogia na Universidade de Passo Fundo. Conclui as duas e fui Pós-Graduado na Universidade Católica de Porto Alegre-PUC.

Equipe de professora do "Projeto Pré-Escola" – 1981. Local: CTG Getúlio Vargas.

Na igreja eu fazia parte de um grupo de leigos, liderado pelos padres Luiz Serraglio, Elli Benincá e Nelson Tonello para refletir e colocar em prática novas metodologias do ensino religioso nas escolas públicas que, por lei, era obrigatório no currículo escolar e facultativo para os alunos. Para isso, participei de inúmeros cursos e treinamentos na área do ensino religioso em Porto Alegre e Caxias do Sul, sob a coordenação dos padres Pedrinho Guareschi, Orestes e do Irmão Antônio Ceccin. O ensino religioso nas escolas públicas passava por transformações no conteúdo e no método. A disciplina de Moral e Cívica, implantada no currículo, pela lei 5692, causava confusão para os professores.

Com a troca do governador do Estado, embora do mesmo partido político, porque a eleição era indireta, isto é, eram os deputados estaduais que homologavam o nome indicado pelo governo, assume o comando da 7ª Delegacia de Educação, hoje Coordenadoria, a professora Valéria Ghen da Costa, com uma vasta experiência no magistério. A delegada que saia, Moema de Toledo Rodrigues, fez o convite para que eu proferisse o discurso de posse. Assim o fiz. As mais altas autoridades da cidade, estavam presentes no ato de posse. Eu era um "ilustre" desconhecido da cidade de Passo Fundo. Não poderia imaginar que, um dia, seria escolhido Delegado de Educação, em 1987.

Em 19 de novembro de 1975, o Prefeito Edu Vila de Azambuja, coronel do Exército Nacional, eleito

pelo voto popular, incluiu o meu nome para compor o Conselho Municipal de educação, sob a presidência do Pe. Elli Benincá. A partir desse fato, passo a exercer minhas funções junto à Secretaria Municipal de Educação, para organizar o Conselho, ora criado. Passo Fundo, nessa época, era um marco referencial em matéria de municipalização do ensino de primeiro grau, a nível estadual. O jornal Correio do Povo edição de 27 de abril de 1975 noticiava a criação da Associação dos Supervisores do Rio Grande do Sul. Pelo meu empenho na criação dessa Associação, sou eleito membro do Conselho Deliberativo.

24.

Minha atividade na função de Supervisor de Educação cessou, a partir do dia em que o professor Athanásio Orth, Secretário Municipal de Educação de Passo Fundo, na gestão Volmar Salton — Firmino Duro nos convidou para ser o assessor de educação naquela Secretaria e coordenar um grupo de trabalho que iria traçar normas para um novo modelo de escola municipal, no meio rural de Passo Fundo.

Athanásio disse: - "Professor Welci, eu preciso de você na minha Secretaria. Temos muito o que fazer". Athanásio tinha sido indicado pela ala esquerda do MDB. Esse partido político abrigava muitas tendências ideológicas. Athanásio, no tempo do regime militar, estudava no seminário católico de Viamão. Era um jovem introspectivo, muito crítico do regime militar reinante no Brasil. Perseguido, foi preso e conduzido para a Ilha das Cobras, em Porto Alegre.

Anistiado, em março de 1978, Athanásio assumiu o comando da Secretaria Municipal de Educação de Passo Fundo. Dez meses foram suficientes para,ele conquistar a confiança dos professores da rede municipal. Há pessoas que demoram muito para chegar, Athanásio precisou, apenas de dez meses. Seu lugar preferido para trabalhar era junto aos professores. Ele, sempre que podia, estava visitando uma escola, de periferia ou da zona rural. Na cidade

Nosso Grupo de Oração- Terço em Família.

ele se deslocava a pé. Como aconteceu na visita que fez na Escola Municipal São Luiz Gonzaga, que estava na eminência de cair, pela ação do tempo. Um dia ele me chamou e disse: -”Welci, vamos ver como está a Escola da Vila São Luiz Gonzaga”. Fomos até lá. Estava chovendo muito, e, o motorista da Secretaria senhor Darcy, nos levou num fusca verde, já usado. São Luiz Gonzaga, na época, era um imenso campo, com poucas residências. A escola municipal estava lá, com poucos alunos. Em poucos meses, dois ou três, já havia um novo prédio, de madeira, mas em boas condições para os alunos estudarem e os professores poderem trabalhar. Os carpinteiros e marceneiros da Prefeitura é que construíram a escola. Havia uma equipe para esse fim.

Certa noite, o professor Athanásio dando uma entrevista para uma emissora local, anunciava um plano de alfabetização de adultos,nos moldes do educador Paulo Freire. A fala do professor na emissora de rádio não agradou o comando do exército sediado em PassoFundo. O comandante, em visita ao prefeito Firmino Duro fez ver que o professor Athanásio tinha sido um “perigoso” militante político. O prefeito não deu importância às alegações da autoridade militar, dizendo, com todo o respeito, que os brasileiros perseguidos foram anistiados. Athanásio empreendeu um arrojado plano de alfabetização de adultos. Faleceu vítima de um acidente automobilístico, quando se deslocava com sua família, em gozo de férias.

Em substituição, pela morte do professor Athanásio, o Prefeito convidou o professor Jorge Niedenauer de Lima, jovem, também, inteligente, escritor, jornalista e membro da Academia Passofundense de Letras. O prefeito eleito, em 1976 foi o empresário Wolmar Salton, tendo como Vice-Prefeito o Dr. Firmino da Silva Duro. Foram eleitos pelo Movimento Democrático Brasileiro - MDB, partido de oposição ao regime militar. Do outro lado, havia a Aliança de Renovação Nacional - ARENA, partido político que dava sustentação as ações do governo militar. Era o tempo do bipartidarismo, imposto pelo governo. Nos anos 80, a presença ativa dos estudantes, modifica o quadro político brasileiro. Eles vão às ruas e levam consigo o povo e, este, passa a exigir a realização de eleições diretas para todos os níveis do sistema eleitoral.

Os brasileiros exilados, voltam e os trabalhadores, principalmente do ABC paulista, forçam o fim da ditadura. Convém lembrar que no dia 20 de abril de 1979, o MDB gaúcho ousou promover um ato público na Assembleia Legislativa para homenagear os brasileiros cassados pelo regime militar. Não tardou, o Ministro da Justiça, Petrônio Portela, faz entrega ao Presidente da República, João Figueredo, o projeto de lei da anistia. Em setembro do mesmo ano, dezenas de famílias, desalojadas das reservas indígenas de Nonoai e Planalto, ocupam a Fazenda Macali, marcando, assim, o nascimento do Movimento dos Sem Terra-

MST, no Rio Grande do Sul.

Eu, por outro lado, continuo trabalhando, dia-a-dia na área da educação. Nossos filhos estudam, uns concluindo o primeiro grau, outros o ensino médio e ingressando na universidade.

A Clair, minha esposa, realiza um belo trabalho social na Vila Luiza, liderando um grupo de senhoras, culminando com a instalação de uma creche nas dependências da Paróquia São Judas Tadeu, com a colaboração das irmãs religiosas da Congregação do Verbo Encarnado, religiosas vindas de Montevidéu, por iniciativa do Bispo Diocesano Cláudio Colling.

A partir de dezembro de 1979, é permitida a reorganização partidária no Brasil. A ARENA deu lugar ao PDS, Partido Democrático Social, resultado das antigas forças anti-getulistas (PSD, UDN, PL...), que apoiava o regime militar de 1964 e, por outro lado, o MDB se dividiu, surgindo outros partidos como o PMDB, PTB, PDT, entre outros blocos trabalhistas, o PT, Partido dos Trabalhadores, com origem no sindicalismo paulista. Por fim os partidos comunistas, PCB e PC do B.

Nesse clima de agitação política, eu continuava trabalhando na Secretaria Municipal de Educação de Passo Fundo, levando à frente vários projetos educacionais, especialmente a ideia de municipalização do ensino fundamental no meio rural. Eu não me envolvia na política partidária, mas acompanhava,atentamente o desenrolar dos fatos.

As crianças da Clair na Creche "Boa Esperança" da Vila Luíza em Passo Fundo. 1980.

As oposições de Passo Fundo estavam divididas. De um lado, os simpatizantes das ideias de Leonel Brizola. Do outro, os que acompanhavam a liderança de Pedro Simon. O empresário Wolmar Salton,eleito Prefeito apoia as ideias de Leonel Brizola e ajuda a fundar o PDT levando consigo um grupo expressivo de vereadores. Por outro lado, seu Vice-prefeito, Dr. Firmino Duro, segue a liderança de Pedro Simon. Na câmara Municipal de Vereadores acontece a mesma coisa.

Com a enfermidade do Sr. Wolmar Salton e seu falecimento, o Vice-Prefeito, Firmino Duro assume o comando do Poder Executivo. Consequência: os secretários que não acompanharam o prefeito, ora empossado, são exonerados, a pedido.

Um desses secretário foi o professor Jorge N. de Lima, na pasta da educação. Ele seguiu a linha ideológica do PDT. Por outro lado, por força de uma legislação eleitoral casuística, os mandatos de todos os prefeitos foram prorrogados, por dois anos. O Dr. Firmino, que estava completando o mandato, permaneceu até o mês de março de 1983.

A Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Passo Fundo estava sem o seu titular. Foi então que o Prefeito solicitou s. minha presença no seu gabinete. A assessoria do Prefeito foi até o lugar onde eu trabalhava e transmitiu o recado. Eu, confesso, que fiquei surpreso com o convite.

Nossa Conferência Vicentina "SãoMarcos" de Passo Fundo.

Lá chegando, o Prefeito nos convidou para tomar assento numa poltrona, na sua frente. Ao lado do Prefeito estava o Dr. João Salton, Secretário Municipal de Administração, ainda titular da pasta. O Dr. Firmino Duro abriu o diálogo comigo perguntando sobre o andamento da Secretaria Municipal de Educação. Eu, como tinha pleno conhecimento dos trabalhos, respondia às perguntas do Prefeito, com muita convicção. Informava, também acerca do Conselho Municipal de Educação do qual era Presidente o Pe. Elli Benincá, sendo eu seu Vice.

Depois de mais algumas trocas de palavras, o Prefeito, olhando nos meus olhos, disse:

- O senhor não gostaria de ser o nosso Secretário de Educação?

O Prefeito nos pegou desprevenido. Eu não esperava esse convite. Como eu, que não era filiado a partido político algum? Que não militava na política? Essas dúvidas passaram pela minha cabeça, como um raio. Pensei um pouco e respondi:

- Aceito.

O Prefeito, voltando-se para o Dr. João Salton, solicitou que ele expedisse Portaria Interina designando-me para exercer o cargo de Secretário Municipal de Educação e Cultura de Passo Fundo.

Poucas horas depois, a Portaria foi publicada. Ela levou o número 0624/80.

Na Campanha das "Diretas Já" no: CTG Getúlio Vargas de PassoFundo, 1984.
Na frente:João Manoel, Magda, Suzana, Clair e eu (de lenço vermelho)

De volta ao meu reduto de trabalho, fui recebido, com alegria por meus colegas. A mesma equipe de trabalho continuou. Só acrescentei a professora Rosane Rigo De Marco, para coordenar a área de ensino religioso nas escolas da rede municipal, a pedido do Pe. Elli Benincá.

A escolha do meu nome para ocupar tão cobiçado cargo, foi uma surpresa para as lideranças partidárias, mas não foi surpresa para a classe do magistério municipal. Como não, também, para o magistério estadual no qual eu trabalhei, como Supervisor de Educação, por vários anos, em Passo Fundo e na região de abrangência da Coordenadoria de Educação.

No aconchego do lar eu perguntava para a Clair, minha esposa: - Quem teria inspirado o Dr. Firmino para me conduzir ao cargo de Secretário Municipal da Educação? Não tínhamos respostas.

Meses depois, quando eu já estava consolidado como titular da Secretaria, pelo nosso trabalho, sério e firme em favor do desenvolvimento da educação no município, por ocasião de uma viagem que eu fazia em campanha do Prefeito, ele me revelou:

- Professor Welci, sabes porque eu fiz o convite para o senhor ser meu Secretário Municipal de Educação? Foi assim: Todas às vezes que eu convidava umas pessoas, com experiência e formação técnica para ocupar o cargo de secretário de educação, essa pessoa agradecia a deferância, pedia desculpa por não

aceitar, por motivos de ordem particular e, ao mesmo tempo, pedia licença para sugerir um nome, dizendo:

-Sr. Prefeito, o senhor tem uma pessoa que trabalha na Secretaria que poderia desempenhar esse cargo. E citavam o seu nome. Eu sem nada dizer, nem que sim, nem que não, agradecia a sugestão. - Quem é esse rapaz de quem tanto falam? Vou convidá-lo para trocar ideias.

- Foi isso que aconteceu com sua nomeação para ocargo. Foi uma decisão pessoal, concluiu o Prefeito.

"Eu peguei prá valer" como se diz na gíria. Implantamos muitos projetos importantes, que deram certo, tais como:

- Educação para o Trânsito nas escolas;

- Folclore e Tradicionalismo nas escolas;

- Reativação do MOBRAL;

- Feira do Livro;

- Feira do Produtor Rural;

- Eleição direta para a escolha do diretor de escola,

- Consolidação do processor de municipalização do ensino no meio rural;

- Parceria com a Faculdade de Educação da UPF e Colégio Bom Conselho visando a titulação dos professores leigos,

- Implementação do Plano de Carreira do Magistério Municipal,

- Alimentação sadia e saúde nas escolas nas escolas de periferia.

Não demorou muito, eu começo a receber a visita dos vereadores e lideranças do PMDB. Davam parabéns pelo trabalho desenvolvido na Secretaria e convidavam-me para ingressar nas fileiras do PMDB. Assim o fiz, em consideração ao Dr. Firmino Duro, Prefeito, que nos convidou, para exercer o cargo de sua confiança. A bem da verdade, o prefeito não condicionou a nomeação. Simplesmente nos convidou. Não pedi cargo e portanto, não tinha obrigações para com partidos políticos.

No dia 8 de outubro de 1980, Passo Fundo foi sede de um importante encontro regional de educação. O jornal Correio do Povo, anunciava o acontecimento. Relatei ao jornal, numa entrevista, que Passo Fundo era reconhecido, por estar desenvolvendo um grande projeto de municipalização do ensino no meio rural. Passo Fundo, em contrapartida, deveria receber mais recursos financeiros do governo estadual. Naquele tempo, o governo federal só repassava recursos para o Estado da Federação. Este, a seu bel prazer, repassava recursos aos municípios. Se fossem adversários políticos, repassavam muito pouco. Era o caso de Passo Fundo.

União Batutas dos Ferroviários, Campeão citadino de bochas. 1972
(foto Moderna)

O desenvolvimento dos distritos de Ernestina, Mato Castelhano, Tio Hugo, Pontão, Bela Vista,deve-se ao processo, de educação implantado pela Prefeitura de Passo Fundo, nas décadas de 70/80.

Uma das iniciativas importantes da Administração Wolmar Salton/Fimino Duro foi a organização e instalação da Feira do Livro. Em novembro de 1980 os jornais da cidade anunciavam a 3ª Feira do Livro que seria aberta, às 15 horas do dia 4 sob a coordenação da Secretaria Municipal de Educação, com o apoio da Associação dos Livreiros de Passo Fundo e Associação Comercial. O poeta Jaime Caetano Braun, entre outros escritores gaúchos estiveram presentes na Praça Marechal Floriano.

Outra iniciativa idealizada pela Secretaria Municipal de Educação, coordenada pelo professor Edu Pimentel, foi a Feira do Produtor Rural, que é um sucesso, até hoje. Na Secretaria também nasceu o Festival de Músicas Gaúchas do MOBRAL, coordenado também, pelo professor Edu. A iniciativa movimentou todos os CTGs da cidade e do interior de Passo Fundo. Foi o precursor do FEGART concretizado pelo MTG, mais tarde.

25.

A abertura do ano letivo escolar de 1981 não foi nada bom para as famílias, que deveriam residir no conjunto habitacional da COHAB I. As famílias receberam suas casas do governo, mas não havia escola para os filhos estudarem. Dezenas de famílias se deslocaram, de um ponto e outro da cidade, para morar no novo bairro, sem que tivesse uma escola. Os jornais da cidade estampavam manchetes.

Com a ajuda do Sr. Leopoldo D'Arienzo, então Diretor do empreendimento habitacional em Passo Fundo, da professora Valéria Ghen da Costa e da Secretaria Municipal de Educação, transformamos um prédio que seria destinado a uma creche, numa escola de primeiro grau, séries iniciais.

Uma medida importante para o desenvolvimento da educação em Passo Fundo, se refere à escolha dos diretores das escolas municipais, por meio do voto direto. Passo Fundo foi município pioneiro nesse processo democrático. Só mais tarde, o governo estadual tomou a iniciativa de realizar eleições para a escolha dos diretores das escolas estaduais. Também elaborávamos termos de acordo com a Universidade de Passo Fundo, por meio da Faculdade de Educação. Essa instituição prestava assessoramento técnico-pedagógico a Escola Municipal "Wolmar Antônio

Salton", no que se referia ao planejamento execução e avaliação do processo ensino-aprendizagem. Os resultados obtidos serviam de parâmetro para as demais escolas da rede municipal.

Concentrávamos esforços na área da saúde e nutrição. Periodicamente equipe formada por médicos, odontólogos, nutricionistas se deslocava às escolas de periferia e da zona rural do Município de Passo Fundo para avaliar a saúde das crianças, especialmente das séries iniciais do ensino básico.

Acompanhavam no trabalho, os técnicos e supervisoras de Educação da Secretaria: Virte Dameto, Lucinda Ramos Martins, Terezinha Campos. Acompanhavam, também, os alunos estagiários da Faculdade de Medicina, sob a coordenação do médico Zenóbio Magalhães.

A qualidade na alimentação escolar sempre foi uma meta a ser alcançada pelo Setor de Merenda Escolar da Secretaria Municipal de Educação. A cozinha bem equipada e duas cozinheiras, treinadas para elaborar um bom cardápio nas escolas, era uma preocupação, constante da Prefeitura Municipal. Passo Fundo foi um dos pioneiros do Estado do Rio Grande do Sul que municipalizou a merenda escolar.

No final da década de 70 e no decorrer da década de 80, foi implantado o sistema de transporte escolar no interior do município. O serviço era terceirizado. Termo moderno para a época. Parte das despesas

eram custeadas pelas famílias que possuíam recursos financeiros, parte pela Prefeitura Municipal e isentas aquelas famílias que não podiam pagar. Naquele tempo, as estradas eram péssimas e os meios de transporte eram através de ônibus usados. Os alunos que frequentavam as séries finais do ensino básico, foram estudar nas escolas localizadas nas sedes distritais ou nas comunidades onde havia uma escola com o ensino básico completo.

Por essas e outras experiências pedagógicas, postas em prática em Passo Fundo, e que fomos convidados pelo Ministério de Educação e pelo Ministério de Planejamento do governo federal, cujos ministros eram o General Rubens Ludwwig e Delfin Neto. No Ministério de Educação, junto com outros cincos municípios brasileiros, relatamos a nossa experiência de municipalização do ensino fundamental na zona rural e de periferia urbana. O Pe. Elli Benincá, diretor da Faculdade de Educação da UPF e Presidente do Conselho Municipal de Educação de Passo Fundo, nos acompanhou nesse encontro, em Brasília.

No início da década de 80, pouco se falava em ecologia, meio ambiente. Mesmo assim, montamos um projeto, simples, relacionado ao meio ambiente. Com a ajuda dos técnicos da Unidade Móvel de Iniciação para o Trabalho - UMIT, implantamos um projeto de reflorestamento nas escolas de área do meio rural. Um exemplo a ser lembrado é o da Escola Municipal de 1° Grau "João Rosso" no distrito de São Roque. O projeto

recebeu o apoio do Sindicato Rural, da Faculdade de Agronomia da UPF, da Cooperativa de Passo Fundo–COOPASSO. Os alunos eram os agentes executivos. A Unidade Móvel de Iniciação para o Trabalho-UMIT era uma escola técnica itinerante, móvel. Constituía-se de um grande caminhão, furgão, onde ali eram conduzidos os materiais necessários para a prática agrícola, doméstica e comercial, além das práticas industriais. Os professores eram treinados para o trabalho de cada área de educação acima mencionada. Esse serviço na área da educação serviu de modelo para outras unidades da federação. Autoridades do Estado do Amazonas, aqui estiveram para implantar projeto semelhante, usando barcos, que percorreriam os rios ribeirinhos.

A UMIT concentrava suas ações nas comunidades de Ernestina, Pontão, Mato Castelhano, Sede Independência e Bela Vasta. Era um ensino planejado, atendendo às necessidades do meio rural.

Despertar e desenvolver o espírito cívico nos alunos, que estudavam na rede municipal, tanto do meio urbano como no meio rural, era uma das metas dos nossos projetos educacionais. Alunos e professores, pelo menos, uma vez por semana, cantavamos hinos pátrios e as bandeiras nacional e riograndense eram hasteadas. As datas cívicas eram lembradas nas escolas. Essa atividade foi elaborada com a ajuda da Banda da Brigada Militar e estreitava o vínculo da comunidade com os militares.

Prevendo o aumento da população e substancial crescimento os automóveis na cidade, na década de 1980, elaboramos um programa denominado "Educação para o Trânsito". A ideia envolveu professores, Brigada Militar, Delegacia Regional de Polícia e Universidade de Passo Fundo. Iniciamos com o treinamentodos professores que lecionava mas séries iniciais do ensino básico. A implantação foi gradativa, até atingir as oito séries. O treinamento dos professores foi realizado no salão de atos da UPF, na rua Teixeira Soares. Posteriormente, uma equipe técnica da Secretaria Municipal elaborou um currículo que passou pela aprovação do Conselho Municipal de Educação, em caráter experimental.

A cada ano que se aproximava, aumentava o índice de crianças que deveriam ingressar na primeira série do ensino básico, especialmente nas periferias da cidade. Foi, então, que montamos uma atividade para atender essas crianças, que se preparavam para ingressar na escola. As crianças estavam na faixa etária de 6 a 7 anos de idade. Coordenava as atividades o professor de educação física Francisco Xavier, supervisor da área de Educação Física a nível municipal. Durante um turno escolar, nos meses de janeiro e fevereiro, as crianças das vilas Victor Issler, Bom Jesus e Parque dos Viajantes, realizavam atividades de lazer, esportes, de acordo com a idade, passeio pelo bairro e pelo centro da cidade e recebiam uma alimentação balanceada. Era

uma espécie de "colônia de férias". Os professores se inscreviam na Secretaria de Educação e a preferência era dos professores que concluíam o magistério, a nível de segundo grau. Os professores selecionados recebiam um salário mínimo nacional.

Na década de 80, o tradicionalismo gaúcho passa a conquistar um espaço muito importante na cidade de Passo Fundo. Os centros de tradições gaúchas e o gauchismo, tomavam conta da cidade e do interior. Os CTGs, conquistam troféus nos festivais, nos rodeios que se realizavam na região, a dança gaúcha, parecia que estava na moda, porque surgiam escolas de danças, por todos os cantos da cidade. Aproveitamos esse entusiasmo todo e constituímos uma equipe para elaborar um projeto que introduzia o estudo do folclore e do tradicionalismo no meio escolar. Solicitei ao Prefeito Municipal a contratação da professora Orfelina Vieira, especialista nessa área, para coordenar as atividades. Ao longo de um ano, todas as escolas municipais, especialmente as escolas de periferia, contavam com um grupo de danças folclóricas. Resultado: os centros de tradições gaúchas ficaram fortalecidos. Depois de colocado em prática, o projeto foi levado para debate no 27° Congresso Tradicionalista Gaúcho realizado na cidade de Campo Bom, como uma proposta da 7ª Região Tradicionalista do MTG, sob a coordenação do tradicionalista Arani Paiva. O tema foi amplamente debatido pelos congressistas gaúchos, recebendo o apoio do folclorista Paixão

Cortz, presente no evento.

Um fato que marcou a vida funcional dos professores da rede municipal foi a obediência que o executivo municipal, e o Presidente da Câmara de Vereadores deram à Emenda Constitucional Federal que possibilitava aos professores, ao completar 25 anos de efetivo serviço em regência de classe, se aposentarem, com proventos integrais. Os governos estadual e municipal não obedeciam a legislação, alegando a falta de recursos financeiros.

Em Passo Fundo, não foi assim.

De posse da Emenda Constitucional, fomos ao Prefeito, argumentamos e sugerimos que ele enviasse um projeto de lei à Câmara de Vereadores, concedendo aos professores municipais o direito prescrito na lei federal. O Vereador Miguel Lopes dos Santos, Prefeito em exercício, assinou a Portaria que aposentava 10 professores municipais. A lei municipal que aposentou os professores partiu de um estudo elaborado no gabinete do vereador Odilon Soares de Lima, assessorado pela Secretaria Municipal da Educação. Essa lei, sancionada, teve repercussão em todo o Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul com destaque no Centro dos Professores, cuja presidente, era a professora Zillá Totta, ex-secretária estadual de educação do governo Ildo Meneghetti. Zillá cumprimentou Passo Fundo.

26.

No início do ano de 1982, esteve em visita na cidade o Delegado do Ministério de Educação, professor Hipérides Ferreira. Vinha ele para proferir uma palestra na Faculdade de Educação, a convite da ADESG. O palestrante focalizaria uma atividade prioritária do Ministério: Atendimento às crianças na faixa etária dos 4 aos 6 anos de idade.

Dr. Firmino Duro, prefeito municipal de Passo Fundo, solicitou que eu estivesse presente no evento, uma vez que ele estaria impossibilitado de se fazer presente. Disse-me o prefeito, com aquele jeito simples de falar:

- Vá, professor no evento. Você conhece bem nossas vitórias e as nossas necessidades, na área da educação.

Durante a palestra o representante do Ministério de Educação lançou um desafio aos prefeitos presentes:

"Elaborar projetos eficazes para beneficiar as crianças na faixa etária dos 4 aos 6 anos de idade. E enfatizava o representantedo Ministério: Temos recursos financeiros para serem repassados aos prefeitos de todo o Brasil"....

Catedral Metropolitana de Passo Fundo. Minha família prestigiando o lançamento do livro "De Capela a Catedral". Ano- 2000. As crianças: Joana (no colo), Natália, Fernando, Juliane Luiz Henrique e Luciano. (Foto Moderna)

Enquanto o palestrante dissertava, eu sentado, ouvia, atentamente, os argumentos do professor Hipérides. Eu pensava, comigo mesmo: - “Nós, aqui em Passo Fundo, já estamos realizando o que ele deseja!”...

De fato, nos quatro cantos da cidade atendíamos 3.106 crianças nessa faixa etária, preconizado pelo projeto “Pré-Escola”. Esse projeto foi posto em prática com recurso da Prefeitura Municipal de Passo Fundo. Foi uma tarefa gigantesca. Relatei, na oportunidade, o nosso trabalho ao palestrante. Ele nos disse que iria enviar um convite para irmos ao Ministério de Educação, em Brasília, para relatar a experiência. Fomos e detalhamos o projeto às autoridades educacionais do Ministério.

No dia 3 de junho de 1982 os jornais de Passo Fundo anunciavam a chegada de uma equipe de técnicos do Ministério da Educação, que vinha avaliar o sistema de ensino municipal de Passo Fundo, apontado como um modelo,em todo o território nacional.

27.

As movimentações para as eleições municipais se aproximavam. Os partidos políticos preparavam suas convenções. O PMDB realiza convenção para a renovação da comissão executiva municipal. É eleito o pecuarista Guaraci Barroso Marinho, ex-prefeito municipal, como presidente. Para o cargo de Secretário Executivo os convencionais escolheram o meu nome. Começa, aí, minha vida partidária. Até então, eu só me dedicava, à política educacional. A democracia retornava no Brasil. Haveria, eleições para escolher o governador do Estado, deputados, prefeitos, vereadores. Só não haveria eleição para a escolha do Presidente da República. De uma hora para outra,eu estava envolvido na política partidária. Experiência, nesse campo eu não possuía. Mas, à medida em que o tempo passa, eu ia estreitando o relacionamento com a liderança política do Partido. Fui conquistando, sem perceber, a confiança, dos vereadores do PMDB. Na qualidade de Secretário Geral, eu ia organizando seminários, debates, na sede do Partido, e na Câmara de Vereadores, com a presença dos líderes de bairros. Em consequência passo a me relacionar com Odacyr Klein, Pedro Simon, José Fogaça, Hermes Zanetti, entre outros. Estes nos convidaram para relatar, em Porto Alegre, a experiência educacional do governo do PMDB em Passo Fundo. Fomos, também na cidade de Pelotas, com essa mesma finalidade.

Certo dia eu recebi a visita do dr. João Carlos Bona Garcia. Ele exercia o cargo de Secretário Municipal de Obras Públicas. Desenvolvia um belo trabalho, especialmente nas vilas pobres da cidade. Seu jeito amável de tratar as pessoas, fazia dele um líder. Bona Garcia, como era mais conhecido,voltava do exílio, na Europa. Voltava para sua terra natal, para refazer a vida familiar. Mas os políticos do seu partido, em Passo Fundo, parece que não o receberam muito bem.

Pela sua história, Bona Garcia foi escolhido para disputar, numa sublegenda do PMDB,ao cargo de Prefeito Municipal de Passo Fundo.A legislação eleitoral da época, permitia que cada partido político apresentasse três candidatos, um em cada sublegenda.

Bona Garcia se deparou, com um problema interno no PMDB municipal. Ele não conseguia um companheiro para compor a chapa eleitoral na qualidade de vice-prefeito. Bona trazia consigo, do exílio, um carimbo: "subversivo". Eu, na qualidade de membro da Comissão Executiva, costumava ouvir pelos corredores: -"Vice de Bona, nem falar!" Por outro lado, havia uma expressiva parcela em favor da sua candidatura.

Um dia, recebemos a visita do Bona Garcia em nossa casa. Eu estava tomando chimarrão, à tarde, com a Clair. Logo foi possível perceber que ele externava uma preocuparão. Conversando acerca da campanha eleitoral e da convenção municipal que estava prestes

a se realizar para a escolha dos candidatos, Bona, indignado, disse que, até aquela hora, não tinha um companheiro para disputar o cargo de vice prefeito. Demonstrava uma certa tristeza, por que não dizer uma indignação.

Eu, vendo o estado se desânimo, do amigo, fiz uma pergunta, instintivamente:

- Bona, você aceita o meu nome para compor tua chapa na sublegenda?

Os olhos dele brilharam.

Levantou-se da cadeira, me abraçou e disse:

- Aceito, com muito prazer!

Estava resolvido o problema.

Bona foi para a Convenção e, pelo voto dos convencionais, disputou na sublegenda-1. Isto significava a preferência, no resultado da votação pelos convencionais.

A partir desse fato, solicitei o meu afastamento do cargo de Secretário Municipal de Educação e passo a me dedicar, integralmente, na campanha eleitoral. Nem o Bona, nem eu, tínhamos recursos financeiros para arcar com uma campanha eleitoral. Mesmo assim, fomos à luta, de forma organizada. Procuramos os amigos com influência, dentro e fora do Partido, nos organizamos em pequenos grupos. A

Recebendo o Diploma de Bacharel em Ciências. Jurídicas e Sociais -UPF - 1979, das mãos do Dr. Alberi F.Ribeiro. Local: Cine Pampa

juventude estudantil nos dava apoio, porque éramos caras novas. Eles pintavam muros e postes com o nosso nome. A legislação eleitoral não proibia. As lideranças dos bairros nos davam apoio. Inovamos na forma de fazer propaganda escrita, no rádio e na televisão. Por exemplo: Havia na mídia a propaganda de uma margarina com a marca "Bona". Aproveitamos essa marca para fazer a propaganda do Bona Garcia na televisão. Logo ela foi retirada dos meios de comunicação, a pedido dos nossos adversários. Mesmo assim, valeu a pena, porque a ideia já estava gravada na mente da população. Contávamos com um grupo de jornalistas e publicitários que nos ajudavam gratuitamente, advogados, médicos, arquitetos, jornalistas, professores, líderes de bairros, formavam a nossa equipe, que pensavam a campanha e ajudavam a elaborar o programa de governo, que foi multiplicado, numa síntese, para ser distribuído na cidade e no meio rural. Outra coisa: Inovamos no formato do chamado "santinho". Ele era colorido, atrativo. Ao contrário do "santinho" dos nossos adversários que eram apresentados em preto e branco. Lançamos, também as propagandas em forma de adesivos. Uma novidade, na época. Não havia pesquisas científicas para verificar a tendência do eleitorado, mas havia "enquetes" realizadas, nas ruas da cidade. Estávamos indo muito bem na campanha. Nossos adversários eram fortes, financeiramente.

Lançando o livro "Rio Grande de São Pedro" na Academia Passofundense de Letras. 2014(foto Ferrão)

Nossa candidatura, desabou, desde o dia em que a imprensa da cidade, estampou, no amanhecer, esta manchete:

- “Bona Garcia é subversivo.”

Nossos adversários foram nos porões da ditadura, vasculharam a vida política de Bona Garcia e passaram para a imprensa. Uma notícia, como essa, naquela época, assustou o eleitorado. Perdemos a eleição.

No Estado, Jair Soares, do PDS, ex-ARENA, derrotou o candidato Pedro Simon, do PMDB e o general João Figueredo continuou no cargo de Presidente da República. As oposições, totalmente divididas, em Passo Fundo, foram derrotadas.

A pedido do Prefeito Firmino Duro, reassumi o cargo de Secretário Municipal de Educação, até o final do seu mandato,em março de 1983. Assumiu durante o meu afastamento a professora Neli Formigheri, com muita competência.

O projeto “Folclore e Tradição nas Escolas”, repercutiu não só no Rio Grande do Sul, como também em Brasília, no Ministério da Cultura. O que comprova a nossa assertiva é a correspondência enviada pelo Diretor Nacional do Folclore, órgão ligado ao Ministério e da Fundação Nacional de Arte e Folclore.

Assim dizia a correspondência:

"Para colaborar com Passo Fundo, O Instituto envia a 7ª Coordenadoria do Movimento Tradicionalista Gaúcho, À Secretaria Municipal de Educação e ao Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda, um farto material sobre o Folclore Brasileiro. Também enviamos documentos sonoros, cadernos...

Apoiamos a iniciativa de Passo Fundo por introduzir no currículo escolar o conteúdo de Folclore."...

Por outro lado, o governo do Estado do Rio Grande do Sul inicia os debates sobre a "Educação Pré-Escolar" em Passo Fundo e o Ministério da Educação libera recursos para a Prefeitura de Passo Fundo.

No ano de 1983 quando completei o tempo necessário para a aposentadoria no magistério público estadual, ingressei com o pedido, encerrando, assim, minhas atividades, que começaram na Escola Rural Isolada de Lageado Quebrado, em Palmeira das Missões, no ano de 1953. No entanto, continuei ministrando aulas, como professor, no Instituto de Teologia e Pastoral - ITEPA de Passo Fundo. Desempenhei essa função de 1982 a 1999.

Com pouco mais de sessenta anos de idade, recolhi-me no recesso do lar, para celebrar o matrimônio dos filhos e espera dos netos que deveriam chegar. A Clair e eu passamos a prestar trabalhos voluntários na Paróquia São Judas Tadeu da Vila Luíza, que na verdade, já realizávamos há muitos anos.

Em 1984 eu volto a fazer política envolvendo-me no movimento nacional das “diretas já”! Embora o povo tenha ocorrido às ruas, exigindo a eleição direta para a escolha do presidente da república, o Congresso Nacional, sob a presidência do gaúcho Nelson Marchesan, levou à derrota a Emenda Dante de Oliveira, que reestabelecia a eleição direta, em todos os níveis, no Brasil.

No dia 30 de março de 1984, minha mãe adoeceu e veio a falecer no Hospital SãoVicente de Paulo. Era o dia do seu aniversário. Morria a correntina nascida em Santo Tomé, na Argentina, em, virtude da invasão paraguaia na cidade de São Borja.

Morre dona Joana Nascimento, mulher que, com a graça de Deus, sozinha, soube educar seus dois filhos.

Em 1987 eu tive a oportunidade de voltar às atividades no setor educacional. Sou convidado pelo Secretário Estadual de Educação, para exercer o cargo de Delegado Regional de Educação em Passo Fundo. Governava o Rio Grande do Sul, recém eleito, Pedro Simon. Assumi o cargo numa situação muito difícil. O magistério estava em greve, há mais de sessenta dias.

Em dezembro de 1988 é realizado o enlace matrimonial da nossa primeira filha, Suzana. Seu noivo: Roberth Bernath Böhme. Eles foram morar na rua Paissandu, nas imediações do Colégio Conceição. Lá nasceu nosso primeiro neto, Luis Henrique que,

A Clair com os filhos: Roque, Izabel, Suzana, Magda e João Manoel no dia das mães.

desde menino, se tornou um autêntico gaúcho. Em seguida nasceu Luciano, também filho do casal Suzana e Roberth e, mais tarde nasceram Natália e Rodrigo. Todos, praticamente, passaram a conviver conosco, em virtude do trabalho dos pais, fora de casa.

Izabela, nossa segunda filha mulher, contraiu núpcias com João Francisco de Mattos Filho, passofundense que nos deram duas lindas netas; Juliane e Joana. Eles residem na rua Eduardo de Brito.

Roque, segundo filho homem, casou com a jovem Ana Boscatto, também passofundense. A filha Anabele é a nossa mais nova netinha.

João Manoel, nosso segundo filho homem, reside na cidade de Tramandaí. É bancário. Casou com a jovem Pricila Azevedo, do litoral gaúcho.

Finalmente, completando os enlaces matrimoniais, a caçula da família: Magda. Ela contraiu matrimônio com o jovem Evandro Argenta, de família tradicional da nossa cidade. Seu filho Gabriel, menino ativo e bem educado pelos pais, é a alegria de todos.

Estes são os nossos netos: Luiz Henrique, Luciano, Natália, Rodrigo, Juliane, Joana, Gabriel e Anabele, descendentes das famílias Nascimento, Lisboa, Böhme, Mattos, Boscato e Argenta. Eles, um dia, contrairão matrimônio, acrescentarão outros nomes...

As gerações irão se suceder, construindo a vida, que não pára.

Em 1988 eu ingressei na Academia Passofundense de Letras e, logo em seguida, no Instituto Histórico de Passo Fundo. Intensifico pesquisas em torno da história de Passo Fundo e consigo publicar alguns trabalhos.

28.

Um dos momentos importante da minha vida e da Clair, foi quando ingressamos na Conferência Vicentina São Marcos da Igreja Nossa Senhora da Conceição de Passo Fundo. Lá, conquistamos amigos e amigas e nos possibilita a fazer caridade fraterna, segundo o Evangelho. Quando transferimos residência para a rua Coronel Mostardeiron° 213, em 200l, a primeira visita que recebemos foi a da imagem de Nossa Senhora Conceição. Foi uma bênção de Deus. Com a imagem de Nossa Senhora e com a presença, de mais de uma dezena de famílias, que residem nas imediações do nosso quarteirão, rezamos o Terço, todas as segundas-feiras, às 18 horas.

Estamos construindo a vida com os filhos, com os netos genros, noras e vizinhos, com a comunidade, enfim.

"Isso é muito bom, bom demais", diz o poeta.

Os filhos, depois de uma certa idade, passam a voar sozinhos, como o sabiá, com a graça de Deus. A situação dos pais, tendo recursos, é um fator importante na vida dos filhos. Mas não é o mais importante. Há outros valores que pesam na balança da educação de cada um. O respeito e a obediência, dos filhos para com os pais e destes para com os filhos, são muito importantes na vida.

Nossos netos: Luiz Henrique, Luciano, Gabriel, Natália, Juliane, Joana, Rodrigo e Anabele no colo. (foto Ferrão) 2014

O frei Carlos Mesters, falando a respeito da mulher no contexto da família, disse: - “A mulher já não é mais dominada pelo marido, mas é uma companheira”...

Em Israel, no tempo de Jesus Cristo, quando Ele andou por ali, o matrimônio era um meio de revelar a existência entre Javé (Deus) e o seu povo. A teologia da aliança, muito difundida no Antigo Testamento, principalmente entre os profetas e atinge pontos culminantes no Apóstolo Paulo.

Minha mãe não teve, na vida, o altar do sagrado matrimônio. Mas Cristo sempre esteve presente no seu coração. Certamente, por isso, os atos da sua vida pobre e simples convergiram para a harmonia com seus dois filhos, sem, praticamente, contar com a presença de um pai.

O padre Zezinho, conhecido pelas suas pregações e pelas suas belas músicas, nos diz: - “Uma das doreas mais doidas da vida em família é a dor da mãe solteira.” Minha mãe deve ter tido muitas dores, resignadamente. Já bem cedo, é possível sentir que é pelo amor que podemos descobrir o caminho pela posse definitiva de bem. Mas, na vida, somos constantemente enganados, como fora a minha mãe.

A vida continua.

Hoje, depois de uma caminhada boa, por sinal, a Clair e eu, olhando para trás, percebemos que ela está

Nossa família: Nascimento, Lisboa, Argenta, Mattos, Böhme, Azevedo, Boscato, Bortolini. (Foto Ferrão- 2014)
Em pé: - Evandro, Joana, Juliane, João, Ana, Luiz Henriqu Nicele, Roberth, Luciano, Pricila, Natália.
Sentados: - Magda, Gabriel, Izabela, Roque, Clair, Anabele (colo), Welci, Suzana, Rodrigo e João Manoel.

em construção, Nossos pais, nossos filhos, nossos netos... Descobrimos que é preciso amar a vida que Deus nos deu, mesmo nos momentos de dor. Descobrimos que, para vivê-la precisamos entrar, em comunhão, com Jesus Cristo, com os filhos, com a família, enfim, com nossos irmãos. Descobrimos que a vida é frágil, mas é preciosa. Ninguém consegue odiar a vida. Só os insensatos odeiam a vida. Descobrimos que a vida também é perdão e que ela é uma perpétua renovação da morte e ressureição em Jesus Cristo. Desocbrimos que a esperança pode ser nossa guia e que a vida pode ser uma exploração de alegria. Depois, ao longo dos dias, descobrimos que a família é o lugar mais gostoso para a realização da vida e que a educação dos filhos se faz menos por livros, palavras técnicas ecuradas do que pelo clima em que eles estão envolvidos. Essa comunidade de amor, verdadeira, "igreja doméstica" é onde os filhos poderão assimilar as lições básicas da vida. Mas o egoísmo em suas mais variadas facetas está, profundamente, radicado em todos nós, quer casados ou não. Tolerar, suportar, perdoar exige um esforço continuo. Dez, vinte, trinta, quarenta, cinquenta, sessenta anos de convivência no mesmo lar, exige a busca do aperfeiçoamento conjugal.

Um dia uma filha nos escreveu dizendo assim: "Pai e mãe, a família que nasceu desse casamento gerou bons frutos.

A educação que vocês passaram, especialmente para mim, contribui muito para a minha formação.

Os exemplos posistivos de vida conjugal, de vida familiar, de serenidade ao resolver os problemas foram decisivos.

Vocês mostraram o valor da vida, da amizade, da sinceridade, da compreensão, do perdão, da honestidade, do trabalho...

Deus os abençoe."

Os filhos dos nossos filhos e das nossas filhas,se educados no amor, dirão as mesmas palavras, externarão os mesmos sentimentos que incorporaram dos seus pais. É o que poderemos chamar de transmissão de valores, de geração em geração.

Não podemos esquecer que a presença de Maria, a mãe de Jesus, na família é fundamental. A família não pode estar longe da mãe de Deus."...minha alma, disse ela, glorifica ao Senhor, porque olhou para a humildade de sua serva. De agora em diante, todos me chamarão de mulher abençoada, porque Deus fez grandes coisas por mim..."

Muitos se empenham na construção de uma sociedade justa e fraterna. Que sociedade é essa? É o Reino de Deus. Esse reino transcende e ultrapassa as realizações humanas. Ele, no entanto, poderá começar pelo convívio familiar, no relacionamento esposo esposa, pais e filhos.

Nosso destino neste mundo é o de construir a

vida em bases sólidas, a começar pela vida familiar, mesmo que seja incompleta, como foi a da dona Joana. Ela deu graças a Deus pela vida. A graça é um dom de Deus. É um dom sobrenatural que Ele nos concede. Por isso, o homem de fé se expressa dizendo: - "Dou graças a Deus".

Eu, por ter tido uma mãe e um pai, dou graças a Deus. Por ter, um dia, encontrado a Clair, minha esposa e com ela estar convivendo por mais de sessenta anos, dou graças a Deus, pelos filhos e filhas, obedientes e tementes a Deus, Suzana, Roque, João Manoel, Izabela e Magda, pelos genros e noras, Roberth, Evandro, João Francisco, Ana e Pricila, pelos netos e netas Luiz Henrique, Luciano, Natália, Juliane, Joana, Rodrigo, Gabriel e Anabele. Dou graças pelo meu irmão Wilson, pelos pais da Clair que a geraram. Dou graças pela cidade onde nasci, Palmeira das Missões, pela cidade que me acolheu, Passo Fundo. Por tudo, dou graças a Deus.

O tempo não volta. O que conta é fazer o tempo voltar.

Envelheci, envelhecemos juntos. Ontem 30, hoje 60.

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br

Welci Nascimento, nasceu em 14 de janeiro de 1933, na Cidade de Palmeira das Missões, atualmente reside em Passo Fundo há várias décadas. Aqui ele e sua família consolidaram a vida. Casado com Clair Lisboa em 06 de agosto de 1955, completa, este ano, 60 anos de vida matrimonial. Desse enlace nasceram os filhos: Suzane de Fátima, Roque Gonzales, João Manoel, Izabela Magda. Exerceu o magistério por mais de 40 anos e seus livros abordando a história de Passo Fundo lhe credenciaram para ingressar na Academia Passo-fundense de Letras e no Instituto Histórico de Passo Fundo. É licenciado em Pedagogia e bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade de Passo Fundo do Rio Grande do Sul.

ISBN 978-858326123-0

9 788583 261230

Projeto Passo Fundo
Apoio à cultura